

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências

**O *PROJETO* DE 1895: A ESCRITURA DO RECALQUE NO
NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO**

Elaine Starosta Foguel

**Salvador - Bahia
Julho de 2007**

F656 Foguel, Elaine Starosta.

O projeto de 1895 : a escritura do recalque no novo espírito científico / Elaine Starosta
Foguel. - 2007.

170 f.

Inclui anexo.

Orientador : Profa. Dra. Elyana Barbosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Física; Universidade
Estadual de Feira de Santana, 2007.

1. Ciência-Filosofia 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Bachelard, Gaston, 1884-1962
I. Barbosa, Elyana. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Física. III. Universidade
Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU – 101.1

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências

**O PROJETO DE 1895: A ESCRITURA DO RECALQUE NO NOVO
ESPÍRITO CIENTÍFICO**

por

Elaine Starosta Foguel

Orientadora: Prof^a Dr^a Elyana Barbosa

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia e à Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Área de concentração: Filosofia das Ciências

**Salvador – Bahia
Julho de 2007**

Para Sergio, pelo amor e carinho sempre.

AGRADECIMENTOS

A memória de Bernardo Starosta, meu pai, pelo seu senso de justiça e honestidade.

A Regina Starosta, minha mãe, pela sua alegria, pela sua atenção, e pelo seu amor pelos livros e artes.

A meus filhos Sami Foguel e Flávia Foguel, a minha nora Cláudia Foguel e a meu genro Sergio Ekerman pelo respeito e amor que recebo.

A meu neto Lucca Scavroni Foguel pela alegria que trouxe.

A Elyana Barbosa, minha orientadora nesta dissertação, pela competência, dedicação, amizade, compreensão e gentileza em todos os momentos do trabalho.

Aos colegas Alda Menezes, Ester Guelman, Gerson Pereira, Jairo Gerbase, Maria Fernanda Diniz, Sérgio Souza, Sônia Magalhães por terem me acompanhado no Grupo de Pesquisa em Epistemologia Freudiana no Campo Psicanalítico de Salvador.

“Assim, estamos preparados para descobrir que algumas de nossas suposições não serão confirmadas pela consciência. Se não nos deixarmos desconcertar por tal fato, segue-se desse pressuposto que a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro dos processos neurônicos; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda extensão como inconscientes e cabe inferi-los do mesmo modo que as outras coisas naturais”.

Sigmund Freud, 2003, p.187

RESUMO

O “Projeto para uma psicologia científica” (1895) de Sigmund Freud é um manuscrito no qual seu autor busca formalizar seu recém construído conceito de recalque de acordo com o fisicalismo do século XIX. Ao encontrar, através da escritura deste manuscrito, os limites do fisicalismo para descrever seu objeto, Freud abre mão de tal teoria epistêmica e se dedica exclusivamente à Metapsicologia, fundando e construindo um novo campo epistemológico, a Psicanálise. Essa dissertação evidencia que a Psicanálise faz parte, junto com as demais ciências, do “Novo Espírito Científico”, descrito por Gaston Bachelard em 1936.

Palavras-chave: **recalque, ciências, Projeto para uma psicologia científica, Novo Espírito Científico, Freud, Bachelard.**

ABSTRACT

The Project for Scientific Psychology (1895) by Sigmund Freud is a manuscript in which the author tried to formalize his recently constructed concept of repression in accordance with the XIX century physicalist theory. In the process of writing the manuscript, Freud faces the limits presented by physicalism to describe his object. He gives up the manuscript and turns exclusively to Metapsychology, thereby founding and constructing the new psychoanalytical epistemological field. This paper highlights that Psychoanalysis belongs, among other sciences, to the “New Scientific Spirit” as described by Gaston Bachelard in 1936.

Key-words: repression, sciences, Project for a Scientific Psychology, New Scientific Spirit, Freud, Bachelard.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 O NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO E O ESTATUTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO CONTEMPORÂNEO SEGUNDO GASTON BACHELARD	18
1.1 A ESTRUTURA DA OBRA EM: <i>O NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO</i> DE BACHELARD E A ESTRUTURA DO PRIMEIRO CAPÍTULO DESTA DISSERTAÇÃO	18
1.2 A ENCRUZILHADA METODOLÓGICA	19
1.3 AS CONSEQÜÊNCIAS PARA A CIÊNCIA E PARA A FILOSOFIA DA CIÊNCIA DA GEOMETRIA NÃO-EUCLIDIANA.	22
1.4 O IMPACTO DA TEORIA DA RELATIVIDADE	24
1.5 A MATÉRIA E A ENERGIA RECONSIDERADAS	28
1.6 AS IMPLICAÇÕES DA <i>TEORIA QUÂNTICA</i> NA MENTALIDADE CIENTÍFICA.	31
1.7 O SURGIMENTO DO INDETERMINISMO NA CULTURA CIENTÍFICA, E A ALTERAÇÃO DA NOÇÃO DE OBJETO	35
1.8 A EPISTEMOLOGIA NÃO-CARTESIANA, A QUESTÃO DA COMPLEXIDADE, A QUESTÃO DO REALISMO DE SEGUNDA POSIÇÃO	41
2 SOBRE O “O PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA” (1895)	50
2.1 A CORRESPONDÊNCIA FREUD/FLIESS	50
2.2 SOBRE O PAPEL DE FLIESS NA CONSTRUÇÃO DA PSICANÁLISE	52
2.3 O <i>PROJETO</i> NA CORRESPONDÊNCIA: A EXTENSÃO	56
2.4 AS BASES EPISTÊMICAS DE FREUD NO <i>PROJETO</i>	59
2.4.1 Ernst-Wilhelm Von Brücke (1819-1892): uma escola.	63
2.4.2 Herbart (1776-1841), a teoria da representação, o associacionismo	67
2.4.3 Meynert (1833-1892), o mestre e o momento da ruptura	73
2.4.4 Fechner e a energética	74
2.4.5 Darwin e o fundamento biológico	75

2.4.6	Charcot: “[...] mais ça n’empêche pas d’exister” (GAY, 1989, p.62).	76
3	O ESTUDO DO PROJETO	79
3.1	A ESTRUTURA DO PROJETO	80
3.2	MÉTODO DE ANÁLISE DO PROJETO NA DISSERTAÇÃO	82
3.3	COMENTÁRIOS SOBRE O PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA (1895)	83
3.4	PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA: PONTOS NODAIS E LIMITES.	84
3.5	A CARTA DE FREUD A FLIESS DE 01 DE JANEIRO DE 1986.	127
4	O PROJETO E NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO	129
4.1	A QUESTÃO METODOLÓGICA: O REAL DE SEGUNDA POSIÇÃO.	130
4.2	A ESPACIALIDADE NO PROJETO E AS SUAS CONSEQÜÊNCIAS	137
4.3	A SUBVERSÃO DA CRONOLOGIA: UMA NOVA TEMPORALIDADE NO TRAUMA E NA INTERPRETAÇÃO.	138
4.4	A REVOLUÇÃO DA MATÉRIA NA PSICANÁLISE	140
4.5	A QUESTÃO DA CAUSA: SOBREDETERMINAÇÃO E INDETERMINISMO	142
4.6	A EPISTEMOLOGIA NÃO CARTESIANA E O FREUDISMO	145
	À GUIA DE CONCLUSÃO	147
	REFERÊNCIAS	161
	Anexo A – Tradução da Introdução do livro “La formation du concept de reflexe aux XVII et XVIII siècles”, de Canguilhem.....	167

INTRODUÇÃO

Tomar a noção de recalque [*Die Verdrängung*]¹ que circulava na psicologia alemã desde o século XVIII através dos trabalhos de Herbart, e transformá-la no conceito fundador de uma nova ciência foi o desafio, a tarefa e o êxito de Sigmund Freud.

O epistemólogo francês Georges Canguilhem (1977),² na Introdução a sua obra *La formation du concept de reflexe*, afirma que tanto a história da ciência, quanto a epistemologia, ao pesquisarem a formação de um conceito, devem distinguir entre: a descrição do fenômeno; o estudo experimental e as ligações funcionais; a formulação do conceito; a generalização do conceito em uma teoria. Neste mesmo texto, ele chama a atenção para um *preconceito* muito difundido na história da ciência, de que um conceito só pode aparecer no contexto de uma teoria, o que obviamente contradiria o esquema acima, no qual a teoria é a última etapa da generalização. Este direcionamento, além de esclarecer que, nas ciências, *o mesmo* conceito sofre mudanças nas suas diferentes etapas de construção, também avalia a possibilidade de examiná-lo numa etapa determinada pelo estudo: deste modo, aqui o conceito de recalque será tomado na sua alvorada, entre os anos 1893 e 1895, quando era considerado uma defesa psíquica diante da dor emocional.

A palavra *recalque* [*Die Verdrängung*] surge no texto freudiano desde cedo, a partir das observações e tratamentos dos sintomas psicopatológicos das pacientes histéricas. O particípio *recalcado*, *verdrängt*, surge pela primeira vez em 1893 no artigo “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar”, escrito por Freud e Breuer e que integra o volume intitulado *Estudos sobre histeria*, onde se pode ler:

[...] encontram-se aqueles casos nos quais os pacientes não reagiram a um trauma psíquico porque a natureza do trauma excluía uma reação, como no caso da perda irreparável de um ente querido, ou porque se tratavam de coisas que o paciente

¹ O vocábulo, desde Herbart até Freud, é *Verdrängung*. Recebe três traduções para o português: *repressão*, *recalque*, *recalcamento*. Nas citações será mantido o vocábulo do texto citado. Nas outras ocasiões será usado o vocábulo *recalque* para designar a operação de *Verdrängung* freudiana.

² Vide a tradução feita pela autora desta *Introdução* no Anexo A no final desta dissertação.

desejava esquecer e, portanto, intencionalmente reprimiu (FREUD, 1974, v.2, p.51).

Segundo o editor inglês James Strachey, na Nota 1 da Parte II desse artigo, no trecho acima, o vocábulo é utilizado no sentido psicanalítico pela primeira vez. Neste contexto, o termo indica um mecanismo psíquico central na teoria do trauma. Ainda segundo o editor: “Neste período a *repressão* [recalque] foi utilizada como equivalente de *defesa*” (STRACHEY, 1974, v.2, p.51). Em outras palavras, pode-se dizer que nesta passagem *nasce* o conceito.

Neste mesmo trabalho, no caso clínico de Elisabeth Von R, lê-se que:

O resultado deste conflito foi que a idéia erótica foi reprimida da associação e a emoção ligada àquela idéia foi utilizada para intensificar ou reviver uma dor física que achava presente simultaneamente, ou pouco antes. (FREUD, 1974, v.2, p.196)

Em muitas passagens, como a citada acima, o termo *reprimido* aparece acompanhado pelo advérbio *intencionalmente* ou *deliberadamente*. Em 1894, no artigo “As neuropsicoses de defesa”, Freud esclarece que há um *motivo* para o ato de recalque, e começa a elucidar que a existência do *motivo* não implica intenção consciente.

Em 1896, em “Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa”, o recalque já se apresenta como um mecanismo inconsciente, isto é, não passa pela deliberação racional, nem pela decisão consciente de suprimir um pensamento e/ou uma imagem. É importante reparar que, de 1894 a 1896, houve mudanças científicas decisivas no desenvolvimento do freudismo, impulsionadas pelo abandono das hipóteses de Breuer sobre a origem da histeria; pelo ultrapassamento da Psicologia científica do *Projeto* e, sobretudo, pela insistência do próprio Freud na purificação empírica, no tratamento das neuroses, das suas hipóteses sobre sua etiologia sexual. O abandono da hipnose nos tratamentos e a inauguração da associação livre foram fatores decisivos para a observação, através da escuta, dos mecanismos de defesa, levando a um progressivo esclarecimento do *recalque*.

Também “Nos Estudos sobre Histeria” de 1895, na Parte IV intitulada “A psicoterapia da histeria”, Freud descreve a dinâmica das resistências e das defesas do paciente:

Que espécie de força poder-se-ia supor que atuava aqui, e que motivo poderia tê-la posto em ação? [...] a partir destes exemplos reconheci uma característica universal de tais idéias: eram todas de natureza aflitiva, capazes de despertar emoções de vergonha, de auto-censura e de dor psíquica e o sentimento de estar sendo prejudicado, eram todas de uma espécie que a pessoa preferiria não ter experimentado, que antes preferiria esquecer. De tudo isto surgiu, como que automaticamente, o pensamento de defesa [...] a idéia se tornara patogênica precisamente em consequência de sua expulsão e repressão [...]. (FREUD, 1974, v.2, p.325-326).

Nesse artigo, Freud descreve o modo de construção científica que o levou ao conceito: ao abdicar do método hipnótico, por não ter encontrado nele os efeitos almejados, e também porque nem todos os pacientes eram hipnotizáveis, ele criou uma nova técnica: “[...] dizia aos pacientes que se deitassem e deliberadamente fechassem os olhos a fim de se concentrarem”. Ele relata que surgiram imagens e lembranças, muitas delas do passado. “Experiências como esta me fizeram pensar que seria de fato possível trazer à luz, por mera insistência, os grupos patogênicos de idéias [...]”. (FREUD, v.2, p.325, 1974).

Nesses trechos dos primórdios da teoria psicanalítica, transparece o movimento pendular, com influências recíprocas e constantes, entre a experiência clínica e a construção da teoria. A criação de novas técnicas mais adequadas possibilitou a observação dos mecanismos psíquicos em jogo na formação do sintoma neurótico, principalmente da existência e da função do recalque.

Neste primeiro tempo, já se encontram os elementos que fundamentariam o edifício da teoria psicanalítica na sua complexidade: o conflito intrapsíquico, o recalque da representação, a sexualidade como fator de conflito, a associação de pensamentos inconscientes, o deslocamento do afeto, a conversão. Porém ainda não poderia haver a densidade de articulação estrutural que encontraria duas décadas depois, no artigo denominado “A Repressão” [*Die Verdrängung*] (1915), na tradução da obra Standard brasileira.

Nesse artigo, o *conceito* de recalque está articulado como *teoria* e faz parte da coletânea dos cinco *Artigos sobre Metapsicologia* (1915)³ canônicos para a psicanálise, uma vez que este conceito, especificamente, não sofrerá mais modificações na construção freudiana. Sua teoria atingirá um estatuto inovador e revolucionário no pensamento humano, ao descrever o *Recalque Primário* [*Urverdrängung*] como pedra angular do funcionamento mental do Inconsciente, lugar inacessível e excluído do pensamento, da fala, da imagem e da significação, isto é, das representações. Não era este, obviamente, o estado do conceito em 1895.

Nesta data, Freud desejava apreender e articular o funcionamento do fenômeno de *recalque* que observava na clínica; ele vislumbrava uma teoria para a sua nova psicologia, aquela que teria que incluir o recalque e as defesas tanto para os psiconeuróticos como para os *normais*. Isto o levou a redigir um manuscrito – *O Projeto para uma psicologia científica* - paralelamente à corrente epistemológica dos textos que ele escrevia simultaneamente, sendo alguns a quatro mãos, com o médico Joseph Breuer, como já mencionado.

Com este manuscrito, Freud se aventurou numa construção neuropsicológica na esperança de fazer coincidir as funções psicológicas – e as metapsicológicas também – a um substrato neuronal animado por quantidades de energia. Como ele mesmo dirá no início do *Projeto para uma psicologia científica* - doravante *Projeto* ou *Manuscrito*, o objetivo era produzir um documento para as *Ciências da Natureza*. Ele almejava uma “base orgânica” (FREUD, 1986, p.327) para as observações clínicas que vinha efetuando nos atendimentos a pacientes psiconeuróticos há quase dez anos.

Porém, à medida que se deparava com a complexidade do objeto que trazia à luz – o *recalcamento*, *as defesas* e o conseqüente funcionamento mental *inconsciente* - Freud se viu constrangido a abandonar o *Projeto*. Ele passou, então, a construir um corpo teórico que pode ser avaliado, epistemologicamente, como tendo seguido o caminho do *novo espírito científico*. Deste modo, a presente dissertação almeja mostrar que a psicanálise freudiana se inscreve, desde a sua formação primeira, como um *movimento científico contemporâneo*.

³ O instinto e suas vicissitudes, Repressão, O inconsciente, Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos, Luto e melancolia.

Na sua obra *O novo espírito científico*, de 1934, Bachelard analisa que, ao fazer a síntese necessária entre o realismo e o racionalismo, a ciência contemporânea mantém um *vetor epistemológico*: “Ele vai seguramente do racional ao real e de nenhum modo, ao contrário, da realidade ao geral como professavam todos os filósofos desde Aristóteles até Bacon” (BACHELARD, 2000, p.13). Este mesmo epistemólogo, noutra obra, *A formação do espírito científico*, distingue três grandes períodos ou etapas no pensamento científico: o primeiro vai da Antiguidade Clássica até o século XVIII; o segundo é o estado científico que se preparou no século XVIII, adentrou o XIX e o início do XX. Por último,

Em terceiro lugar, consideraríamos o ano de 1905 como o início da era do *novo espírito científico*, momento em que a Relatividade de Einstein deforma conceitos primordiais que eram tidos como fixados para sempre. A partir desta data, a razão multiplica suas objeções, distorce e religa as noções fundamentais, propõe as abstrações mais audaciosas. (BACHELARD, 1996 [1938] p.9).

Este terceiro período se caracteriza pelo estado abstrato “[...] em que o espírito adota informações voluntariamente subtraídas à intuição do espaço real, voluntariamente desligadas da experiência imediata e até em polémica declarada com a realidade primeira, sempre impura, sempre informe”. (BACHELARD, 1996, p.11-12).

Também a construção da psicanálise implicou um *novo campo da ciência*, distinto da fisiologia, da neurologia, da psiquiatria, da psicologia, da filosofia e mesmo da biologia, que haviam servido de bases epistêmicas para Freud. E do mesmo modo a psicanálise terá que construir seu campo de experiência através do aprimoramento do dispositivo da sessão psicanalítica, aí incluindo o fenômeno da transferência.

Quanto ao *Projeto*, há nele dois resultados científicos simultâneos e contrários: ele foi um *fracasso* que implicou um *êxito*. A intenção de construir uma Psicologia fisicalista, de acordo com os postulados e leis estabelecidos por seu autor, não foi atingida e levou ao abandono da tarefa, como se examinará no Capítulo 3 deste trabalho. Por outro lado, o êxito foi plural: através do *Projeto*, Freud se viu obrigado a abrir mão do fisicalismo; localizou os pontos de dificuldade

de articulação da sua nova teoria em construção; reforçou a necessidade de formalizar um novo campo; certificou-se de que tal teoria não era apropriada para descrever os fenômenos do recalque e das defesas inconscientes.

Qual é, então, o sentido epistemológico de abordar um texto abandonado pelo próprio autor? O historiador e epistemólogo Alexandre Koyré, no seu artigo “Orientation et projets de recherches”, destaca, entre outras, três características que os estudos sobre o pensamento científico devem visar, a seguir enunciadas.

Primeiro, observar o caminho deste pensamento no movimento de sua atividade criadora, isto é, localizado no seu tempo: “A cet effet, il est essentiel de replacer les œuvres étudiées dans leur milieu intellectuel et spirituel, de les interpréter en fonction des habitudes mentales, des préférences et des aversions de leurs auteurs”⁴ (KOYRÉ, 1973, p.14). *Segundo*, é fundamental descrever o modo como um pensamento científico se situa em relação aos pensamentos que o precederam. E *terceiro*, é dever de ofício “[...] étudier les erreurs et les échecs avec autant de soin que les réussites. Les erreurs d’un Descartes et d’un Galilée, les échecs d’un Boyle et d’un Hooke ne sont pas seulement instructifs; ils sont révélateurs des difficultés qu’il a fallu vaincre, des obstacles qu’il a fallu surmonter”⁵ (KOYRÉ, 1973, p.14).

O estudo dos *fracassos* é ainda mais incentivado pelo historiador numa conferência de 1961, “Perspectives sur la histoire des sciences”, na qual afirma que os fracassos podem ser mais reveladores do que os acertos, e que não devem ser desprezados. Alerta ainda para a frequência dos fracassos, conferindo a eles certa *dignidade* epistemológica: “La route vers la vérité est pleine d’embûches, et parsemée d’erreurs, et les échecs y sont plus fréquents que les succès. Echecs, d’ailleurs, aussi révélateurs et instructifs parfois que les succès. Aussi aurions-nous tort de

⁴ Para isto, é essencial situar as obras estudadas no seu lugar intelectual e espiritual, de as interpretar em função dos hábitos mentais, das preferências e das aversões de seus autores. (Tradução da autora).

⁵ [...] estudar seus erros e seus fracassos do mesmo modo que seus sucessos. Os erros de um Descartes ou de um Galileu, os fracassos de um Boyle e de um Hooke não são somente instrutivos; são reveladores das dificuldades que não foram dominadas, dos obstáculos que não foram superados. (Tradução da autora).

négliger l'étude des erreurs – c'est à travers elles que l'esprit progresse vers la vérité. L'*itinerarium mentis in veritatem* n'est pas une voie droite”⁶ (KOYRÉ, 1973, p.399).

As três *tarefas* que Koyré descreve e mesmo prescreve constituem um *farol* na análise do *Projeto*: é fundamental situar o texto no momento da sua criação, descrever as principais bases epistêmicas que se revelam através dos postulados e argumentações do *Manuscrito*, e sublinhar os limites internos do desenvolvimento dos argumentos que implicaram seu abandono. No final do ano de 1895, ao renunciar ao *Projeto* e, com ele, ao fisicalismo, Freud se entrega à construção de sua nova ciência, a *metapsicologia*, como a denomina em 2 de abril de 1896, numa carta a Fliess: “De um modo geral tenho feito bons progressos na psicologia das neuroses e tenho todos os motivos para estar satisfeito. Espero que você me empreste sua escuta também para algumas perguntas *metapsicológicas*” (FREUD, 1986, p.181).

Ele trabalha numa velocidade surpreendente: em 1900, publica *A interpretação dos sonhos*; em 1901, *A psicopatologia da vida cotidiana*; em 1905, os *Três ensaios sobre a sexualidade* e *Os chistes e sua relação com o Inconsciente*, fora outros artigos e casos clínicos também importantes. As bases do freudismo se constituíram e foram divulgadas na primeira década do século XX, na mesma época em que Einstein e Planck lançavam as bases da nova física que revolucionaria as ciências.

O objetivo desta dissertação é erguer uma *ponte* entre as descrições metodológicas do *novo espírito científico* e a construção da psicanálise por Freud, com o objetivo de propor que também a psicanálise faz parte do *novo espírito* que contaminou as ciências no final do século XIX e eclodiu nas novas teorias a partir do ano de 1905.

Almeja-se evidenciar: a) que a psicanálise é um conhecimento rigoroso; b) sob a forma de teorias *complexas*; c) construído sobre um *realismo de segunda posição*, no caso, a entrevista psicanalítica, d) no qual o objeto de pesquisa é submetido a uma *estrutura artificial* – no caso da

⁶ “O caminho em direção à verdade é pleno de emboscadas e pavimentado de erros, e os fracassos nele são mais frequentes que os sucessos. Fracassos, de outro modo, tão mais reveladores e instrutivos às vezes que os sucessos. Também evitemos negligenciar o estudo dos erros – é através deles que o espírito progride em direção à verdade. O *itinerarium mentis in veritatem* não é uma estrada reta . (Tradução da autora).

psicanálise, as regras éticas da psicanálise ditadas por Freud; e) que este conhecimento necessita de *escrituras específicas* para ser formalizado e calculado, no caso da psicanálise as diversas escrituras perseguidas por Freud, sendo a primeira delas o *Projeto para uma psicologia científica*; f) que nunca se deixou iludir pela possibilidade de acesso imediato ao fenômeno, no caso da psicanálise, a construção freudiana de métodos de acesso lingüístico aos conteúdos recalcados; g) que não se arvora a nenhum ideal de simplicidade; h) nem na pesquisa, que Freud retificou o tempo todo, do início de seu trabalho, em torno de 1885, até a sua morte em 1936; i) nem nos aspectos teóricos, que clamam por uma *sobredeterminação* enredada das causas da neurose. A teoria freudiana também inova epistemologicamente na consideração da j) *temporalidade* dos eventos psíquicos e l) da *espacialidade* do Inconsciente; nem uma nem outra podem ser descritas pela racionalidade cartesiana.

Os capítulos que se seguem tratarão de demonstrar no texto freudiano, principalmente naqueles contemporâneos à descoberta do recalçamento, de que forma a psicanálise também instaurou uma *nova racionalidade* na cultura científica no final do século XIX e início do século XX, a partir do rigor metodológico de Sigmund Freud.

O *primeiro capítulo* estuda o livro de Gaston Bachelard *O novo espírito científico* e busca nele destacar as características da nova racionalidade citadas pelo epistemólogo.

O *segundo capítulo* situa o Projeto no seu tempo, na carreira de Freud e na correspondência entre Freud e Fliess.

O *terceiro capítulo* descreve as principais bases epistêmicas presentes no Projeto.

O *quarto capítulo* faz uma leitura do texto do Projeto, buscando sublinhar os limites que seu autor encontrou ao desenvolver suas idéias gerais. É um exame das relações internas das idéias e desenvolvimentos lá contidos, e dos impasses lógicos e científicos que terminaram por provocar seu engavetamento.

1 O NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO E O ESTATUTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO CONTEMPORÂNEO SEGUNDO GASTON BACHELARD.

Felizmente para mim, todas estas teorias precisam fluir para o estuário clínico do recalçamento, onde tenho oportunidades diárias de ser corrigido ou esclarecido. (FREUD, 1986, p.149)

1.1 A ESTRUTURA DA OBRA EM: *O NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO* DE BACHELARD.

O primeiro capítulo desta dissertação quer ressaltar, a partir do livro de Gaston Bachelard, *O novo espírito científico*, publicado em 1934, os pontos de ruptura na cultura das ciências no início do século XX em relação à ciência moderna e à epistemologia cartesiana.

A obra de 1934 é composta de uma *Introdução* seguida de seis capítulos que serão aqui estudados nesta mesma ordem. Bachelard situa, uma a uma, as doutrinas que fizeram parte da revolução desencadeada a partir do final do século XIX. Neste arrolamento, ele pinça as características que as novas teorias impingiram ao espírito científico, características estas que interessam a esta dissertação.

A *Introdução* “A complexidade essencial da filosofia científica. Plano da obra” versa sobre as questões filosóficas da metodologia científica nos novos tempos, que Bachelard chama de *encruzilhada metodológica*.

O *Capítulo I* trata sobre as conseqüências irreversíveis para a matemática e para a mentalidade científica racional a partir dos desenvolvimentos da *geometria não-euclidiana* de Lobatchewsky.

O *Capítulo II* discorre sobre os impactos da *Teoria da Relatividade* no espírito científico e na pesquisa subsequente.

O *Capítulo III* preocupa-se com a aplicação do conceito de relatividade nos corpos muito pequenos e mostra de que forma a microfísica e a química se encontram nesta relação.

O *Capítulo IV* sublinha os impactos da *Teoria Quântica* na concepção da matéria e na visão científica do seu objeto de estudo.

O *Capítulo V* versa sobre o Determinismo como uma consequência filosófica central da física newtoniana e descreve o *Indeterminismo* que se contrapõe quando a ciência toma o rumo contemporâneo descrito nos capítulos anteriores.

O *Capítulo VI* é também o desfecho conclusivo da obra, no qual Bachelard expõe sua tese fundamental da *epistemologia não-cartesiana*. Este último capítulo responde à discussão metodológica da Introdução, ao demonstrar que a encruzilhada metafísica busca uma conciliação – que, pela sua natureza, não se resolve plenamente – nos juízos sintéticos *a priori*.

Segue-se a leitura comentada do livro.

1.2 A ENCRUZILHADA METODOLÓGICA

Em 1934, na Introdução a sua obra *O novo espírito científico*, Gaston Bachelard esclarece os fatos da ciência e da filosofia que regem sua posição epistemológica concernente aos desenvolvimentos da ciência no final do século XIX e no início do novo século no Ocidente.

Ele denomina de *novo espírito* à mentalidade formada a partir das alterações *metodológicas e conceituais* que resultaram na ciência contemporânea e que merecem uma avaliação da filosofia da ciência devido à magnitude e à importância das mudanças que acarretaram. Para alicerçar sua avaliação, Bachelard afirma que o fazer da ciência contemporânea não se presta nem à simplificação, nem à síntese na sua relação entre a posição realista e a racionalista, sendo que a relação entre os dois movimentos da construção do pensamento científico se afirmará *distinta* do agnosticismo positivista e das tolerâncias pragmáticas. Bachelard

conclama, então, o leitor a abandonar qualquer esperança de simplificação e síntese na abordagem do método de construção do conhecimento na contemporaneidade.

O surgimento da ciência contemporânea colocou tanto o cientista quanto o filósofo da ciência numa “encruzilhada metafísica” (BACHELARD, 2000⁷, p.17), e mesmo numa “impureza metafísica” (BACHELARD, 2000, p.12), na qual os dois movimentos de construção da ciência mantêm uma relação complexa, sofisticada e complicada.

A encruzilhada não é resolvida por uma escolha entre as duas posições – o realismo e o racionalismo - mas pela sustentação da *impossibilidade* da escolha. O fazer científico se desenvolve pela manutenção estreita e enredada entre teorização e experimentação, e se sustenta numa *conciliação*.

No entanto, adverte o autor, há um *vetor* que aponta *da* construção racional *para* a realização. As hipóteses de trabalho ascéticas e prévias entraram em decadência com o advento desta revolução na ciência, e o real passou a ser sempre abordado *a priori* pela razão. Segundo Elyana Barbosa, (2002, p.27)

É a partir destas revoluções, principalmente com o comportamento dos elementos infinitesimais, que começa a aflorar a novidade por eles trazida. Ninguém melhor do que Gaston Bachelard para ilustrar esta ocorrência. Pela análise do funcionamento destes elementos, percebemos a impropriedade do discurso epistemológico proferido por quem está fora do campo científico. Neste momento, a ciência se configura como prática científica, exigindo um modo específico de trabalhar, o que impossibilita a generalização.

Além disto, o real, na ciência contemporânea, necessita ser qualificado: nada há de ingênuo ou de imediato nele. Na contemporaneidade, o real é construído no laboratório do cientista, sendo a palavra *construção* o núcleo e a chave do andamento destes conhecimentos: o cientista *constrói* uma teoria, *constrói* ferramentas através das quais *constrói* o laboratório e purifica o objeto; no laboratório, ele experimenta e testa suas teorias, neste real por ele edificado, denominado por Bachelard de “realismo de segunda posição”. (BACHELARD, 2000 , p.14).

⁷ A edição referenciada neste trabalho é a da tradução brasileira de 2000, publicada pela Editora Tempo Brasileiro, Biblioteca Tempo Universitário, tradução de Juvenal Hahne Júnior.

O real imediato, que aturdira os antigos e os modernos, é um pretexto do pensamento científico; o objeto da ciência contemporânea difere da *coisa em si* com a qual a ciência não se ocupará; a teoria e o experimento determinam, estudam e formalizam o objeto, só acessível desta maneira.

Filosoficamente, o real passa a se aproximar mais do *noumeno*⁸ do que do *fenômeno*. Este último é acessado indiretamente e se tornou um “pretexto para o pensamento científico” (BACHELARD, 2000, p.14)

Nesta espécie de *declaração de princípios* da sua epistemologia, se sobrestai que “[...] esta novidade é profunda, porque não é a novidade de um achado, mas a novidade de um método” (BACHELARD, 2000, p.16).

O método é *responsabilizado* pelos novos achados que, por sua vez, clamaram pela mudança de método. Desta forma, teoria e experiência encontram-se numa relação tão intrincada que o epistemólogo terá que aceitar os novos modos de relação do racionalismo com o realismo.

Tal mudança metodológica que comportou numa mudança na mentalidade científica possibilitou que a física e a geometria alçassem uma nova posição mais além da matemática e das ciências clássicas. Para Bachelard, no entanto, esta ultrapassagem de paradigma não significou nem extinção, nem contradição em relação às teorias do classicismo newtoniano, mas sim uma ampliação, uma totalização, uma pan-geometria.

Conciliação, flexibilização, pedagogia da ambigüidade são os termos que Bachelard emprega para descrever a possibilidade de avaliação tanto do “dualismo inscrito na história da ciência” (BACHELARD, 2000, p.21) como das novas doutrinas em si mesmas. Esta nova posição metodológica diante do objeto da ciência não poderia deixar de acarretar conseqüências na abordagem filosófica do *ser*. Nas palavras ao mesmo tempo exatas e poéticas do filósofo, lemos que:

⁸ *Noumeno*: “[...] transcrição feita do grego por Kant, utilizada por Platão ao falar das Idéias (*Timeu*, 51 D). [...] Realidade inteligível, objeto da razão, oposta à realidade sensível; e, por conseguinte, realidade absoluta, coisa em si: porque a tradição platônica, reforçada pela oposição cristã entre o mundo sensível e o mundo espiritual, identifica o conhecimento vulgar à aparência e à ilusão, o conhecimento racional ao pensamento das coisas tais como elas são”. (LALANDE, 1999, p.741-742)

Com toda a evidência, o cientista não pode mais ser realista ou racionalista à maneira dos filósofos que acreditavam poder, sem dificuldade, se colocar perante o Ser apreendido, ou bem em sua prolixidade externa, ou bem em sua unidade íntima. Para o cientista, o Ser não é apreendido num bloco nem pela experiência, nem pela razão. É preciso que o epistemólogo dê conta da síntese mais ou menos móvel da razão e da experiência, mesmo quando esta síntese se apresentasse filosoficamente como um problema desesperado. (BACHELARD, 2000, p.22)

A partir desta avaliação ele nomeia a epistemologia de *não-cartesiana*, como uma conseqüência inevitável e necessária de tamanha transformação na mentalidade científica.

1.3 AS CONSEQÜÊNCIAS PARA A CIÊNCIA E PARA A FILOSOFIA DA CIÊNCIA DA GEOMETRIA NÃO-EUCLIDIANA.

Um grande impacto ocorreu na racionalidade matemática no momento em que o quinto postulado de Euclides foi contestado pelos matemáticos no século XIX.

O aparecimento de uma geometria não-euclidiana por volta de 1850 trouxe difíceis questões a respeito da coerência e consistência entre teoria e experimento e, ao mesmo tempo, abriu novas possibilidades no pensamento científico; a nova geometria introduziu uma “reforma psicológica” (BACHELARD, 2000, p.26) no pensamento científico do século XX.

O quinto postulado de Euclides declara que uma e somente uma linha paralela pode ser traçada através de um ponto que não esteja na linha. Este postulado sustentou a geometria ocidental que, durante 2000 anos, permanecera intocada. D’Alambert (1717-1783) já considerava o quinto postulado de Euclides como um teorema a ser demonstrado, independentemente da aparente constatação de que as paralelas existem; Taurinus (1794-1874) estudou os círculos sobre a esfera e viu que estes possuíam propriedades semelhantes às da reta no plano; era o início do não-euclidismo, que prenuncia uma abertura na matemática.

O matemático e astrônomo russo Nicolai Lobatchewsky (1792-1856) expôs, a partir de 1826, sua *Geometria Imaginária*; nela, ele não tentou demonstrar o quinto postulado de Euclides como um teorema; ao invés disto, estudou uma geometria na qual o referido postulado *não se aplicava de forma necessária* e categorizou Euclides como um caso especial de uma geometria mais geral, a *pan-geometria*. Desta forma, o euclidismo encontrou um lugar num conjunto, como um caso particular das geometrias, e não mais como a única visão geométrica, ou como a única que se coadunava com o real: o euclidismo não foi negado, mas sim ampliado. Criou-se assim uma geometria generalizada.

A intuição deste espaço não-euclidiano não é imediata, e é com esforço imaginativo e intuitivo que os sentidos humanos o podem conceber: Freire Júnior esclarece que este espaço é curvo e que é necessário um esforço de intuição: “A melhor imagem que podemos fazer disto é imaginar uma situação na qual só pudéssemos nos deslocar ao longo da superfície de uma esfera. Neste caso, a menor distância entre dois pontos não seria uma reta, mas sim, uma curva”. (FREIRE Jr., 2002, p.294).

O não-euclidismo consistiu na “depuração de uma noção pura, na simplificação de uma noção simples” (BACHELARD, 2000, p.28), o que pode parecer um paradoxo; o que ocorreu, no entanto, foi a transposição do que parecia um fenômeno *irredutível, puro*, mas que *a posteriori* foi avaliado como uma visão ingênua, ou pelo menos imediatista e parcial. A discussão sobre o realismo matemático migra para dentro das relações e aplicações matemáticas entre si. Nesta nova *psicologia*, o *realismo* toma o lugar da *realidade*.

A consistência e a coerência – o *realismo possível* – do pensamento serão obtidas através da álgebra que “reunirá todas as relações e nada mais do que relações [...]. É enquanto relações que elas têm uma realidade e não por referência a um objeto, a uma experiência, a uma imagem da intuição” (BACHELARD, 2000, p.31). O objeto não é mais o ponto de partida das relações; o real matemático não está no nível do objeto que será doravante descrito por uma série de relações matemáticas interconectadas.

Desta revolução surge necessariamente a indagação sobre a crença na realidade imediata *versus* a convicção de que “se encontrará mais no real oculto do que no dado evidente” (BACHELARD, 2000, p.33). Neste movimento “as coisas não são mais do que letras”

(BACHELARD, 2000, p.33). Bachelard adverte, no entanto, que persiste uma evocação à realidade, que as fórmulas algébricas encontram valor semântico e significado; que elas não existem sem referência à experiência.

Ainda nesta revolução das matemáticas – e lhe dando sustentação – ,encontra-se a *Teoria dos Grupos*, na qual cada geometria pertence a um conjunto específico de transformações e de operações. Através desta teoria se mantém a dialética entre a investigação racional e a experiência física, com a supremacia do racional tanto na pan-geometria, quanto na física matemática, nas quais a “demonstração precede a constatação” (BACHELARD, 2000, p.35)

Numa *inversão metodológica* em relação à ciência moderna precedente, a escolha inicial do conjunto no qual se vai trabalhar determina o conhecimento científico e o objeto real. A experimentação, assim, é dependente da “construção intelectual anterior, procura-se do lado do abstrato as provas da coerência do concreto” (BACHELARD, 2000, p.39). Esta geometria, *prematura* para a física de seu tempo, encontrou seu destino no século que viria, com os desenvolvimentos da relatividade, entre outros. Na sua Conferência de 1923, referente ao Prêmio Nobel da Física de 1921, Einstein diz que:

If we turn our attention to experimental physics we see that there the coordinate system is invariably represented by a "practically rigid" body. [...] The question whether Euclidian geometry is valid becomes physically significant. (EINSTEIN, 1921)⁹

1.4 O IMPACTO DA TEORIA DA RELATIVIDADE

Do mesmo modo, a inovação de Albert Einstein (Alemanha, 1879, Estados Unidos, 1955) afetou a estrutura do pensamento científico, principalmente levando em consideração que a Teoria da Relatividade *não* foi derivada do sistema de Newton. A visão de mundo era, até

⁹ “Se voltarmos nossa atenção para a física experimental, vemos que nela o sistema coordenado é invariavelmente representado por um corpo “praticamente rígido”. A questão de saber se a geometria euclidiana era válida tornou-se fisicamente significativa [...]”. Einstein, 1921. (Tradução nossa).

então, newtoniana, e nada nela podia prenunciar a Teoria da Relatividade. “Não há, portanto, transição entre o sistema de Newton e o sistema de Einstein” (BACHELARD, 2000, p.44).

Ao contrário, para passar de um ao outro foi, e ainda é, necessário um grande esforço: de Newton para Einstein há mais ruptura do que continuidade. A ciência chegará à conclusão de que o sistema de Newton é um caso particular da pan-astronomia de Einstein na mesma relação, mencionada acima, entre a geometria de Euclides e a pan-geometria de Lobatchewsky. A Teoria da Relatividade veio a público em 1905, através da publicação de um trabalho sobre a Relatividade Restrita. Neste mesmo ano denominado de “o ano miraculoso” (RIBEIRO FILHO, 2002, p.310), Einstein publicou mais dois artigos inovadores.

O método envolvido na relatividade não é o de indução amplificadora – a relatividade não amplifica a mecânica clássica, mas sim o de uma *indução transcendente*. Deste modo, somente *a posteriori* a física de Newton pode ser considerada um caso particular da física de Einstein, mas esta última não poderia ter evoluído *naturalmente* da primeira. A relatividade nasceu no momento quando a física colocou em questão a noção de *simultaneidade*: por exemplo, dois trens partem *no mesmo momento* de uma cidade para a outra em sentidos opostos. Como provar a simultaneidade sem apelar para a intuição e/ou para o improvisado?

Para estabelecer a localização de um evento, por exemplo, um acidente, a física clássica usa “quatro quantidades: a latitude, a longitude, a altitude sobre o nível do mar e o momento em que se deu o acidente” (RUSSELL, 1966, p.54). As três primeiras medidas são as localizações no espaço dadas pelas três dimensões coordenadas cartesianas, e a última, a do tempo cronológico em relação a um fuso horário escolhido. Não há uma ligação necessária entre a medida do espaço e a do tempo do evento. O mesmo não ocorrerá na Teoria da Relatividade.

É também importante que, se na física clássica, as três medições cartesianas podem localizar o lugar do evento mesmo sem indicar seu *horário*, na Teoria da Relatividade isto não se verifica, pois o modo de considerar o tempo mudou: há tempos vários e próprios relativos a *cada* evento no universo e à velocidade da luz.

Bertrand Russell (1925) apresenta o exemplo hipotético de um acontecimento *E* acompanhado de um clarão em algum ponto da Terra que é observado na Estrela Sírio. O tempo na Terra antes do acontecimento é *anterior a E*; o tempo em Sírio depois do clarão ter sido observado em Sírio é *posterior a E*. Porém a *duração de tempo* que a informação do evento *E* leva para se deslocar na velocidade da luz e ser observado em Sírio é denominado *contemporâneo a E*. E, se houvesse outro observador em outro lugar do universo, haveria outra medida de *espaço-tempo* para descrever a localização relativa de *E*. As quatro medidas de localização do evento adquirem uma *outra* relação entre si, pois se tornam indissociáveis; não mais duas palavras, o tempo e o espaço, mas o *espaço-tempo*, um único substantivo composto e singular, responsável pela localização relativa de cada evento; Nas palavras de Freire Júnior, “A formulação matemática da relatividade geral considera também o tempo como uma das dimensões em pé de igualdade com as dimensões espaciais” (FREIRE Jr., 2002, p.294).

Russell esclarece que não há paradoxo na relatividade, apesar da estranheza que a teoria produz. O homem está acostumado a medir corpos em repouso: “a medida que obtemos é o comprimento *próprio* do corpo, equivale a dizer, o comprimento segundo estimativa feita por observador que compartilha do deslocamento do corpo que está sendo medido” (RUSSELL, 1966, p.58). Isto ocorre em parte significativa dos eventos na Terra, mas não na Astronomia e nem no estudo da estrutura atômica.

A prova da simultaneidade era a garantia da existência do tempo absoluto, obtido através de uma única medida. A Relatividade descartou a possibilidade de uma verificação imediata sobre a realidade aparentemente *concreta*; o evento é relativo *ao observador*, o que implica maior complexidade por exigir a intervenção de outros dados na descrição dos fenômenos da mecânica, tais como o quociente de velocidade móvel e o quociente de velocidade da luz. Na mecânica de Newton, os conceitos são simples, e a complexidade aparece nas suas aplicações; na física de Einstein, a complexidade está presente na teorização que envolve uma série intrincada de fatores na descrição dos eventos.

Bachelard chama a atenção para o fato de que, sem a transformação das matemáticas, o *novo espírito científico* não teria substrato lógico para empreender as mudanças que ocorreram. Esta matemática torna-se o “eixo da descoberta” (BACHELARD, 2000, p.52) em dois

sentidos: pela mudança que trouxe na consideração da *verdade* lógica relativa à teoria dos conjuntos, e porque os fenômenos, agora mais do que nunca, são pensados e formalizados matematicamente antes de serem descritos e mesmo provados empiricamente. Isto implica uma mudança radical de ponto de vista entre o sujeito e o objeto observado, sem, no entanto, anular a relação ao objeto, pois a física não se torna um pensamento no vazio: “É um instrumento matemático que cria a ciência física contemporânea, como o microscópio a microbiologia”. (BACHELARD, 2000, p.52).

A teorização formal acentua o pensamento sintético dos símbolos algébricos; sintéticos, mas que se aplicam a uma multiplicidade de experiências da realidade não aparente. Assim, estas realidades são *a priori* pura possibilidade, numa inversão filosófica considerável: “O possível é homogêneo ao Ser”. (BACHELARD, 2000, p.54). Esta avaliação filosófica indica a transformação da relação da física com seu objeto: este objeto não corresponde mais à presença sólida de um corpo no espaço euclidiano, nem no tempo da simultaneidade; tampouco está presente de antemão na experiência imediata: “Encontra-se o real como um caso particular do possível” (BACHELARD, 2000, p.55) pela via da matemática.

Segundo Freire Júnior, no ensaio anteriormente citado, a relatividade causou grande mudança na visão de mundo. Os homens de ciência, filosofia, psicologia e outras áreas tiveram que abrir mão da visão euclidiana do real aparente. Além disto, o impacto da relatividade cresce constantemente na medida em que ela demonstra que o universo não é estacionário, como a mentalidade clássica o concebia, mas sim um sistema físico em expansão.

A seguinte afirmação de Bachelard reúne, em poucas palavras, o efeito do *novo espírito científico* diante das evoluções de Einstein: “É preciso, ao contrário, um esforço de novidade total”. (BACHELARD, 2000, p.44). No entanto, nem sempre se encontra esta disposição mental e emocional para o novo nos meios científicos. Segundo Elyana Barbosa (2001, p.45)

Pour Bachelard, les habitudes intellectuels peuvent être à l’origine de la stagnation du développement scientifique dont il revient à l’historien des sciences d’identifier les causes. Dans la mesure où la rationalité occidentale

possède sa propre spécificité, les habitudes intellectuelles peuvent s'incruster dans la compréhension d'une idée nouvelle, d'une idée différente .¹⁰

1.5 A MATÉRIA E A ENERGIA RECONSIDERADAS

Na avaliação de Bachelard, é um erro filosófico crer que o materialismo do século XVII teve um caráter concreto. Este materialismo procede de uma abstração inicial equivocada que desviou, por muitos anos, a noção adequada de matéria. Esta abstração errônea refere-se à “localização da matéria num espaço preciso” (BACHELARD, 2000, p.59) e independente do tempo em que ocorre o evento. Desta forma, dois efeitos contraproducentes se verificam: a recusa do fato de que a matéria pode agir onde ela não está e a produção de um *atomismo realista*.

Para Russell, o antigo conceito de matéria carregava uma mistura ontológica:

A verdade é, creio eu, que a relatividade exige o abandono do velho conceito de *matéria*, que está infectado pelos conceitos metafísicos relacionados com *substância*, e representa um ponto de vista que não é realmente necessário no trato com os fenômenos (RUSSELL, 1966, p.168).

As considerações acima são, nestas avaliações, totalmente abstratas e ingenuamente geométricas e resultam numa divisão inexistente entre propriedades geométricas e propriedades espaciais da matéria, criando dois campos artificialmente distintos: a geometria e a mecânica. É importante sublinhar que a teoria do espaço-tempo incidiu de forma significativa não somente na cosmologia, mas também na microfísica e na química, mudando a mentalidade científica em relação ao enigma da duração da matéria. No entanto, adverte o autor, “este enigma é difícil de enunciar precisamente porque nossa linguagem é materialista” (BACHELARD, 2000, p.60).

¹⁰ Para Bachelard, os hábitos intelectuais podem estar na origem da estagnação do desenvolvimento científico cujas causas o historiador das ciências deve identificar. Na medida em que a racionalidade ocidental possui sua própria especificidade, os hábitos intelectuais podem se incrustar na compreensão de uma idéia nova, de uma idéia diferente. (Tradução nossa).

De que modo a física contemporânea conseguiu a *síntese* desejada? Através da *microfísica*, com a construção e descrição da união da matéria com a irradiação. Nos minúsculos objetos, o espaço-tempo se realiza de forma notável, e a matéria adquire novas definições na sua relação com a energia.

Na matéria, o mais importante passa a ser a energia na qual ela, a matéria, se transforma: “é a noção de energia que forma o traço de união mais fecundo entre a coisa e o movimento” (BACHELARD, 2000, p.61); a relação entre matéria e energia faz parte da estrutura física contínua de ambas.

Substitui-se o verbo *ter* pelo *ser*, de acordo com o novo estatuto ontológico que esta teorização produz. No lugar da descrição, a ciência produz relações tais como $E = mc^2$. Esta formalização quantitativa do real produz mais possibilidades científicas do que a descrição qualitativa da experiência. Os laços do obstáculo substantivo se afrouxam com as equações que impedem a relação imediata e ingênua com o real. Não há figurações da energia, sua abordagem é indireta, através do número. Em linguagem poética, Bachelard exalta a física contemporânea:

Maravilhoso conceito situado como um intermediário numérico entre o potencial e o atual, entre o espaço e o tempo! Por seu desenvolvimento energético, o átomo é devir tanto como ser, é movimento tanto como coisa. Ele é o elemento do devir-ser esquematizado no *espaço-tempo* (BACHELARD, 2000, p.65).

O autor considera que a equação de Einstein possui valor ontológico ao dar *ser* tanto à irradiação quanto ao corpúsculo, ao movimento e à matéria, mais além de qualquer intuição dos dados imediatos. A física quântica mostrou a complexidade essencial dos fenômenos da *matéria-energia*. Só através da aceitação do caráter fundamentalmente complexo da física atômica, o cientista pode aproximar-se dela. Bachelard insiste em dizer que há uma dificuldade grande na transmissão em palavras destas descobertas, exatamente porque elas diferem das noções consagradas pela ciência e impregnadas no senso comum: “Que poeta nos dará as metáforas desta nova linguagem? Como chegaremos a imaginar a associação do temporal e do espacial? Que idéia suprema sobre a harmonia permitir-nos-á conciliar a repetição no tempo com a simetria no espaço?” (BACHELARD, 2000, p.71).

Na química, também se verificou a passagem do plano realista para a esfera matemática probabilística, através da teoria dos *quanta*. Antes disto, havia um grau de certeza sobre a presença *real* dos elétrons nos átomos e também a noção de *lugar real* na estrutura. Esta “imensa arquitetura realista” (BACHELARD, 2000, p.73) foi atingida por uma matemática complexa e sutil, na qual as propriedades são substituídas por números quânticos que conduzem à distribuição dos elétrons.

Segundo Ribeiro Filho, as pesquisas em torno do átomo foram-se dando numa seqüência de descobertas obtidas por diferentes físicos, até que, em 1926, Wolfgang Pauli (1900–1958) introduziu o *Princípio de Exclusão*, que confirmou que os elétrons são partículas elementares, até então indistinguíveis entre si. Isto levou aos físicos holandeses G. Uhlenbeck (1900-1988) e S. Goudsmit (1902-1978) a “postularem a necessidade de mais um outro número quântico (além do número quântico principal, orbital e magnético), a fim de caracterizar o estado do elétron” (RIBEIRO FILHO, 2002, p.341). Este número foi denominado *spin*. O *Princípio de Exclusão* reza que *dois elétrons não podem apresentar o mesmo estado quântico*. Os quatro números de *identificação* atômica possibilitaram, ao mesmo tempo, a construção de uma estruturação algébrica intensa e uma base experimental maior.

O mesmo autor acrescenta que foi o físico inglês Paul Marie Adrien Dirac (1902-1984), professor da Universidade de Cambridge, quem desenvolveu primeiramente a equação relativística do elétron, a Equação de Dirac, e uma década depois,

[...] construiria uma nova Mecânica que era ao mesmo tempo quântica (matricial), ondulatória e relativística, e que explicava, satisfatoriamente, a estrutura do espectro do hidrogênio, interpretava o número quântico de *spin*, e previa a existência de elétrons positivos de brevíssima vida média (RIBEIRO FILHO, 2002, p.341).

Bachelard cita também o *Princípio de Pauli* como produtor de conseqüências significativas para o espírito científico. O que Bachelard deseja destacar, notadamente, é que a Mecânica Quântica se desenvolve através da estruturação algébrica, tornando impossível o acesso direto do cientista com a realidade, ou melhor, desmistificando a possibilidade do acesso direto entre ciência e fenômeno.

A respeito dos avanços de Pauli, ele comenta: “Aqui o número torna-se um atributo, um predicado da substância. Quatro números quânticos bastarão para dar individualidade ao elétron” (BACHELARD, 2000, p.73). Assim, um elétron se diferencia do outro por *pelo menos uma* diferença mínima nos quatro números quânticos; e este número é o que fixa a função do elétron no átomo, de acordo com o *Princípio de Pauli*. Desta forma, o corpo químico passa sutilmente a ser um “corpo aritmético” (BACHELARD, 2000, p.71) o que implica uma passagem de dessubstancialização probabilística, como em todas as atribuições de energia.

1.6. AS IMPLICAÇÕES DA *TEORIA QUÂNTICA* NA MENTALIDADE CIENTÍFICA

A física quântica dedica-se ao estudo de partículas muito pequenas o que não consegue ser descrito pela física eletromagnética clássica pela qual a eletricidade propaga-se em ondas -, e tampouco é descrito nos termos da mecânica dos corpos da escala humana. Em uma de suas aulas de 1963, Richard Feynman (1997, p.116). diz:

Quantum mechanics is the description of the behavior of matter in all its details and, in particular, of the happenings on an atomic scale. Things on a very small scale behave like nothing that you have direct experience about. They do not behave like particles, they do not behave like clouds, or billiard balls, or weights on springs, or like anything that you have ever seen.¹¹

Feynman diz ainda que as partículas do elétron não se propagam como ondas, nem agem como as partículas, isto é, não se comportam como nenhum dos dois. No entanto, acrescenta, eles

¹¹ A *mecânica quântica* é a descrição do comportamento da matéria em todos os seus detalhes e, particularmente, dos acontecimentos na escala atômica. As coisas, numa escala muito pequena, se comportam de forma diferente de tudo com o que você já teve alguma experiência. Elas não se comportam como partículas, não se comportam como nuvens, nem como bolas de bilhar, nem como pesos em molas, e nem como nada do que você já tenha visto.

agem como a luz; os elétrons, nêutrons, fótons, são “particle waves”¹² (FEYMAN, 1997, p.116). No dia 14 de dezembro de 1900, Max Karl Ernst Plank (1858-1947) proferiu uma conferência diante da Sociedade de Física de Berlim que se tornou a referência histórica inaugural da física atômica (RIBEIRO FILHO, 2002). Esta comunicação provocou uma quantidade significativa de experimentos, informações acumuladas e impasses no seio da comunidade científica no primeiro quarto do século XX, os quais foram finalmente esclarecidos por Erwin Schrödinger (1887-1961), Werner Heisenberg (1901-1976) e Max Born (1882-1870), entre 1926 e 1927, cujos trabalhos obtiveram uma “descrição consistente” (BACHELARD, 2000, p.116) do que ocorre com a matéria diminuta das partículas dos átomos.

Feynman ensina também que é absolutamente impossível descrever o comportamento quântico da matéria em termos da física clássica, pois a mecânica quântica, na sua opinião, porta o *único* mistério: “We cannot explain the mystery in the sense of “explaining” how it works. We will tell you how it works. In telling you how it works we will have told you about the basic peculiarities of all quantum mechanics” (FEYMAN, 1997, p.117).¹³ Observa-se um desligamento do vínculo que havia entre a *demonstração/explicação* do fenômeno e sua *compreensão*; também se verifica que a abordagem indireta dos fenômenos não impede que tanto a teorização como a obtenção das novas tecnologias, a partir de então, sejam feitas através dos efeitos obtidos experimentalmente.

Na história da física atômica, o cientista Werner Heisenberg (1901–1976) terá seu nome sempre associado à mecânica quântica, em obra publicada em 1925, quando ele tinha apenas 23 anos, sendo que, em 1932, aos 31 anos de idade, ele ganhou o Nobel de Física. Sua teoria baseava-se na radiação emitida pelo átomo. Ele afirmava que não podemos sempre atribuir a um átomo nem a um elétron uma dada posição no espaço, num dado tempo, nem acompanhá-los em suas órbitas, de modo que não podemos admitir que as órbitas planetárias postuladas por Niels Bohr realmente existem. Quantidades, velocidade, posição devem ser representadas não por números ordinários, mas por estruturas matemáticas abstratas denominadas de matrizes. Heisenberg formulou sua nova teoria em termos de equações de matrizes.

¹² Ondas de partículas.

¹³ “Não podemos explicar o mistério no sentido de *explicarmos* como ele funciona. Ao dizermos como ele funciona teremos falado para vocês sobre as peculiaridades básicas de toda mecânica quântica”. (Tradução nossa).

É também de Heisenberg o *Princípio de Incerteza*, que estabelece que a determinação da posição e do *momentum* de uma partícula móvel necessariamente contém erros, e os produtos destes erros não podem ser menores do que a constante quântica h , e que, apesar destes erros serem negligenciáveis na escala humana, não podem ser negligenciados na escala do átomo. A partir de 1953, o trabalho teórico de Heisenberg concentrou-se na teoria do campo unificado de partículas elementares, que lhe pareceu ser a chave para o entendimento das partículas elementares da física.

Ora, a observação e descrição desta ordem de evento é sempre feita através de um aparato experimental em laboratório, experiência esta que provoca o aparecimento do dito fenômeno, e não através da observação da *physis*. As experiências com as partículas atômicas talvez sejam um dos exemplos mais claros e mais bem-sucedidos da criação de um *real de segunda ordem* na ciência contemporânea.

Bachelard analisa que, epistemologicamente, tais avanços na abordagem da matéria produzem uma inversão da função da realidade, “que tomada no seu sentido absoluto, não deveria nunca se inverter” (BACHELARD, 2000, p.80). Ao analisar o efeito do fenômeno das ondas e corpúsculos, Bachelard declara que é no campo dos *corpúsculos* que podemos observar melhor como a experiência imediata pode ser ingênua. “Filosoficamente, deve-se reconhecer aí uma inversão da função realista” (BACHELARD, 2000, p.80). O *novo* corpúsculo não é isolável pela análise, mas deve ser construído pela síntese.

Dessa forma, a temporalidade na matéria também é *nova*, pois não podemos mais contar com a *permanência*. “As ondas que o constroem têm que satisfazer a condições limites que são condições fundadas em regiões muito afastadas do ponto em que o corpúsculo material se apresenta como uma sombra efêmera” (BACHELARD, 2000, p.81). O ponto material é agora resultado de um fenômeno periódico, espalhado a sua volta; a posição de um elétron é impossível de precisar.

As novas doutrinas da mecânica ondulatória produzem uma revolução na mentalidade empírica; temos que *desaprender*, e a nossa intuição tradicional já não vale tanto. Os procedimentos clássicos de medida da matéria estabelecidos por Arquimedes não se aplicam à

nova matéria, pois esta não é um *continuum* no espaço. “Pode-se, portanto, ser levado a encarar uma geometria não-arquimediana” (BACHELARD, 2000, p.81) que não se submete a ser medida tradicionalmente, pois na nova concepção a substância “é reduzida às noções lógicas fundamentais de espaço e tempo” problematizando a medição e a localização.

Quanto às *ondas*, o trabalho de Heisenberg também coloca a física num campo bem distinto do âmbito da física clássica. Se para esta, as ondas eram construídas a partir de pontos materiais, na física contemporânea “o corpúsculo e a onda não são coisas ligadas por mecanismos. Sua associação é de ordem matemática; deve-se compreendê-los como momentos diferentes de matematização da experiência” (BACHELARD, 2000, p.87). Este divórcio entre corpúsculos e ondas exige dos cientistas uma *educação negativa*, no dizer de Bachelard, pois lhes demanda uma total reaprendizagem.

Outra questão também desafia a intuição: este espaço matemático das ondas é um “*espaço de configuração* cujo número de dimensões ultrapassa o número três, característica do espaço intuitivo” (BACHELARD, 2000, p.88). Segundo Brooke, (1996) a mecânica quântica resultou numa impossibilidade de sustentação do Determinismo além de ter chamado a atenção para a limitação dos modelos científicos; contribuiu, desta forma, para um clima no qual cientistas tiveram que encarar suas formulações como modelos parciais e não como dogmas.

Para o historiador da ciência Rodolphe Viallard, há uma axiomática quântica na qual um dos postulados é a continuidade causa e efeito, conseqüente dos desenvolvimentos de Bohr e Schrödinger. A periodicidade por eles estudada não se liga a princípios irreduzíveis e definidos, “[...] mais d’une demarche logique qui conduit du postulat de continuité entre cause et effect à la relation probabilitaire périodique que ést la caractéristique estentielle de la théorie quantique” (VIALLARD, 1957, p.1048).¹⁴ Diante destas concepções, o estudo das probabilidades torna-se um desafio mais interessante, pois o número de elementos é mais numeroso. “É em tais espaços que é preciso procurar compreender o sentido da onda que regula a probabilidade de presença dos corpúsculos” (BACHELARD, 2000, p.88).

¹⁴ “[...] mas de uma *demarche* lógica que conduz do postulado de continuidade entre causa e efeito à relação probabilística periódica, que é a característica essencial da teoria quântica.” (Tradução nossa).

1.7 O SURGIMENTO DO INDETERMINISMO NA CULTURA CIENTÍFICA, E A ALTERAÇÃO DA NOÇÃO DE OBJETO

Segundo Hacking (1996, p.690) ¹⁵, “Determinism is the name now generally given to any doctrine implying that for every event, there existed prior or timeless conditions that made the event inevitable.”

Ainda segundo este autor, o Determinismo das leis da física sustenta que há leis na natureza formalizadas pela ciência que, quando aplicadas ao universo num determinado tempo, *determinam* o curso futuro do universo, curso este que pode ser descrito em seus detalhes mais ínfimos. Esta modalidade de pensamento científico sustentou-se na ciência natural do século XVII, quando as concepções de probabilidade começaram a aparecer.

Bachelard esclarece que as concepções opostas entre Determinismo e Indeterminismo são solidárias às concepções da civilização ocidental “sobre as coisas, o espaço, o tempo, as formas, as funções” (BACHELARD, 2000, p.93) que sustentaram a psicologia complexa da visão, da concepção, do sentimento do homem com o mundo. Além do mais, esta polaridade mantém certo paralelismo com a psicologia da unidade e da pluralidade.

O Determinismo se origina nos desenvolvimentos da Astronomia, desde a mais primordial observação da regularidade do céu, sol, lua, estrelas, planetas. É a partir da medição desta realidade constante que a geometria e a matemática se associam primordialmente, na Antigüidade: “O Determinismo desceu do Céu à Terra”. (BACHELARD, 2000, p.94).

Séculos após, a cosmologia newtoniana funda a matemática moderna e, mais uma vez, os fenômenos da cosmologia lideram a objetividade e o estreitamento entre a relação científica e o Determinismo, a física e a matemática, num grande esforço de racionalizar o real no qual a deformação e a perturbação se mantinham afastadas.

Entretanto, a sustentação do Determinismo não foi sem prejuízo para a observação e teorização dos fenômenos. Isto exigiu certa denegação das perturbações, dos erros, das

¹⁵ Determinismo é o nome atual geralmente dado a qualquer doutrina que implique que para cada evento houve condições prévias ou eternas que tornaram o evento inevitável. (Tradução nossa).

exceções, das incertezas, ao longo da história das ciências. A despeito do arrolamento das perturbações nos estudos dos fenômenos sob a forma das *exceções* o que foi erigido como lei e teoria foi a relação entre “uma causa bem definida e um efeito bem definido”. (BACHELARD, 2000, p.96).

O Determinismo só se fará possível porque ocorreram *restrições experimentais* que preservam o fenômeno dos aspectos que não respondem a esta prova. Isto levou ao *espírito da simplificação*, no qual se dá preferência a um empirismo simplificado, formalizado através de formas geométricas simplificadas dos corpos celestes. O melhor exemplo pode ser plenamente observado na hipótese mecanicista na qual, segundo o autor, houve um afastamento significativo entre explicação e descrição. O Determinismo se torna um *postulado*, um *ideal*, uma *crença* e, mesmo, uma espécie de axioma que dirige o olhar do cientista para a descrição e a necessidade de algebrizar os eventos.

O Determinismo buscou a mecânica dos sólidos e evitou a dos fluidos, na qual o físico não consegue separar facilmente a *coisa* do *movimento* de forma empírica. Esta dissociação, aplicada e sustentada na mecânica dos sólidos, criou um dualismo metafísico que a hidrodinâmica veio perturbar: “Como a *coisa líquida* é deformada pelo movimento, parece que o *mesmo* e o *outro* interferem e que o Determinismo se divide e se torna ambíguo” (BACHELARD, 2000, p.96). Este olhar reduzira a mecânica clássica ao fenômeno elementar que, por sua vez, determinará a predição do estado seguinte, Isto é, das condições da velocidade de um corpo no espaço e no tempo.

Estes termos só foram retomados e discutidos a partir de 1905, com o advento do conceito do *espaço-tempo* na Teoria da Relatividade, que afetou a relação determinística de causa e efeito e, mesmo, as condições de possibilidade de matematização:

Noutras palavras, a causa não é sempre definível em termos matemáticos unívocos. É um estado escolhido entre outros estados possíveis. E este luxo de possibilidades não repousa sobre a escolha de um instante particular tomado sobre o eixo da duração absoluta; já está fundado em *um instante único* sobre o qual se podem apoiar cortes diferentemente orientados no espaço-tempo. (BACHELARD, 2000, p.897-98).

À epistemologia interessa, sobretudo, os efeitos deste modo de abordagem do fenômeno no espírito científico. Sob esta perspectiva, ele invadiu e estruturou o pensamento, o ensino e o fazer do cientista. No entanto, o pensamento científico oscila entre a tendência à crença axiomática e a polêmica cotidiana; de uma parte, o Determinismo guia os passos do cientista no seu labor; de outra, este mesmo cientista terá a tendência a buscar exatidão onde esta não existe, evitando a zona da ignorância. Bachelard argumenta que, se a exigência de precisão numa reação fosse muito alta, o Determinismo vacilaria. Ele faz então claramente uma crítica do Determinismo: “[...] é preciso chegar a dissolver este enorme bloco do Determinismo metafísico que pesa sobre o pensamento científico.” (BACHELARD, 2000, p.99).

Outra importante questão de método e de lógica que Bachelard apresenta é a relação existente entre *Determinismo* e *causalidade*. Não são sinônimos e possuem *psicologias* distintas, não solidárias: “[...] o princípio de causalidade se subordina ao que o pensamento objetivo exige e que nisto ele bem pode ser chamado ainda a categoria fundamental do pensamento objetivo” (BACHELARD, 2000, p.101). A causa pressupõe um efeito, mesmo que a ligação não esteja clara. Para o autor, a causalidade é mais geral do que o Determinismo, prescinde das exigências de precisão deste último, sendo de ordem *qualitativa*, enquanto o Determinismo é *quantitativo*. No entanto, nem todos os autores parecem considerar que Determinismo e causalidade sejam tão distintos entre si.

André Lalande (1999) apresenta algumas acepções para o termo Determinismo, sendo duas delas relacionadas à questão da ciência: no sentido concreto, o conjunto de condições necessárias para a ocorrência de um fenômeno; no sentido abstrato, quando certo elemento depende de outros que podem ser previstos, produzidos ou impedidos. O sentido concreto liga uma causa próxima ao determinismo exato, numa relação de causa e efeito. O sentido abstrato é aquele que moveu a experimentação moderna ao controlar as variáveis intervenientes na experimentação.

Segundo Ferrater Mora (1982, p.778), “[...] las doctrinas deterministas modernas, a las cuales nos referiremos aquí principalmente, están vinculadas a una concepción mecanicista del universo, hasta el punto de que a veces se han identificado determinismo e mecanicismo”.¹⁶

¹⁶ “As doutrinas deterministas modernas, às quais nos referiremos aqui principalmente, estão vinculadas a uma concepção mecanicista do universo, ao ponto de que, às vezes, se tem identificado determinismo a mecanicismo.” (Tradução nossa).

Seu *universalismo* é característico do determinismo moderno; uma doutrina determinada deve se referir a todos os acontecimentos do universo. Esta definição contempla a acepção abstrata descrita por Lalande ligada às ciências ditas exatas. A concepção concreta, ligada ao surgimento da medicina experimental, deixa claro o olhar clínico que busca combater a causa, suprimir o sintoma e salvar o paciente, o que envia a uma aproximação estreita entre determinismo e causa.

Segundo Bertrand Russell, tradicionalmente se diz que a ciência é *busca das causas*. Isto desde a Antigüidade quando Aristóteles afirmava que o homem só entende algo quando conhece seu *porquê*, sua causa primeira. E isto continua assim para o senso comum, mas não para a epistemologia contemporânea. Bertrand Russel (2001, p.379) assim se expressa:

[...] a razão pela qual a física deixou de buscar as causas é que, na realidade, elas não existem. A lei da causalidade, como muitas coisas que se consideram boas entre os filósofos, é uma relíquia de uma época passada que sobrevive, como a monarquia, porque se supõe, erroneamente, que não provoca nenhum dano.

A primeira consideração de um fundamento de base causal suscita a questão ontológica de fazer com que as coisas cheguem a existir, o de mantê-las na existência, questão que Lucrecio enuncia assim: *Nil posse creari de nihilo*. Com esta espécie de *axioma* chega-se à conclusão de que, se desconhecemos a causa de um fenômeno, é porque ainda não o compreendemos adequadamente; tradicionalmente não é possível imaginar que o evento surgiu espontaneamente, e se assim ocorresse, seria um milagre e a *causa* atribuída a alguma entidade divina.

Há duas conseqüências desse modo de raciocínio: o *princípio de conservação* (nada se cria, nada se destrói, tudo se conserva), e a relação formal de equivalência dos filósofos escolásticos formulada como *causa aequat effectum*: a causa é equivalente ao efeito. A interpretação ontológica que se derivou desta crença é a hipótese criacionista de que nada pode proceder do nada: tudo tem uma causa e nada há no efeito que não esteja na causa. A *existência* de algo que está na conclusão deve estar contida, necessariamente, na premissa. O conceito de causalidade pode ser útil na vida cotidiana, no senso comum; no entanto, deve ser analisado com muito cuidado quando se trata da ciência; neste campo, o raciocínio de que

cada efeito tem uma causa pode falhar. Ora, isto leva a uma conexão epistemológica nas ciências exatas, entre determinismo e causa. Estas questões têm sua evolução na aparição do *Indeterminismo*. Este se impôs aos cientistas através da Teoria Cinética dos Gases, isto é, tardiamente em relação à revolução científica da física, pois a química levou ainda um século para se constituir como campo científico; Butterfield observa que a revolução científica da química foi adiada e comenta que “It has often been a matter of surprise that the emergence of modern chemistry should come at so late a stage in the history of scientific progress” (BUTTERFIELD, 1965, p.203).¹⁷

Bachelard afirma que o impacto desta teoria foi profundo, duradouro e de grande importância para o espírito científico: “[...] o caráter metafísico mais profundo da teoria cinética dos gases é que ela realiza uma transcendência de qualidade, no sentido de que uma qualidade que não pertence aos componentes pertence, contudo, ao composto” (BACHELARD, 2000, p.103).

Desta forma, o axioma *de omni et nullo* é violado pois, nesta teoria dos gases, “o objeto individual é indeterminado, a classe determinada” (BACHELARD, 2000, p.103), o que antes era contraditório com o axioma. A estrutura da doutrina do Indeterminismo, uma contradição metafísica, será atenuada através da noção de probabilidade.

Os avanços científicos que levaram ao Indeterminismo acarretaram uma mudança do pensamento lógico, mais além dos axiomas consagrados. Quando a contradição metafísica se impôs ao espírito científico, a *noção de probabilidade* foi o passo seguinte de aproximação a estes fenômenos, sem, no entanto, conciliar o axioma *de omni et nullo* com as probabilidades compostas: os novos achados *não se conciliam* com os axiomas da lógica tradicional, que davam suporte ao pensamento da física clássica.

O que é o Indeterminismo? Sua base são os comportamentos imprevisíveis, sobre os quais *não se sabe nada*; ele parte de “um fenômeno elementar indefinível, indeterminável” (BACHELARD, 2000, p.104), e estes elementos parecem estar absolutamente independentes em relação uns aos outros. Quando se aplica a probabilidade a estes fenômenos, não se pode esperar que eles realmente venham a ocorrer de acordo com o cálculo; cria-se um espaço entre

¹⁷ “Tem sido freqüentemente objeto de surpresa que a emergência da química moderna ocorresse num estágio tão tardio da história do progresso científico”. (Tradução nossa).

a probabilidade *a priori* e a probabilidade *a posteriori*, isto é, existe a possibilidade da não ocorrência do evento, o que demanda uma alteração significativa na atitude do cientista:

É em assimilar esta noção das leis do acaso, das ligações probabilísticas dos fenômenos sem ligação real, que se tem ocupado o pensamento científico contemporâneo. Este pensamento nascente é caracterizado por uma multiplicidade nas hipóteses de base. Estamos neste ponto no reino das hipóteses de trabalho (BACHELARD, 2000, p.105).

A ciência, diante do Indeterminismo topológico dos átomos na dinâmica dos gases, ver-se-á forçada a manejar flutuações, formas prováveis, em conjuntos de fenômenos sobre os quais atua a causalidade. Bachelard retoma, a partir das considerações acima, a análise da relação nova entre *idéia de causa* e *idéia de probabilidade*, que se estabelece na filosofia da ciência.

O rigor é atrelado não ao cálculo do que está determinado, mas à *interpretação do cálculo da probabilidade*; não é possível levar em conta *tudo* o que intervém no cálculo do movimento de um projétil, por exemplo. Mas, se as previsões são acuradas, é porque o próprio cálculo da probabilidade inclui a conta de fatores não considerados no dito cálculo. Porém não de *todos* os fatores, pois é o universo totalizado das determinações que desaparece neste momento do desenvolvimento científico. *Todas* as determinações *não* são enumeráveis; se isto fosse possível, o fenômeno seria plenamente determinável.

A *revolução de Heisenberg* é como Bachelard denomina os efeitos do Princípio da Incerteza equacionado por este físico. Esta equação fornece o *cálculo da incerteza* da posição dos pares de elétrons nas órbitas atômicas.

Freire Júnior relata que o jovem Werner Heisenberg (Alemanha, 1901–1976), discípulo e assistente de Bohr, desenvolveu “[...] um certo tipo de cálculo, não para cada estado de um elétron ou do átomo, isoladamente, e sim para pares de tais estados” (FREIRE Jr., 2002, p.332), pesquisados nas formas alotrópicas do hidrogênio. Neste cálculo, ele utilizou tabelas quadradas através das quais estabeleceu as relações de incerteza. Quantidades, velocidade, posição são representadas não por números ordinários, mas por estruturas matemáticas abstratas denominadas de matrizes. Estas relações “indicavam que, na nova Teoria Quântica, ao contrário do que acontece na Física Clássica, é impossível conhecer-se, ao mesmo tempo, a

posição de uma partícula e a componente de seu “momentum”, segundo a mesma direção onde esteja a citada partícula” (FREIRE Jr., 2002, p.333).

Mais tarde, Heisenberg estabeleceu seu famoso *Princípio de Incerteza*, que dita que a determinação da posição e do *momentum* de uma partícula móvel necessariamente contém erros, que os produtos destes erros não podem ser menores do que a constante quântica h , e que, apesar de estes erros serem negligenciáveis na escala humana, não podem ser negligenciados na escala do átomo.

1.8 A EPISTEMOLOGIA NÃO-CARTESIANA, A QUESTÃO DA COMPLEXIDADE, A QUESTÃO DO REALISMO DE SEGUNDA POSIÇÃO

O que Bachelard denomina a *epistemologia não-cartesiana* é um corpo complexo de métodos de experimentação e teorias científicas referentes principalmente à física, à química e à matemática do final do século XIX e início do século XX. Muitos dos elementos que ele analisa neste capítulo final já foram dissecados anteriormente nos distintos capítulos, de modo que alguns conteúdos são retomados e reproduzidos; talvez para que cada capítulo possa ser lido como um ensaio independente no qual seu argumento epistemológico central não se perca; talvez porque ele necessite dos conteúdos e dos exemplos para calçar os argumentos seguintes; talvez pelas duas razões. Deste modo, certa repetição não poderá ser evitada.

Este último capítulo é o corolário das análises filosóficas empreendidas nos capítulos anteriores e quer mostrar que a epistemologia e o raciocínio cartesianos são insuficientes para explicitar os achados da nova revolução científica. Bachelard afirma, citando Urbain, que nenhum método é perene, que o espírito científico precisa de novos métodos para prosseguir, e que a experiência leva a mudanças as quais clamam por novos conceitos e novos métodos. Não há nada definitivo no pensamento científico. Bachelard emprega o significante *sadio* para definir a adequação do método com o espírito científico. É necessário haver mobilidade e explicitação nesta adequação que é sempre circunstancial e contemporânea ao momento da ciência.

a. A avaliação do *método* é primordial ao que se seguirá na pesquisa da ciência e mesmo na filosofia: uma *reflexão* sobre o método se torna necessária. Os métodos do *novo espírito científico* são uma ruptura em relação ao conhecimento tradicional, isto é, à mentalidade instaurada na ciência pelo pensamento cartesiano:

De um modo mais positivo, apreender-se-á a essência da psicologia do espírito científico na reflexão pela qual as leis descobertas na experiência são pensadas sob forma de regras aptas a descobrir novos fatos. É assim que as leis se coordenam e que a dedução intervém nas ciências indutivas. [...] é sempre enquanto método confirmado que é pensada a experiência. (BACHELARD, 2000, p.122).

A física contemporânea, ao contrário, procura detectar e analisar o pluralismo, complexo real sob a experiência imediata, que não se apresenta por si mesma, mas na pesquisa do microfenômeno e na álgebra dele resultante. Bachelard refere-se *a uma fé no realismo algébrico*, na formalização e sustentação da Microfísica e da Teoria da Relatividade.

Para ele, a psicologia do espírito científico se dá em *ruptura* com o conhecimento usual. Os novos achados científicos através da experiência são formalizados como *leis*; estas, por sua vez se coordenam e se tornam *regras* utilizadas para descobrir novos *fatos*. Deste modo, “a dedução intervém nas ciências indutivas”. (BACHELARD, 2000, p.124).

O próprio pensamento científico formalizado condiciona, então, a experiência seguinte; não há observação ingênua e nem experimentação ao acaso, ou livre de conhecimentos científicos anteriores. Os conhecimentos científicos, por sua vez, são formalizados e não ocupam muito lugar; não devem ser confundidos com erudição empírica.

Na epistemologia cartesiana, o caráter de completeza é buscado através da enumeração extensa e completa das variáveis intervenientes num fenômeno particular; ordem e classificação fazem parte do legado cartesiano ao pensamento ocidental. Apesar das críticas aos efeitos do cartesianismo, Bachelard reconhece: “Na realidade, nenhuma das retificações que marcam as grandes revoluções científicas da Física contemporânea resulta da correção de um erro relativo às regras cartesianas”. (BACHELARD, 2000, p.129).

No entanto, o *Discurso sobre o Método* não é poupado da pena bachelardiana: ele escreve que as regras ditadas naquela obra não encontram grande valor para leitores contemporâneos. Se abstrairmos seu encanto histórico, “ele aparecerá ao nível do bom senso como uma regra de vida intelectual dogmática e tranqüila” (BACHELARD, 2000, p.129). Para Bachelard, O *Discurso* parece óbvio, sem atender às exigências metodológicas da ciência hodierna. Mesmo a dúvida cartesiana e a suspensão do juízo anterior à experimentação foram substituídas pela crença nos axiomas e princípios da matemática, que rege toda construção do conhecimento científico.

Corroborando esta idéia da anterioridade das concepções em relação à experiência, Bachelard descreve uma relação íntima entre *método* e *experiência*: o método tem um caráter normativo e intervém na concepção dos fenômenos, e, logo, no pensamento lógico, ou no que se crê ser lógico. É a partir desta concepção que os ensaios experimentais iniciam. Um fracasso experimental leva a uma mudança lógica que leva, por sua vez, a alterações nos conhecimentos: “Tudo o que estava armazenado na memória se deve reorganizar ao mesmo tempo em que o arcabouço matemático da ciência. Há endosse da psicologia matemática e da psicologia experimental” (BACHELARD, 2000, p.122).

b. De acordo com Bachelard, a metodologia de pesquisa cartesiana se esgota diante das novas descobertas científicas, pois estas últimas ultrapassam as categorias de objeto da física clássica, que se ocupou do objeto material ou em repouso ou em movimento, localizável no espaço e no tempo através de uma medição possível e determinada.

Tanto as descobertas da microfísica quanto a Teoria da Relatividade abalaram o âmago da metodologia cartesiana ao recusar, ao conhecimento científico, a possibilidade de separar a figura do movimento, sendo a localização equacionada através da Teoria da Incerteza.

O autor apresenta uma série de características do cartesianismo que foram subvertidas pelo *novo espírito científico*, como descrito a seguir:

Primeiro, ele afirma que “o método cartesiano é *reduutivo*, não é *indutivo*”. (BACHELARD, 2000, p.123). Esta redução cartesiana se verifica na extensão e na ausência da complexidade necessária à pesquisa objetiva; quando o método é simples, produz descrições simplificadas. Bachelard não se refere ao caráter *dedutivo* do método cartesiano, mas sim a um efeito que ele

avalia como *reduutivo* que ignora a *complexidade*, que simplifica a experiência: “Como o mostraremos, o método cartesiano que acerta tão bem em explicar o mundo, não chega a *complicar* a experiência, o que é a verdadeira função da *pesquisa objetiva*” (BACHELARD, 2000, p.123). A ciência derivada do método cartesiano procura o simples no complexo.

Segundo, se o cartesianismo foi a “doutrina das naturezas simples e absolutas” (BACHELARD, 2000, p.125), o *novo espírito científico* será uma *nova* síntese que comporta extrema dificuldade, pois vai contra toda intuição e todo hábito em relação à experiência, condicionada pela separação entre a *coisa estática* e o *movimento*, como se tais concepções fossem dois estados que se encontram conjugados. A crença de que não existe uma natureza simples será a maior subversão da ciência contemporânea, mais do que o mecanicismo que a visão cartesiana ajudou a sustentar.

Terceiro, com a microfísica, a dúvida recairá sobre a aparência do fenômeno; “o caráter imediato da evidência cartesiana será turvado” (BACHELARD, 2000, p.126), assim como a existência de elementos absolutos cognoscíveis de modo direto. As relações passam a ser de incerteza, não havendo mais análise absoluta.

Quarto, a *nova* intuição terá que ser construída pela ciência contemporânea e “precedida de um estudo discursivo” (BACHELARD, 2000, p.125), isto é, de construções experimentais, teóricas e algébricas. Haverá uma escolha no lugar da intuição: uma turvação da relação imediata com o fenômeno. O que se tem o hábito de ver separado será sintetizado pela *geometria-mecânica-eletricidade*. No lugar de o Ser definir a relação, é a intrincada complexidade das relações que ilumina o Ser.

Quinto, as variações sobre o que *parece* idêntico aparecem na dialética entre indução e síntese. Somente desta forma é possível medir o valor de conhecimento de uma idéia; de modo que as deduções devem vir *a posteriori*, e não como o primeiro movimento da construção científica. A metodologia não-cartesiana faz uso, no pensamento teórico, de juízos sintéticos *a priori*.¹⁸

¹⁸ *Juízo sintético a priori*: “Kant [...] insiste em que devem existir proposições sintéticas *a priori*. O objetivo da *Crítica da Razão Pura* é demonstrar que os juízos sintéticos *a priori* são possíveis. Mais particularmente o que aqui está em jogo para Kant é a possibilidade da matemática pura, porque, em sua opinião, as proposições matemáticas são sintéticas *a priori*. [...] A proposição $5+7=12$ é *a priori* uma vez que não deriva da experiência,

c. No cartesianismo, Bachelard distinguiu entre o espírito científico *regular* e o *secular*. O primeiro é o dos laboratórios de pesquisa, enquanto que o segundo se dá entre os filósofos, isto é, o efeito do cartesianismo no espírito científico não é o mesmo no pensamento filosófico. Para a ciência, a metodologia cartesiana foi fundamental e continua sendo, na medida em que ensinou

[...] a ordem das notas, a clareza da exposição, a distinção nos conceitos, a segurança nos inventários [...] que dá a toda taxologia o direito ao tom dogmático, ao mesmo tempo em que as ciências matemáticas e físicas se exprestam com uma prudência acrescida. (BACHELARD, 2000, p.129).

No entanto, os avanços da física não se deixam acompanhar pelos conselhos do *Discurso sobre o Método*, que se tornou muito simples para o século XX. A dúvida cartesiana foi substituída, na física contemporânea, pela suspensão do juízo antes da prova científica objetiva e, nas expressões algébricas, pelo estudo aprofundado dos princípios matemáticos. O autor diz que a dúvida prévia “constitui um traço essencial e não mais provisório da estrutura do espírito científico” (BACHELARD, 2000, p.130).

d. Bachelard se propõe, na continuidade, a analisar as novas relações epistemológicas entre idéias simples e compostas.

Os fenômenos são tecidos de relações; desta forma, não há fenômeno, nem natureza, nem substância, nem idéias que sejam simples: “As idéias simples são hipóteses de trabalho, conceitos de trabalho, que deverão ser revisadas para receber seu justo papel epistemológico”. (BACHELARD, 2000, p.130) E ele repete aqui que *aplicação é complicação*.

O lugar privilegiado para o estudo da dialética do simples e do complexo é a pesquisa sobre o átomo; esta pesquisa apresentou vários paradoxos epistemológicos:

Por exemplo, pode-se dizer que um átomo que possui vários elétrons é, em certos aspectos, mais simples do que um átomo que possui um só, pois que a

e é *sintética* porque o conceito de doze não está já contido nos conceitos de cinco, sete e adição. Por Isto, Kant sustenta que a matemática é sintética *a priori*”. (RUSSELL, 2001, p.344-345).

totalidade é mais orgânica numa organização mais complexa. (BACHELARD, 2000, p.130).

O estudo do átomo do hidrogênio foi exemplar neste sentido; num primeiro momento se observou que sua fórmula era simples e que a figura intuída a partir dele também era igualmente simples. Cartesianamente, os cientistas estudaram os outros átomos – mais complexos - a partir deste que parecia o mais simples; Bachelard mostra que nem do ponto de vista matemático, nem intuitivo foi possível tirar proveito deste raciocínio metodológico. A princípio, as experiências que não corroboravam esta hipótese de trabalho foram consideradas *perturbações* do fenômeno, evidenciando a estrutura psicológica de uma etapa da ciência: “O pensamento científico permanece muito tempo neste estágio do complexo tomado como sinônimo do perturbado”. (BACHELARD, 2000, p.132) Então, quando as perturbações já não podem ser listadas como exceções, a complexidade exige novas abordagens matemáticas bem mais complicadas; no caso, as matrizes responderão melhor à multiplicidade dos termos, assim também as imagens e os modelos atômicos terão que ser substituídos. O caráter *simples hidrogenóide* que se quis ampliar para descrever átomos mais complexos não atendeu às expectativas da pesquisa e se provou como falsamente inteligível: “numa palavra, ficará claro que não se poderá destacar o simples senão após um estudo aprofundado do complexo”, (BACHELARD, 2000, p.132) ou ainda, não é possível induzir o complexo partindo do simples.

Mais ainda, ele afirma que buscar o conhecimento *do simples em si, do ser em si* é um movimento vão, pois as propriedades se estabelecem por relações e composições: não advém de um fenômeno simples. Neste sentido, Bachelard discorda das chamadas *noções de base* que, associadas, levariam à complexidade inerente ao conhecimento científico, orgânico e estudado em casos complexos.

Assim, com as estruturas complexas miúdas e hipermiúdas, o mundo científico viu que as variações não são exceções, mas antes regras. Para Bachelard, eliminar a idéia de perturbação foi uma verdadeira e profunda revolução no empirismo: “Não se deverá mais falar de leis simples que seriam perturbadas, mas de leis complexas e orgânicas às vezes tocadas de certas viscosidades, de certos apagamentos” (BACHELARD, 2000, p.136).

Diante da *nova* matéria, a lei simples terá que ceder lugar a um conhecimento profundo que abarca também as antigas perturbações e exceções. Bachelard diz que esta construção de conhecimento equaciona o *noumeno* com o *fenômeno*, fazendo referência às questões colocadas na parte introdutória do seu livro, na qual ele descreveu a encruzilhada epistemológica que não se resolvia através da síntese, mas por uma formação de compromisso entre a racionalidade e o empirismo. “A epistemologia não-cartesiana é, pois, por essência, e não por acidente, um estado de crise” (BACHELARD, 2000, p.139).

e. Bachelard retoma os efeitos que o pensamento matemático das primeiras décadas do século XX teve na estrutura da construção do conhecimento científico ao ultrapassar a ciência primitiva de medição do espaço. A física matemática oferece instrumentos de objetivação científica: “A natureza estilizada do laboratório preparada pelos esquemas matemáticos deve então aparecer menos opaca que a natureza que se apresenta à observação imediata” (BACHELARD, 2000, p.143).

Este filósofo sugere que uma abordagem profunda do objeto deve ser feita no laboratório por um matemático, e não por um metafísico que estuda no seu quarto. Para exemplificar, ele descreve a observação de um pedaço de cera por Descartes comparado ao experimento da gota de cera da microfísica do século XX: para Descartes, a cera mostra com clareza a fugacidade das propriedades materiais ao se derreter facilmente quando exposta ao calor. Bachelard explica que “[e]sta experiência vaga prova em Descartes o vago das qualidades objetivas. Ela é uma escola de dúvida” (BACHELARD, 2000, p.143).

Este ponto da argumentação de Bachelard é extremamente sutil, pois ele critica o efeito dos princípios metodológicos de Descartes que recusam o conhecimento vindo da experiência progressiva e que não vêem a distinção e a classificação das variáveis do fenômeno, pois só buscam a economia, a simplicidade, a unidade e a constância.

Desta forma, Bachelard critica o espírito de classificação cartesiano advertindo que ele classifica o que não vê: “Ao primeiro fracasso, duvidou-se de tudo. Não se notou o papel coordenador da experiência artificial, não se viu que o pensamento unido à experiência podia restituir o caráter orgânico e, por conseguinte, inteiro e completo do fenômeno” (BACHELARD, 2000, p.144).

Além disto, na denegação da experiência, o cartesianismo também não pode se dar conta de que *Se a cera muda, eu mudo*, Isto é, Descartes tem convicção na permanência do *eu*, na alma como substância que não se deixaria atingir pela experiência. Ele não se dá conta – por estar fascinado com o *cogito*, que tanto a cera, quanto o *eu* mudam no *calor* da experiência.

Como se dá a experiência da cera na física contemporânea? A ciência contemporânea busca uma metodologia de *objetivação progressiva*, e o seguinte trecho deixa claro o que o autor quer ensinar aos epistemólogos:

O físico não toma a cera que se acaba de tirar da colmeia, mas uma cera tão pura quanto possível, quimicamente bem definida, isolada ao termo de uma longa série de manipulações metódicas. A cera escolhida é, pois, de algum modo, um momento preciso do método de objetivação. Ela não reteve nada do odor das flores de que foi recolhida, mas traz a prova dos cuidados que a depuram. Ela é, por assim dizer, realizada pela experiência artificial. Sem a experiência artificial tal cera – sob sua forma pura que não é sua forma natural – não viria à existência. (BACHELARD, 2000, p.144)

A partir desta obtenção, *a cera* é submetida ao laboratório no qual o físico se torna dono do tempo e das variações térmicas para obter uma *gota regular*: “O livro do microcosmo está agora impresso, basta lê-lo” (BACHELARD, 2000, p.145). A partir deste objeto assim obtido, a físico-química atômica procederá à experimentação, observação, classificação. Este *objeto-cera* corresponde ao *realismo de segunda posição*, que Bachelard evocou na Introdução do *Novo Espírito Científico*. Além disto, a atitude do cientista leva em consideração que o método é racional e que o real científico é produto da adequação entre técnica e racionalidade, isto é, há complexidade em todas as etapas.

f. Finalizando sua obra, Bachelard analisa a maneira como esta imensa revolução na ciência atinge a *estrutura do espírito*. Este tem uma estrutura variável, pois se dá ao longo da história; porém, determinados pensamentos não podem ser anulados como se não tivessem existido, pois foram criados por uma metodologia que os retificou: “Ora, o espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento” (BACHELARD, 2000, p.147). Assim, a estrutura deste saber comporta a consciência das falhas anteriores: o verdadeiro é retificação da crença anterior; a experiência é retificação da ilusão primeira. Da mesma forma, uma epistemologia não-baconiana, não-cartesiana e não

euclidiana é a retificação dos métodos da ciência moderna que tiveram que ser superados no final do século XIX. Esta superação, no entanto, correspondeu – e talvez ainda corresponda, no século XXI, às mudanças que se verificam entre gerações, tal é a revolução psicológica que o *novo espírito científico* demanda: “Cada um pode, aliás, reviver estas mutações espirituais lembrando a perturbação e a emoção trazidas pelas novas doutrinas na cultura pessoal: elas reclamam tantos esforços que não parecem nada naturais” (BACHELARD, 2000, p.151).

2. SOBRE O “O PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA” (1895)

O *Projeto* é um ensaio incompleto de Freud publicado em 1950 e traduzido para o inglês por James Strachey a partir do original (STRACHEY, 1974). Este manuscrito faz parte de uma coleção de documentos que constituem as cartas, doravante *Correspondência*, de Sigmund Freud para seu amigo e interlocutor em Berlim, Dr. Fliess.

A primeira publicação do *Projeto* em alemão deu-se em Londres em 1950, e foi feita por Anna Freud e Ernst Kris. No entanto, esta versão suscitou dúvidas quanto à fidelidade ao original. Ernst Jones (1989) autorizou o acesso a uma fotocópia do original do manuscrito para James Strachey, que estabeleceu e traduziu o texto para a língua inglesa. Este é o texto oficial do *Manuscrito* que se tem hoje.

O texto fora escrito em gótico e, segundo o tradutor, não lhe foi difícil ler a caligrafia de Freud, que costumava fazer pouquíssimas rasuras; a dificuldade maior foi a interpretação dos termos e expressões empregados, sendo as abreviaturas e a linguagem telegráfica especialmente difíceis, principalmente nas primeiras quatro páginas escritas a lápis num trem de Berlim para Viena.

2.1. A CORRESPONDÊNCIA FREUD/FLIESS

Wilhelm Fliess, amigo e correspondente de Freud, foi-lhe apresentado por Breuer em 1887, no período em que este otorrinolaringologista de Berlim realizava uma residência em Viena. Ambos médicos, judeus, idades aproximadas, interesses científicos convergentes, travaram uma amizade que deixou, para os estudiosos do freudismo, documentos fundamentais do momento da criação da psicanálise: a *Correspondência* de 17 anos entre ambos.

Além dos dados biográficos que ela aporta e além da descrição do estado de ânimo de Freud nos diferentes tempos da sua trajetória, a *Correspondência* carrega importantes documentos científicos que Freud enviava a Fliess, visando um debate neste nível.

Freud destruiu as cartas que Fliess lhe mandara, mas felizmente Fliess conservou a correspondência de Freud. Quando Fliess morreu, em 1928, sua viúva vendeu estes documentos para um livreiro de Berlim, Reinold Stahl, na condição de que não fossem vendidos a Freud, que provavelmente os destruiria.

Durante o nazismo, Stahl viajou para a França, onde os ofereceu à Princesa Marie Bonaparte, discípula e amiga de Freud. Ela os comprou por cem libras e os levou para Viena, onde ficaram depositados no Banco Rothschild durante o inverno de 1937/38. Quando Hitler chegou a Viena, Marie Bonaparte resgatou estes documentos e os depositou em Paris, na Embaixada da Dinamarca, de onde foram transportados para Londres, embalados em material impermeável e flutuante, em caso de acidente com minas do Canal da Mancha.

A forma mais completa desta *Correspondência* chegou ao público através da edição organizada por Jeffrey Moussaieff Masson (1986). Não é, no entanto, uma edição completa com *todas* as cartas que foram recuperadas; é a edição das cartas *sancionadas* pelos herdeiros. Segundo Jones (1986, p. 293) “As cartas e passagens omitidas na publicação, as quais este autor também leu, se referem a detalhes sem interesse da organização de reuniões, à notícia sobre a saúde de vários parentes e pacientes [...]”.

A *Correspondência* transparece não apenas a personalidade de Freud, mas principalmente seu pensamento científico durante os anos do descobrimento do funcionamento psíquico e da construção da psicanálise. Segundo Jones (1986, p.294), “Acima de tudo ela lança luz sobre o modo em que se davam os esforços intelectuais de Freud, e sobre o desenvolvimento empírico, muitas vezes tortuoso, de suas idéias”.

2.2 SOBRE O PAPEL DE FLIESS NA CONSTRUÇÃO DA PSICANÁLISE

Afora este legado, o relacionamento entre os dois amigos teve uma função central no momento da criação da psicanálise: era com Fliess, e talvez somente com ele, que Freud debatia suas dúvidas mais secretas, expunha suas fraquezas humanas, detalhava seus sintomas neuróticos, sua angústia e melancolia, e também seus sintomas corporais, principalmente os sintomas cardíacos, que seriam depois compreendidos como “doença cardíaca de ansiedade” (JONES, 1986, p.303).

A razão desta amizade, a personalidade de Fliess, a função que o relacionamento teve na construção inicial do freudismo são tema de vários estudos, entre os quais estes que já foram referidos. Para esta dissertação, no entanto, interessa sublinhar, sobretudo, de que forma Fliess influenciou na *formação dos conceitos* que aqui serão tratados. Neste sentido, deve-se pontuar que a construção deste saber se deu no espaço de um debate no qual Fliess exigia de Freud uma *base científica*, uma *base biológica*, uma *base orgânica*.

Freud, por sua vez, reconhecia no amigo um homem da ciência. Em 6 de agosto de 1895, quando começava a redigir o *Projeto*, ele escreve:

[...] creio haver penetrado na compreensão da defesa patológica e, com isto, na de muitos processos psicológicos importantes. Clinicamente, tudo já se havia encaixado há muito tempo, mas só com muito trabalho foi possível chegar às teorias psicológicas de que eu precisava. [...] Ela não está nem perto de ficar pronta, mas ao menos posso falar a respeito e, no tocante a muitos aspectos, valer-me de sua formação científica superior. (FREUD, 1986, p.135).

Três anos mais tarde, na carta do dia 22 de setembro de 1898, quando já havia abandonado a tentativa de localizar neurologicamente o funcionamento do inconsciente, Freud responde a Fliess que não consegue encaixar o psicológico ao orgânico, demonstrando a exigência de apoio fisicalista que o interlocutor teimava em fazer.

Esta exigência provinha de que tanto Freud quanto Fliess tiveram suas formações médicas dentro da mesma mentalidade científica, aquela da escola berlinense de Helmholtz. Segundo Jones (1986, p.294),

A formação científica dos dois era muito semelhante, quase idêntica. Os ensinamentos de física e fisiologia da escola de Helmholtz, que se estenderam de Berlim até Viena, foram os que Fliess também recebeu. O presente de Natal que enviou a Freud em 1898 consistia em dois volumes das conferências de Helmholtz.

Pois era este *ideal científico*, traço comum entre eles, que sustentou o diálogo durante tanto tempo. E foi no bojo desta amizade e na escritura da *Correspondência* que Freud produziu o *Projeto para uma psicologia científica*, em 1895. A *Correspondência* e o *Projeto* estão imbricados, fazem parte do mesmo tecido: a primeira esclarece e complementa o segundo em vários momentos, como se verá.

Também interessa um outro aspecto, que toca a estrutura da constituição do campo psicanalítico, relativo à função desta amizade na origem do freudismo: a hipótese de que a transferência de saber e a transferência amorosa de Freud em relação a Fliess fizeram com que a *Correspondência* e os encontros entre eles tivessem tido para Freud a função de um *tratamento psicanalítico* determinante na construção da psicanálise; o assunto é polêmico.

Dentre os biógrafos, o mais extremado defensor da importância de Fliess na criação da psicanálise é Didier Anzieu. Na análise que empreendeu dos significados e efeitos desta amizade no momento da criação, este autor concluiu que “No hay duda de que el descubrimiento del psicoanálisis no habría tenido lugar sin Fliess. (ANZIEU, 1980, p.143)¹⁹

A hipótese de Anzieu não pode ser provada e, ao mesmo tempo, não pode ser contestada. Ela é ingênua e apaixonada, na medida em que se pode igualmente afirmar, hipoteticamente, que não há dúvida de que o descobrimento da psicanálise não teria ocorrido sem *Breuer*, ou sem *Charcot*, ou mesmo sem *Brücker*, e assim por diante. Os partidários da influência da filosofia na psicanálise podem citar as aulas de *Brentano*, sem falar na literatura e na influência da

¹⁹ “Não há dúvida de que não haveria psicanálise sem Fliess”.

interpretação talmúdica. Naturalmente, o *freudismo* não pode ser atribuído a uma única causa, e todas devem ser devidamente visitadas e aquilatadas de acordo com a pesquisa que se empreende.

Jones, por sua vez, trata a questão da *Correspondência* de Freud e Fliess com a importância que ela tem, mas de um outro ângulo:

Chegamos aqui à única experiência realmente extraordinária da vida de Freud [...] Para um homem já quase de meia idade, bem casado e com seis filhos, nutrir uma amizade apaixonada por alguém inferior e, durante anos, subordinar seu juízo e opiniões aos deste outro homem – isto é incomum, embora não inteiramente estranho. Mas este homem se libertar seguindo um caminho jamais trilhado por qualquer ser humano, explorando, em uma tarefa heróica, sua própria mente inconsciente – isto é extraordinário no mais alto grau. (JONES, 1989, p.292).

Isto é, para Jones, Freud, através de sua auto-análise, se *curou* de Fliess, a quem idealizava de forma excessiva e cega. Na avaliação do biógrafo, Freud se sentia à vontade com Fliess: “Assim, afinal, era seguro liberar o *daemon*, quando guiado por alguém que acreditava na física e atuava com símbolos matemáticos” (JONES, 1989, p.301) Mais adiante, Jones comenta, no entanto, que Fliess foi uma espécie de baliza para Freud numa época em que este estava inseguro dos novos conceitos que a experiência lhe levava a elaborar, principalmente no que tange ao papel da sexualidade na formação do sintoma neurótico.

Tudo indica que a relação de Freud com Fliess foi tão complexa e multifacetada na sua humanidade, que não pode ser resumida a um único aspecto. Sobretudo, o aspecto que mais interessa para o que aqui se estuda é a questão da *exigência de cientificidade* que um exercia sobre o outro.

Jones esclarece ainda que, após ter suas teorias sexuais da neurose rejeitadas por Breuer e por Meynert, homens de ciência próximos e admirados por Freud, este encontrou em Fliess um correspondente que podia aceitar suas teorias incipientes: “A vantagem mais óbvia era que Fliess, bem longe de rejeitar os problemas sexuais, fizera deles o centro de todo seu trabalho” (JONES, 1989, p.300).

Fliess foi o interlocutor que Freud elegeu, e, por muito tempo, esta relação o ajudou a produzir teoria. É importante observar que Freud tinha conhecimento disto. Na carta do dia 20 de outubro de 1895, em plena redação do *Projeto*, ele declara: “No entanto, foi só ao tentar expor o assunto a você que todo ele se tornou evidente para mim” (FREUD, 1986, p.147).

Num trabalho mais recente, *Freud/Fliess, mito e quimera da auto-análise* (1998) o psicanalista Erik Porge combate as idéias de Anzieu sobre a importância de Fliess na auto-análise de Freud, discordando que o primeiro tivesse tido a função de psicanalista para Freud. Porge defende a idéia de que Fliess acenava para Freud a esperança, ou mesmo a certeza, de que ambos estavam, cada um na sua especialidade, construindo um saber científico.

É certo que Fliess o apoiou ao escutá-lo, ao ler seus textos e ao incentivá-lo em seus trabalhos realizados fora das trilhas já batidas. Acima de tudo, porém, ele representou aos olhos de Freud a antecipação de uma figura de sujeito suposto saber nas ciências biológicas. (PORGE, 1998, p.33).

O triângulo – *Freud, Fliess, ciência* – fica em evidência na *Correspondência* e são necessários dois comentários: *primeiro*, a ciência que Fliess demandava de Freud para suas novas pesquisas, a base biológica, era aquela com a qual Freud teve que fazer uma *ruptura* para desenvolver sua teoria, que viria a ser fundada em terreno totalmente diverso; *segundo*, foi a tentativa de responder a esta mesma demanda que incentivou Freud a arquitetar o *Projeto para uma Psicologia*.

Ainda segundo Porge, a função de Fliess na construção da psicanálise foi que o amigo “[...] permitiu que ele [Freud] ligasse seu desejo de ser analista – que já se exercia no tocante a seus pacientes – à ciência, por intermédio de uma ciência em devir” (PORGE, 1998, p.33).

A exigência de cientificidade em Freud, no entanto, é bem mais complexa e anterior à demanda de Fliess: cindido entre sua formação de neurologista organicista, por um lado, e pela experiência no estágio com Charcot, pelo outro, prática na qual testemunhou os poderes da hipnose e da sugestão, e ainda tendo escrito com Breuer o caso de Anna O., Freud desejou superpor, somar, conciliar: isto não lhe foi possível. Jones defende que

Freud acreditava – de modo muito mais intenso no início, mas sempre, talvez, em algum grau – que a correlação dos processos mentais com os fisiológicos indicava uma semelhança quanto ao modo como ambos funcionavam. [...] ele acalentava a esperança de uma época em que, pela aplicação de conceitos físicos e fisiológicos, como os de energia, tensão, descarga, excitação, etc., a processos mentais, seria possível alcançar uma melhor compreensão de tais processos. (JONES, 1989, p.370).

Há outros motivos pelos quais a *Correspondência* entre os dois homens interessa para um estudo do *Projeto*: através das cartas, temos acesso às vacilações epistêmicas de Freud; e também porque, sendo o *Projeto* um texto *estabelecido* pelos estudiosos de Freud a partir de *manuscritos*, se pode questionar a *extensão* do texto.

Sobretudo, o principal valor das cartas é que elas são documentos *autobiográficos* acima de qualquer autoridade; trazem, na letra de Freud, seu pensamento e suas emoções sem a intermediação do comentador e sem a censura do leitor desconhecido: são cartas íntimas. Assim sendo, é lastimável que parte desta correspondência ainda esteja retida.

2.3 O PROJETO NA CORRESPONDÊNCIA: A EXTENSÃO

Quanto à *extensão* do *Projeto*, ele foi um empreendimento que frutificou no segundo semestre de 1895, porém já em 27 de abril deste mesmo ano, começam a aparecer referências a ele nas cartas endereçadas a Berlim:

Cientificamente, estou num mau caminho, a saber, preso na Psicologia para Neurologistas, que me consome sistematicamente por completo, até que, verdadeiramente esgotado, sou forçado a interromper. Nunca experimentei um grau tão elevado de preocupação. E dará algum resultado? Espero que sim, mas é difícil, e a trajetória é lenta. (FREUD, 1986, p.128).

Na carta seguinte, de 25 de maio, ele se refere outra vez à Psicologia e aos dois objetivos que o atormentam:

[...] examinar de que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. Na verdade, é impossível ter uma concepção geral satisfatória dos distúrbios neuropsicóticos se não puder vinculá-la com pressupostos claros sobre processos mentais normais. (FREUD, 1986, p.130).

No dia 16 de agosto, já no segundo semestre, aparece uma referência aos seus três sistemas neuronais, evidenciando que Fliess já os conhecia:

Tive uma estranha experiência com $\Phi\Psi\omega$ [...] vi-me confrontado com novas dificuldades, mas sem que me restasse fôlego suficiente para novos trabalhos. Assim recomponho-me rapidamente, deixei a coisa toda de lado e venho-me convencendo de que não estou nem um pouco interessado nela. [...] A psicologia é mesmo uma cruz. Jogar boliche ou catar cogumelos, pelo menos, são passatempos mais saudáveis. Tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só tentar explicar algo que vem bem do âmago da natureza. (FREUD, 1986, p. 137).

No início de setembro, Freud vai a Berlin encontrar-se com Fliess e, no caminho de volta, começa a elaborar o *Manuscrito*. É digno de nota que Freud o tenha feito em tais circunstâncias, considerando sua fobia a viagens de trem e às condições que ele relata na carta de 15 de setembro daquele ano:

Pouco antes de Teschen, abri minha maleta à procura de papel, pois estava escuro demais para ler, era cedo demais para dormir e eu estava considerando a idéia de escrever, da melhor maneira possível, o primeiro rascunho da psicologia. (FREUD, 1986, p.139).

Ele continua a elaborar sua psicologia e, após uma semana, comunica a Fliess que redigira dois cadernos e que faltava redigir mais um:

Estou guardando um terceiro caderno, que trata da psicologia do recalçamento, pois ele investiga seu tópico até certo ponto [...] ainda não está e talvez nunca fique coerente. O que ainda não está coerente não é o mecanismo – posso ser paciente quanto a isto, e sim a elucidação do recalçamento – cujo conhecimento clínico fez grandes progressos em outros aspectos (FREUD, 1986, p.142).

Se Freud redigiu ou não a parte que seria o coroamento desta empreitada, não se sabe. Ele comunica a Fliess o limite das suas hipóteses fisicalistas na teorização do recalque na histeria e na neurose obsessiva: “Mas não tenho tido sucesso na elucidação mecânica; ao contrário, estou inclinado a ouvir a voz silenciosa que me diz que minhas explicações não são suficientes” (FREUD, 1986, p.142).

Mais um mês se passa e, em vinte de outubro Freud se encontra eufórico; parecia ter conseguido articular seus conceitos psicanalíticos com os postulados do *Projeto*: “Tudo pareceu encaixar-se” (FREUD, 1986, p.147).

No entanto, dezoito dias após, ele revela que colocara de lado a redação da psicologia para neurólogos: “Empacotei os manuscritos psicológicos e os atirei numa gaveta, onde dormirão até 1896”. (FREUD, 1986, p.151). E foi exatamente isto que ocorreu, pois, no primeiro dia daquele ano, Freud redige uma carta na qual retifica a posição do sistema ω , mudando a ordem dos três sistemas de neurônios na recepção dos estímulos exógenos e endógenos, para tentar esclarecer a relação problemática entre a percepção e a consciência, como se verá adiante.

Após este adendo e não tendo conseguido transpor seus conceitos em termos daquela fisiologia, Freud se volta inteiramente para a *metapsicologia*, que será formalizada através da construção e articulação de novos conceitos.

No entanto, a psicologia para neurologistas insiste na mente de Freud: a carta do dia 1º de janeiro de 1896 (FREUD, 1986, p.159) deve ser considerada como um importante anexo ao *Projeto*, talvez a última tentativa de perseguir seu esquema psicológico. Surpreendentemente, essa mesma carta também traz anexado o longo *Rascunho K*, denominado *As neuroses de defesa (um conto de fadas natalino)* no qual Freud descreve a função do recalque e os tipos de neurose de defesa. É impossível ignorar a diferença entre os saberes dos dois textos – o da

carta e o do Rascunho K, ambos escritos praticamente no mesmo dia. A contemporaneidade destes escritos demonstra que Freud perseguia duas correntes de pensamento simultaneamente: a *psicologia* e a que ele viria, logo depois, denominar de *metapsicologia*: “Tenho me ocupado continuamente com a psicologia – na verdade, com a metapsicologia [...]” (FREUD, 1986, p.173).

2.4 AS BASES EPISTÊMICAS DE FREUD NO PROJETO

Tudo, como dizem os psicanalistas, foi grão para seu moinho.

(GAY, 1989, p.42)

Apesar de nunca se ter identificado com a cidade na qual viveu desde os quatro anos de idade, Freud usufruiu e participou da produção científica, filosófica, cultural e artística de Viena. Lá se encontrava o ambiente agregador e catalisador da produção científica e cultural no mundo de língua alemã no fim do século XIX, o que foi determinante na sua formação.

Segundo a descrição de Eric Hobsbawm, no seu livro *Tempos interessantes* (2002), Viena, antes da Primeira Guerra Mundial, era uma cidade importante:

[...] o mundo da classe média vienense – e certamente dos judeus, que formavam grande parte dela – ainda era o daquela vasta região de políglotas cujos imigrantes, nos oitenta anos anteriores, haviam transformado sua capital em uma cidade de dois milhões de habitantes, certamente a maior cidade do continente europeu entre Paris e Leningrado, com exceção de Berlim. [...] Era uma sociedade multinacional, mas não multicultural. O alemão (com sotaques locais) era seu idioma; a cultura era alemã (também com toques locais), o que representava também seu acesso à cultura mundial, antiga e moderna. (HOBSBAWN, 2002, p.26).

A Escola de Medicina de Viena era lugar de grandes mestres, muitos vindos da Alemanha, e se tornou referência de excelência no Ocidente: “Não é por acaso que a escola de medicina,

naqueles anos, atraiu cada vez mais estudantes estrangeiros – de outras partes da Europa e dos Estados Unidos” (GAY, 1989, P.44). Freud teve a oportunidade de entrar em contato com a mentalidade científica positivista:

O positivismo não era tanto uma escola organizada de pensamento, e sim uma atitude difusa em relação ao homem, à natureza e aos métodos de investigação. Seus partidários tinham a esperança de trazer o programa das ciências naturais, suas descobertas e métodos para a investigação de todo pensamento e ação humanos, públicos e privados. Nascido no iluminismo do século XVIII, [...] o positivismo havia prosperado no século XIX, com as vitórias espetaculares da física, da química, da astronomia – e da medicina. (GAY, 1989, p.48).

Freud se tornou cientista imerso nessa racionalidade; no entanto, para construir a sua nova doutrina, foi necessário que uma outra racionalidade tomasse o lugar do espírito positivo no final do século XIX. O início das inovações metodológicas parece ter sido geral nas ciências nesta época, como ensina Bachelard.

Quando se contemplam as atividades de Freud em 1895, ano da redação do *Manuscrito*, podem-se observar a diversidade e a complexidade das atividades e assuntos nos quais ele estava envolvido, e que remetem a diferentes bases epistêmicas que se ramificam e se entrecruzam no seu labor, ao tempo em que se cria a *novidade*.

Naquele ano, Freud se encontrava numa encruzilhada epistemológica significativa: a *medicina clínica tradicional* nunca fora uma opção real do seu desejo. A pesquisa em *fisiologia pura* não lhe permitiria sobreviver, pois, como judeu num ambiente anti-semita, ele não tinha poder político para fazer uma carreira universitária galgando os escalões mais altos. A psiquiatria, principalmente a pesquisa e o tratamento das neuropsicoses de defesa, abriu para ele um mundo de interesse genuíno. Porém, esta definição veio aos poucos. No ano de 1895, ele se dedicava a várias atividades em diferentes campos.

Entre janeiro e fevereiro, Freud publica um artigo distinguindo neurose de angústia de neurastenia; escreve o *Manuscrito G* sobre a melancolia e o envia a Fliess; publica em francês

um artigo sobre as obsessões e fobias; escreve o *Manuscrito H* sobre as defesas na paranóia e também o envia ao amigo de Berlim. Escreve um comentário sobre neurologia.

Entre março e maio, ele redige o prefácio e o capítulo final dos *Estudos sobre histeria*, cujo artigo integral, escrito em parceria com Breuer, é publicado ainda em maio deste mesmo ano. Na correspondência com Fliess, começam a aparecer as primeiras referências ao *Projeto*.

Entre junho e julho, ele publica um artigo sobre um transtorno da sensibilidade no alto da coxa que ocorreu com ele mesmo, e que fora descrito por Bernhardt. Responde a uma crítica de Löwenfeld a sua concepção de neurose de angústia. E, o que é digno de nota especial, durante suas férias de verão em Bellevue, “No dia 24 de julho procede a primeira auto-análise completa de um sonho pessoal, o da *Injeção feita em Irma*, que lhe confirma, definitivamente, a teoria do sonho como realização do desejo” (ANZIEU, 1989, p.450).

Em setembro começa a redação do *Projeto* na sua viagem de volta de Berlim para Viena; continua esta elaboração e envia duas cadernetas manuscritas a Fliess “as quais não reclamará mais a devolução” (ANZIEU, 1989, p.451)

Inicia a redação da “terceira caderneta, dedicada à psicopatologia do recalçamento e, finalmente abandonada” (ANZIEU, 1989, p.451).

Entre outubro e dezembro, faz conferências sobre a histeria e aprofunda a linha de pesquisa na qual vinha trabalhando antes de iniciar a redação do *Projeto*, e que versava sobre a relação da histeria com um traumatismo sexual, abandonando definitivamente a hipótese dos estados hipnóides que Breuer havia desenvolvido.

Produz simultaneamente, ao longo daquele ano de 1895, artigos da pesquisa psicanalítica, artigos de neurologia, a pesquisa sobre a cocaína, e o *Projeto*. Ora, em cada um destes campos, Freud teve influências determinantes e claras, e outras mais longínquas que vieram por herança através do pensamento de seus mestres.

Jones (1989) descreve uma grande rede de autores que estiveram presentes na formação científica e epistemológica de Freud, e que se encontra nas bases epistêmicas do *Projeto*, texto no qual Freud tentou conciliar campos que se tornariam diferentes entre si.

Também na *Edição Standard das Obras de Freud* (1974) se encontram, na letra dos editores, e sempre referendadas a Jones, referências às diversas fontes do saber constituído a partir de meados do século XVIII, e que participaram do evento da criação da psicanálise por Freud. Como se lê no Apêndice²⁰ *a Neuropsicose de defesa*, escrito pelo editor da edição inglesa, James Strachey

Pode-se levantar a questão ulterior de até que ponto estas hipóteses fundamentais eram específicas de Freud e, até que ponto, derivaram de outras influências. Muitas fontes possíveis têm sido sugeridas — Helmholtz, Herbart, Fechner e Meynert, entre outros. Este, contudo, não é o lugar para se introduzir uma questão tão abrangente. Basta dizer que Ernest Jones a examinou exaustivamente no primeiro volume de sua biografia de Freud (STRACHEY, 1974, v.3, p.80).²¹

Apontada aqui esta discussão fundamental sobre as bases do *Projeto*, segue-se a descrição das fontes maiores, inicialmente fornecidas e examinadas por Jones e retomadas e discutidas por outros estudiosos e comentadores. Além destas que se seguirão, tem-se que incluir, para o estudo do *Projeto*, a influência de Darwin nas concepções biológicas que lá aparecem e o ensino do psiquiatra francês Charcot.

Há, então, pelo menos três grandes modelos epistêmicos na formação do pensamento freudiano e que tiveram influência tanto no *Projeto* como na Metapsicologia: Brücke; Herbart (via Meynert) e Helmholtz (via Fechner).

Assoun interpreta que cada um destes pensamentos está na fundação do freudismo de modo explícito, servindo de apoio epistêmico para as três dimensões do Inconsciente: a *dinâmica* das representações, calcada na teoria psicologia herbartiana; a *economia* dos afetos inspirada nas teorias energéticas da época, mais diretamente através do trabalho de Fechner; e a fisiologia fisicalista de Brücke, da qual ele herdou a necessidade da descrição *tópica* do fenômeno.

No que concerne ao presente estudo, estas três procedências se encontram explicitamente presentes tanto na raiz quanto na elaboração e no resultado do *Projeto*:

²⁰ A emergência das hipóteses fundamentais de Freud.

²¹ Do mesmo modo, os editores da Standard Edition tomam Jones como autoridade maior, o que é corroborado por Assoun (1983) no seu trabalho de epistemologia freudiana.

- A *energética* aparece claramente na teoria neuronal e nos princípios dela derivados, que governam o funcionamento do aparelho lá proposto, o Princípio da Inércia e sua adaptação como princípio da Constância.
- A *topologia* se dá no neurônio e em todos os desdobramentos da teoria neuronal apresentados: os dois tipos de neurônio, as barreiras de contato e os trilhamentos que fundam a estrutura do eu.
- A *dinâmica* das representações se apresenta de forma heterogênea, a depender do capítulo: no primeiro momento, a cada neurônio cabe uma representação, num esforço máximo de tornar a psicologia uma ciência neurológica; na segunda parte, encontra-se um misto de tal neurologia com uma teoria de inspiração mais herbartiana, as lembranças já sugerem a representação.

2.4.1 Ernst-Wilhelm Von Brücke (1819-1892): uma escola.

Em 1873, aos 17 anos de idade, Freud ingressou na Escola de Medicina da Universidade de Viena. Já no primeiro semestre von Brücke foi seu professor de fisiologia. No semestre seguinte, mais 28 horas semanais de *fisiologia* e um seminário semanal de filosofia com Brentano. O quarto semestre o encontrou estudando lógica aristotélica e mais onze horas semanais de fisiologia e outras tantas de zoologia com Carl Claus.

Este padrão de dedicação à fisiologia, à zoologia e às conferências de Brentano repetiu-se ao longo de seus estudos. Em 1876, aos 20 anos, surgiu-lhe a primeira oportunidade de um estágio na Estação Zoológica Experimental de Trieste, Isto é, no laboratório de Carl Claus; durante dois verões, ele recebeu uma bolsa de estudos para pesquisar a existência das gônadas das enguias: encontrou-as. “Trabalho mecânico que, vinte anos mais tarde, julgou vão e insípido; mas serviu como a prova de iniciação ao hábito da ciência especializada [...]” (ASSOUN, 1983, p. 115).

Numa carta ao amigo Wilhelm Knöpfmacher, Freud relata a saída do laboratório de zoologia para o de fisiologia nervosa:

Viena, seis de agosto de 1876.

Caro amigo,

[...] Durante estas férias passei para outro laboratório, onde estou me preparando para minha verdadeira profissão: “esfolar animais ou torturar seres humanos”, e vejo-me cada vez mais a favor dos primeiros. (FREUD, 1976, p.22).

No retorno de seu segundo verão em Trieste, Freud foi aceito no Instituto de Fisiologia de Brücke, que lhe designou pesquisar o tecido nervoso, a estrutura e função da célula nervosa no sistema nervoso dos animais superiores. Segundo Morel, “Von Brücke representava, com Helmholtz, Du Bois-Reymond e Carl Ludwig, como eles alunos de Müller, a corrente fisiológica antivitalista, mecanicista e organicista, que procurava reduzir os fenômenos da vida e da psicologia a leis físico-químicas” (MOREL, 1997, p.49).

Von Brücke era muito mais do que um emérito pesquisador; ele representava o pensamento científico da Escola de Medicina de Helmholtz, fez parte da fundação e integrava o grupo de cientistas alemães que aplicaram com sucesso a metodologia positivista ao mundo da biologia e fisiologia: a pesquisa e o esclarecimento dos fatos fisiológicos visavam à descrição do funcionamento e dos efeitos das forças físico-químicas.

A fisiologia é, para Brücke, animador da Sociedade Berlinense de Física nos anos 1845, uma extensão da física. Ela tem por objeto sistemas físico-químicos particulares, os organismos, dotados de propriedades especiais, como a faculdade de assimilação; [...] o fisiólogo não é outro senão o físico dos organismos. Aquilo que une estes campos é o princípio de conservação de energia, em virtude do qual a soma das forças permanece constante em todo sistema isolado. (ASSOUN, 1983, p.116).

Freud trabalhou durante seis anos nesse lugar. Sua formação e prática profissionais eram muito mais a de um cientista pesquisador do que a de um médico clínico. Porém ele nunca abandonou a atitude científica lá adquirida, mesmo quando fundava um outro campo epistêmico, através de outra metodologia que formalizou um objeto novo no campo do saber.

A importância de Brücke envolve também uma herança epistêmica que se conserva na estrutura do novo objeto freudiano. De que forma? Segundo Jones, a relação com a ciência herdada do fisiologista alemão foi anterior a Charcot e mesmo a Breuer: “[...] pode-se mostrar

que os princípios a partir dos quais construiu suas teorias foram aqueles que adquiriu como estudante de medicina sob a influência de Brücke.” (JONES, 1989, p.57).

É importante adicionar, no entanto, que, ao se acompanhar, através da *Correspondência*, o processo de construção e abandono do *Projeto*, fica evidente que lhe custou enorme trabalho físico e intelectual, além de muito desgaste emocional, chegar ao ponto de abrir mão do cientificidade que o fisicalismo oferecia.

Jones descreve que o grupo de cientistas no qual Brücke era um dos expoentes acreditava que nos organismos só havia forças físico-químicas comuns, e que apenas o método físico-matemático poderia explicá-las. Isto pressupunha “forças químico-físicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão”. (JONES, 1989 p.53).

Os fenômenos do mundo físico atingem os organismos com sua força; e são absorvidos ou expelidos de acordo com o princípio de conservação de energia. Nos seus escritos, Brücke esclarece que estas forças interagem entre si, ou se combinam, ou se inibem, ou se conciliam. “Somente as energias físicas causam efeitos – de alguma forma” (JONES, 1989, p.54).

O positivismo médico divulgado pelo fisiologista era materialista: “[...] todos os fenômenos naturais, sustentava Brücke, são fenômenos do movimento” (GAY, 1989, p.49). Não há lugar para misticismo ou religiosidade ou qualquer espiritualismo nesta racionalidade:

A emancipação desta influência consistiu não em renunciar aos princípios, mas em se tornar capaz de aplicá-los empiricamente aos fenômenos mentais, prescindindo de qualquer base anatômica. Isto lhe custou uma dura luta, mas seu verdadeiro gênio consistiu sempre em emergir com êxito de duras lutas. (JONES, 1989, p.57)

Tanto Jones quanto Assoun creditam ao espírito da escola de Brücke a capacidade de observação, a positividade, a “frieza lúcida” (ASSOUN, 1983, p.128) de Freud nas observações clínicas. É imperativo, deste modo, localizar a *forma* de influência epistêmica do ensino de Brücke no exercício da *psicologia científica* almejada por Freud no *Projeto*. Assoun propõe que se trata “[...] de nos esclarecermos sobre a autonomia ou a heteronomia da

identidade epistemológica freudiana [...] e que detectemos atentamente a fenda que perturba esta filiação” (ASSOUN,1983, p.119).

Ora, o *Projeto* é o lugar da fenda: as hipóteses fisicalistas abandonadas por Freud no ato de engavetamento deste trabalho revelam que os ensinamentos da escola berlinense *não encontrariam aplicação direta* ao novo objeto que Freud vislumbrara no seu trabalho com as neuropsicoses de defesa. No entanto, atribui-se ao fisiologista o rigor científico e o imperativo da *localização* do fenômeno que guiou Freud na descrição do *topos* do recalçamento, isto é, a tópica do Inconsciente.

Assoun (1983) aponta três características da escola germânica de fisiologia que tiveram importância no modo de investigação de Freud: a *base anatômica*, a relação dos eventos com a *teoria genética* e a exigência do aprimoramento da *técnica de investigação*. Saltam aos sentidos estas exigências no texto do *Projeto*: a base neuronal sobre a qual Freud lança sua construção, as teorias da evolução dos tecidos embrionários e a teoria da adaptação darwiniana, e, no procedimento heurístico, a construção lógica a partir de princípios gerais e de postulados, rendendo um texto cuja lógica interna cria um saber que Freud denomina *científico*.

Rodrigué (1995) esclarece que, em 1880, Du-Bois-Raymond, um dos fundadores do grupo de cientistas positivistas do qual Brücke fez parte, proferiu uma palestra denominada *Sete enigmas do mundo*, os quais a ciência ignora e nunca poderá conhecer: “ Nós *ignoramus*: A origem do movimento. 2. O surgimento da vida. 3. A ordenação finalista da natureza. 4. O surgimento da sensibilidade. 5. A origem da consciência. 6. O pensamento racional. 7. A origem da linguagem” (RODRIGUÉ, 1995, v.1, p.144).

Este manifesto deixa transparecer, por um lado, que Du-Bois-Raymond tem a convicção, própria da racionalidade científica, de que é impossível que a ciência cubra todo o campo do saber; por outro lado, transparece que ele acreditava que o saber de sua época já havia atingido o limite do cognoscível. Quando Freud vai a Paris em 1885, suas convicções agnosticistas sofrerão um grande abalo.

2.4.2 Herbart (1776-1841), a teoria da representação, o associacionismo.

Ao contrário das diversas homenagens que faz a seu mestre Brücke ao longo de seus artigos, Freud não cita na Standard Edition o nome de Herbart, filósofo alemão que viveu cem anos antes da sua época. Como se verá, a ligação entre a psicologia de Herbart e sua absorção por Freud se deu por *vias indiretas*. James Strachey, editor da versão inglesa do texto *A repressão [Die Verdrängung]* de 1915, esclarece:

O conceito de repressão remonta historicamente aos primórdios da psicanálise. A primeira referência a ele que foi publicada, consta da ‘Comunicação Preliminar’ de Breuer e Freud (Edição Standard Brasileira, Vol. II, pág. 51, IMAGO Editora, 1974). O termo ‘*Verdrängung*’ fora empregado pelo psicólogo Herbart, no início do século XIX, e possivelmente chegou ao conhecimento de Freud através de seu mestre Meynert, que tinha sido admirador de Herbart. (STRACHEY, 1974.v.14, p.165)

Filiação não reconhecida pelo próprio Freud, que, em 1925 afirma em seu *Estudo autobiográfico* “Denominei este processo de *repressão*; era uma novidade e nada semelhante a ele jamais fora reconhecido na vida mental” (FREUD, 1974, v.20, p.43).

Por que Freud teria ignorado a fonte herbartiana? Muito provavelmente porque, apesar das diversas fontes do pensamento nas quais bebeu, o seu conceito de *recalque* foi original, enquanto produtor de uma teoria revolucionária e nova, a partir da qual ele elaborou uma teoria complexa do funcionamento mental. James Strachey, na sua Introdução ao artigo de Freud *O Inconsciente* (1915), corrobora:

Desde o início, e em seu ambiente mais próximo, não pode ter havido grande resistência a esta idéia. Seus professores diretos — Meynert, por exemplo —, na medida em que se interessavam pela psicologia, orientavam-se principalmente pelos conceitos de J. F. Herbart (1776-1841), e parece que um livro de texto contendo os princípios herbartianos era usado na escola secundária freqüentada por Freud. O reconhecimento da existência de processos mentais inconscientes desempenhou papel estencial no sistema de Herbart. (STRACHEY, 1974.v.14, p.186).

A psicologia de Herbart foi a base e o modelo para a Teoria das Representações e do associação entre elas, e condicionou a dinâmica do recalque.

Johann Friedrich Herbart (1776-1841) trabalhou em universidades suíças e alemãs de Gottingen e Königsberg, na qual ocupou a cátedra de Kant. Escreveu trabalhos filosóficos e psicológicos. Foram estes últimos que chegaram a Freud. Herbart, então,

[...] concebe o eu como um ser simples que, ao se auto-conservar, se oferece através das representações, únicos elementos da vida psíquica. As representações são os atos de auto-conservação do eu; a psicologia é pura e simplesmente a ciência que estuda as relações destas representações, e por Isto, pode estar fundamentada “na experiência, na metafísica, e na matemática”. As representações da mesma natureza se fundem; as de natureza distinta se justapõem; as de natureza oposta, se excluem, de forma que a mais intensa faz desaparecer a menos intensa sob o umbral da consciência, onde permanece inconsciente, mas sem ser anulada. (FERRATER MORA, 1982 p.1488)

Quando Freud se refere, no *Projeto*, a uma psicologia inserida nas ciências da natureza, ele adentra um “outro ramo científico, o da ativa psicologia alemã”. [Este ramo contribui para a] “dimensão dinâmica trazendo em seu sulco uma dimensão econômica” (ASSOUN, 1983, p.150).

Herbart escreveu duas obras psicológicas: *Manual de Psicologia* (1816) e *A psicologia como ciência recentemente fundada na experiência, na metafísica, e na matemática* (1824-25). O título da segunda obra apresenta o vetor da sua lógica, isto é, uma psicologia que parte do fato, passa pela elaboração do pensamento e, ao ser equacionada matematicamente, desemboca na ciência.

Para Herbart, a psique pode ser objeto da ciência por estar constituída de partes distintas – átomos – denominados *representações* [*Vorstellung*]. “Ora, o primeiro caráter visível das representações é que elas são, enquanto forças, suscetíveis de medida” (ASSOUN, 1983, p.150).

Estas representações adquirem força através de oposições umas às outras, dinâmica esta que terá um papel central na construção freudiana; além d'isto, em Herbart, a própria seqüência das associações entre representações ocorre de acordo com as atrações e repulsas entre elas; isto é, não é uma seqüência simples, mas possui uma dinâmica própria: “[...] já sabemos que a vida psíquica só poderá ser uma cadeia de representações. Se podemos falar de associacionismo freudiano, é muito mais da fonte herbartiana que da fonte anglo-saxônica que ele se alimenta” (ASSOUN, 1983, p.153).

Herbart vai mais além: quando há conflitos entre representações, estas não podem ser aniquiladas, o que acarretaria um aniquilamento de uma parte do eu: elas são modificadas pelo recalque, a *Verdrängung*.

O filósofo propõe outros destinos para as representações: as que não podem ser nem destruídas, nem conservadas, transformam-se uma parte em *tendência* [*Streben*] e a outra “subsiste como *resíduo* [*Rest*] enfraquecido” (ASSOUN, 1983, p.152). As que ficam limitadas por outra sofrem um processo de Inibição [*Hemmung*]. Aquelas representações que se tornaram *Rest* tendem ao obscurecimento e a não assomar à consciência, isto é, a elas é reservado um destino psíquico inconsciente.

A distância de um século entre Herbart e Freud não impediu que o segundo sofresse uma forte influência do modelo construído pelo primeiro. Qual a trajetória destes conteúdos até Freud?

Segundo Jones, de início chegaram à juventude de Freud, através de um manual de psicologia de 1858, publicado por Gustav Adolf Lindner, *Lehrbush der empirischen Psychologie nach genesticher Methode*, utilizado no último ano do liceu.

A teoria herbartiana de *representações preenchidas com energia* foi também o apoio do pensamento de Franz Brentano (1838/1917) cuja *Psicologia do ponto de vista empírico* (1874) Freud estudou na universidade, entrando desde cedo em contato com “este representacionismo radical” (ASSOUN, 1983, p.160).

Jones (1983) esclarece que Herbart chegou a Freud através de Meynert, e a este através de Griesinger,²² cujos textos Meynert tinha em alta conta e que Freud, como médico residente em seu serviço, provavelmente leu.

Segundo Assoun, tanto Johannes Muller quanto Wilhelm Griesinger “renovadores respectivos da fisiologia e da psiquiatria na metade do século, podem ser considerados como a prole de Herbart” (ASSOUN, 1983, p.155). Neste encontro entre as representações herbartianas e a fisiologia da escola alemã, a psicologia encontra um suporte *científico* na racionalidade da época.

Nos anos nos quais trabalhou com Meynert, Freud respirou Herbart. Não se postula, desta forma, uma leitura direta de Herbart por Freud, mas sim uma presença originária daquela obra no espírito científico: “Para quem situasse o empreendimento psicanalítico no vasto campo das tentativas científicas do século, ele apareceria legitimamente como um dos últimos afluentes do grande rio herbartiano”. (ASSOUN, 1983, p.156).

É necessário sublinhar que o cerne da pesquisa freudiana – o *recalcamento das representações* – navegou até Freud por estas mesmas águas. Resta questionar de que forma estas idéias foram retomadas e utilizadas na construção do saber psicanalítico.

Herbart deduz o nascimento do ego como uma consequência lógica do antagonismo das representações:

“[...] o ego se reduzindo, no final desta dialética desfeita, a um lugar vazio [*leere Stelle*], centro comum [*Mittel-punkt*] ou ponto de cruzamento das representações [*Erkreuzungspunkt*]” (ASSOUN, 1983, p.158).

As representações se acompanham de uma energia que se conserva ou se consome de acordo com suas dinâmicas associativas. O modelo do psiquismo herbartiano produz um sujeito não

²² Wilhelm Griesinger (1817-1868), médico psiquiatra da geração dos positivistas universitários, profetava a ligação entre a doença mental e as patologias neurológicas; no entanto, “também admitia o papel dos conflitos internos e do recalque (*Verdrängung*) das idéias e dos sentimentos, noção aparentemente tomada por empréstimo ‘as teorias dinâmicas associacionistas do filósofo Johann Friedrich Herbart (cuja influência incontestada sobre Freud se afirmou aliás)’ (MOREL, 1997, p.114-115)

permanente, nem dado, mas representado: num momento existe e se mostra, no momento seguinte desaparece.

A metapsicologia freudiana conserva o esquema de tal psicologia alemã, porém enfatiza a função do afeto como energia pulsional no processo de recalque das representações. Este modelo será a base epistêmica irreduzível para todo desenvolvimento da dinâmica das representações, da função do desejo, do gasto pulsional.

Naturalmente, não se trata de uma transposição de Herbart feita por Freud, pois a função da linguagem proposta por Freud a este núcleo introduziu sua novidade na descrição do recalque não apenas como mecanismo, mas como um *topos* psíquico, proporcionando uma teoria do recalque genuinamente sua.

Ainda segundo Assoun, a lição fundamental que Freud retira de Herbart é a possibilidade de fazer elo entre os pontos de vista tópico e econômico no funcionamento metapsicológico, possibilitando a descrição do conflito entre as representações plenas de afeto, isto é, a produção da dinâmica e do destino do desejo inconsciente.

À luz da psicologia de Herbart, verifica-se que a teoria da representação psíquica foi anterior em um século aos desenvolvimentos do *Projeto*.

A sua metafísica também contribuiu ao modelo mais geral da psicanálise, na medida em que Herbart propôs a compreensão da experiência mais além das contradições que se podem ver: “A metafísica tem por tarefa depurar a experiência de suas contradições internas” (ASSOUN, 1983, p.163). Esta tarefa filosófica transmuta-se na psicanálise, quase um século depois, como tarefa nuclear do tratamento da neurose pela palavra.

Esta forte corrente epistêmica, a partir de uma vertente filosófica, parece contribuir para reforçar o dever da ciência da natureza ao buscar, acima de tudo, como objetivo epistêmico, o esclarecimento dos fenômenos produzidos na experiência, sem preocupação nem com o sentido imediato, nem com uma solução, entre os conflitos, que seja pacificadora.

Deste modo, insere-se automaticamente, no tempo do *a posteriori*, a produção de um *novo saber*, que vem por acréscimo ao trabalho de iluminar – dizer em palavras representações em jogo no fato aparente.

Sobre a fonte epistemológica do associacionismo freudiano, deve-se mencionar o ponto de vista de Osmyr Faria Gabbi Jr., filósofo brasileiro, professor da Unicamp, que realizou uma tradução para o português do *Projeto*, na qual estuda a relação do *Manuscrito* com a filosofia utilitarista de John Stuart Mill.

Com efeito, Freud havia feito a tradução de cinco livros de Stuart Mill para o alemão, a partir de 1879. Segundo Jones (1989, p.67),

Este foi o único trabalho, original ou de tradução, por ele publicado que não tinha relação com seus interesses científicos e, embora o conteúdo do livro provavelmente o atraísse, seu motivo principal era sem dúvida passar o tempo e, ocasionalmente, ganhar um pouco de dinheiro.

Gabby Jr. (2003) argumenta que a falta de reconhecimento da influência de Mill em Freud se deve, sobretudo, à psicanálise francesa de origem lacaniana. Isto não é totalmente assim, foi Jones o primeiro a *não* dar peso a esta ligação. Na visão deste biógrafo, foi dos seguidores de Herbart que o associacionismo chegou a Freud e o influenciou sobremaneira, como se viu acima.

Assoun, no capítulo em que discute a fonte herbatiana do freudismo, declara que “Se podemos falar de associacionismo freudiano, é muito mais da fonte herbartiana do que da fonte anglo-saxônica que ele se alimenta.” (ASSOUN, 1983, p.153).

Também na *Edição Standard das Obras de Freud* (1974) se encontram, na letra dos editores, e sempre referendadas a Jones, referências às diversas fontes do saber constituído a partir de meados do século XVIII, e que participaram do evento da criação da psicanálise por Freud. Como se lê no Apêndice a *Neuropsicose de defesa*, escrito pelo editor da edição inglesa, James Strachey:

Pode-se levantar a questão ulterior de até que ponto estas hipóteses fundamentais eram específicas de Freud e, até que ponto, derivaram de outras influências. Muitas fontes possíveis têm sido sugeridas — Helmholtz, Herbart, Fechner e Meynert, entre outros. Este, contudo, não é o lugar para se introduzir uma questão tão abrangente. Basta dizer que Ernest Jones a examinou exaustivamente no primeiro volume de sua biografia de Freud (STRACHEY, 1974, v.3. p.80).²³

O debate fica aqui apenas indicado; não seria mais provável que Freud tivesse bebido das duas fontes filosóficas para construir a sua própria teoria? Como Gay indicou na epígrafe acima, seu *moinho* teria excluído ou Mill ou Herbart?

2.4.3 Meynert (1833-1892), o mestre e o momento da ruptura.

Theodor Meynert assumiu, a partir de 1873, o cargo de professor titular e médico-chefe do serviço de psiquiatria do Hospital Geral, onde trabalhou até a sua morte. Freud lá trabalhou por três anos. Meynert “Foi um dos mais puros representantes da psiquiatria organicista e associacionista, espécie de psicologia anatômica [...]. Com seu espírito divinatório e sua fantasia de poeta, substituía por idéias psicológicas as células e as fibras nervosas”. (MOREL, 1997, p.172).

Rodrigué (1995) reitera que Meynert foi um representante eminente e esclarecido da psicologia alemã, e que foi através dele que Freud entrou em contato com Herbart: “É improvável que Freud tenha feito, alguma vez, uma leitura sistemática de Herbart. É mais certo que Freud conhecesse Herbart via Meynert e este, por sua vez, via Griesinger, cujos textos muito considerava” (RODRIGUÉ, 1995, v.1, p.256).

Segundo Gay (1989) a postura científica de Meynert já havia causado forte impressão em Freud desde seus tempos de estudante de medicina. Ele se sentia estimulado pelas idéias de uma psicologia científica, ao tempo em que o criticava pela sua personalidade difícil. Mais

²³ Do mesmo modo, os editores da Standard Edition tomam Jones como autoridade maior, o que é corroborado por Assoun (1983) no seu trabalho de epistemologia freudiana.

tarde, quando Freud voltou de seu estágio em Paris, eles iriam romper por causa das questões teóricas novas que Freud trazia sobre a histeria, sobre a existência de histeria masculina e sobre o tratamento sob hipnose, importado de Charcot.

Na carta a Fliess de 29 de agosto de 1888, Freud relata a tensão entre ele e seu mestre:

Ao criticar Meynert que, em seu costumeiro estilo despudorado-malicioso falou abalizadamente sobre um tema do qual nada sabe, tive que me conter, pois a atitude de todos os meus amigos assim o exigia. Mesmo assim, o que lhe escrevi lhes parece arrojado. Mexi num ninho de vespas. (FREUD, 1986, p.24).

Porém a influência de Meynert sobre Freud foi grande, já que a psicologia científica professada pelo mestre já então falecido, iria desafiar Freud em 1985 ao ponto de ele se dedicar ao *Projeto*.

2.4.4 Fechner e a energética.

A dimensão das quantidades de energia que circulam no sistema neuronal, oriundas do mundo externo e dos órgãos internos está na arquitetura do *Projeto*. Ao abandonar o *Projeto*, Freud descarta a base neuronal, mas conserva o aspecto econômico e os princípios que o regem, retomando-os de várias formas, em todas as fases de seus desenvolvimentos teóricos posteriores: afetos, desejo, libido, sinal de angústia. Mesmo nos desenvolvimentos anteriores ao *Projeto*, o aspecto econômico do psiquismo estava na base da teoria da angústia, das neuroses atuais e das psiconeuroses.

Esta atenção ao aspecto *quantitativo* chegou a Freud através dos ensinamentos de Gustav Theodor Fechner, (1801-1887) que realizou pesquisa experimental sobre a medição das sensações: “Como introduzir, sob sua forma matematizada a mais rigorosa, a medida no vivido psíquico? Eis o problema fechneriano” (ASSOUN, 1983, p.171). Fechner foi um cientista precursor na prática experimental metódica das sensações elementares, sendo desta forma um grande empirista.

Segundo Daumas (1957), Fechner continuou a pesquisa de Weber e estabeleceu, com a Curva de Fechner, uma expressão matemática para a lei de Weber: “ La sensation suit une progression arithmétique, l’excitation une progression géométrique”. (DAUMAS, 1957, p.1653)²⁴ Esta formulação foi derrubada por vários cientistas: Helmholtz Hering, Delbeuf, Marcel Foucault. Mesmo assim ele teve o grande mérito “d’avoir introduit dans la recherche les procédés de mesure”. (DAUMAS, 1957, p.1653)²⁵ A crítica a Fechner não impede Freud de evocar a *Lei de Fechner* na Parte I do *Projeto*, no Capítulo [9], O Funcionamento do Aparelho.

O modelo epistêmico de uma quantificação do psiquismo influenciou Freud. Segundo Assoun, os desenvolvimentos de Fechner possibilitaram que Freud concebeste uma tópica *animada* por uma energética, que ele aplicaria ao substrato de tecido nervoso no *Projeto*, para depois sustentar o efeito desta energia como afeto, nas bases puramente psicológicas das representações recalçadas.

2.4.5 Darwin e o fundamento biológico.

A menção da teoria genética conduz ao papel do darwinismo, tanto na formação científica de Freud como na construção do *Manuscrito*. A teoria de Darwin era aceita largamente pelo grupo de Berlim pela novidade que ela acenava à compreensão do mundo no que diz respeito às ciências da natureza. Desde o seu primeiro ano da Faculdade de Medicina (1873-1874) Freud segue um curso opcional sobre Biologia Geral e Darwinismo, ministrado por K. Claus. (ANZIEU, 1989).

Na escola de medicina, seus mestres são partidários do darwinismo, inclusive o filósofo Brentano, que apesar de teísta, “respeitava Dawin” (GAY, 1989, p.44). A obra de Darwin fornecia fundamentos também para o fisicalismo de Brücke:

²⁴ “A sensação segue uma progressão aritmética, a excitação uma progressão geométrica” (Tradução nossa).

²⁵ “(...) de ter introduzido na pesquisa os procedimentos de medida” (Tradução nossa).

Darwin se encarregara de situar solidamente o homem no reino animal e arriscara-se a explicar seu surgimento, sobrevivência e desenvolvimento diferenciado a partir de razões totalmente seculares; as causas que operavam para efetuar transformações na ordem natural dos seres vivos, que Darwin difundira perante um mundo estupefato, não precisavam se remeter a uma divindade, por mais remota que fosse. Tudo era obra do entrelaço de forças cegas e profanas (GAY, 1989, p.49).

No *Projeto*, a *biologia darwinista* será um recurso teórico recorrente, principalmente nos pontos de impasse interno da lógica que lá se desenvolve.

2.4.6 Charcot: “[...] mais ça n’empêche pas d’exister” (GAY, 1989, p.62).

Em 1885, Freud obteve uma bolsa de estudos para uma residência de cinco meses em Paris, no serviço de Charcot. Esta experiência lhe mostrou contrastes entre a racionalidade científica na qual havia sido educado e aquela que Charcot apontava, de forma ousada e dramática no seu serviço. Segundo Jones (1989, v.1, p.86): “Foi seguramente a experiência com Charcot em Paris que despertou o interesse de Freud pela histeria, a seguir pela psicologia em geral, e assim preparou o caminho para ressuscitar a observação de Breuer e desenvolver a psicanálise”..

Jean-Martin Charcot (1825-1893) médico francês, era célebre pelas pesquisas das afecções do sistema nervoso, desenvolvidas a partir de 1862, quando ele ingressou no Hospital da Salpêtrière, em Paris. Lá produziu e publicou trabalhos neurológicos consagrados. No ano de 1878,

[...] por ocasião de uma reorganização dos locais da Salpêtrière, ele teve acrescentada a seu serviço a seção dos epiléticos simples, onde acabavam de ser reunidas autênticas doentes de epilepsia e histéricas que copiavam os seus sintomas dos modelos convulsivos que tinham sob os olhos. (MOREL, 1997, p.58).

A partir de então, ele começou a fazer uma série de experiências usando a hipnose, para produzir e retirar sintomas histéricos; o mais importante destas experiências foi a dissociação que elas permitiram vislumbrar entre a histeria, como uma doença psíquica, e a neuropatologia; as experiências de Charcot abriram o caminho para uma teoria não organicista das neuroses.

Além disso, a personalidade do mestre francês causou forte impressão em Freud e teve como consequência principal desviá-lo do estudo dos tecidos nervosos. Segundo Gay (1989, p.60), a presença deste homem afastou Freud do laboratório de neurologia, “[...] e impeliu-o a uma direção para a qual, conforme alguns sinais visíveis, já vinha se encaminhando: a psicologia”.

Charcot ofereceu muitas contribuições novas ao estudo da histeria: além de retirá-la do campo anatômico, descreveu-a como uma morbidade bem definida: “Este reparo é importante, porque lhe permite afastar a hipótese de simulação, o grande fantasma da psiquiatria do século XIX” (GARCIA-ROSA, 1987, p.32). Charcot também chamou a atenção para a ligação da sexualidade com a neurose: “[...] explicava ele [Charcot] que certas perturbações nervosas são sempre uma questão ligada a *la chose génitale*” (JONES, 1989, v.1, p.254).

Ainda no campo da psiconeurose, o mestre francês contribuiu com a observação da histeria masculina; ambas as hipóteses, tanto a de que a histeria não era determinada por uma doença neurológica quanto a da existência da histeria em homens – além da incorporação da hipnose à prática médica, foram determinantes para o rompimento de Freud com Meynert na volta do primeiro a Viena.

Para um cientista formado no agnosticismo berlinense, a racionalidade de Charcot significou uma ampliação de horizontes para Freud: “Confiando no que via, ele defendia a prática acima da teoria; uma observação que fez em dada ocasião imprimiu-se com ferro ardente na mente de Freud: *La théorie, c’est bon, mais ça n’empêche pas d’exister.*” (GAY, 1989, p. 62-63).

É claro que essa espécie de trocadilho sugere que, se há coisas que insistem em se mostrar no real mais além dos conceitos científicos, então a teoria não está ainda suficientemente *boa*; logo, isto não se deve *ignorar*.

A influência de Charcot na obra de Freud é consagrada, porém aqui se deve questionar de que modo se afirma a inclusão de Charcot como base epistemológica do *Projeto*. A intenção do *Projeto* é claramente fisicalista, isto não excluiria Charcot? Parece que não, pois, apesar de fisicalista, o *Projeto não é organicista*. Não há referência na *Parte II – Psicopatologia* a causas orgânicas na histeria de Emma, ou em qualquer psicose. Logo, pode-se afirmar que psicologia científica *não* significa, para Freud, *organicidade*, isto é, defeito, doença ou síndrome neurológica como causa da histeria. Esta diferenciação definitiva dos campos foi uma importante herança de Charcot a Freud.

3 O ESTUDO DO PROJETO

No *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, doravante *Projeto* ou *Manuscrito*, Sigmund Freud se propõe a formalizar uma doutrina inscrita nas Ciências Naturais, baseada na então recém descoberta teoria neuronal e que teria na mecânica newtoniana seus parâmetros científicos.

Freud almejava uma “base orgânica” (FREUD, 1986, p.327) para as descobertas clínicas oriundas dos atendimentos a pacientes com sintomas neuróticos graves, as quais ele comunicava em ensaios desde 1886.

Porém, à medida que se deparava com a complexidade do objeto que trazia à luz – o *recalcamento*, *as defesas* e o conseqüente funcionamento mental *inconsciente* – ele renunciou ao *Projeto* e ao apoio neuronal, e criou um corpo teórico que pode ser avaliado epistemologicamente como tendo seguido o caminho do *novo espírito científico*, conforme descrito por Bachelard na sua obra de 1934. Isto é, a psicanálise freudiana se inscreve como um movimento científico *contemporâneo*.

De acordo com Freud, foi no debate entre *empíria* e “certas idéias abstratas” (FREUD, 1974, v.14, p.137) que a psicanálise se constituiu. Muitos de seus textos dão testemunhos de seu modo de construção ao longo dos anos. O *Projeto* é um destes textos. Assim, apesar de Freud o ter condenado ao engavetamento, o *Manuscrito* se constituiu, *a posteriori*, numa *escritura que testemunha* o debate epistemológico interno de Freud durante a construção da hipótese do *Inconsciente*.

Esta dissertação busca mostrar que o *Projeto* foi uma tentativa, que o próprio autor terminou por descartar, de localizar neurologicamente o *recalcamento* e seus *efeitos de defesa* - tanto na neurose quanto na psicologia geral - e terminou por se constituir num canteiro de semeadura dos conceitos metapsicológicos propriamente ditos. O conteúdo dos artigos denominados por Freud de *Metapsicologia* viria a ser o principal objeto de estudo da teoria analítica (Assoun, 1981).

3.1 A ESTRUTURA DO PROJETO

O manuscrito estabelecido do *Projeto* possui três partes.

A *Parte I - Plano Geral* se compõe de uma *Introdução* com as *duas idéias principais* que guiam o Manuscrito. Seguem-se vinte e um capítulos: os dois primeiros contêm os *dois postulados* que, articulados com as *idéias principais* da *Introdução*, compõem o quadro lógico e científico ao qual os desenvolvimentos ulteriores deverão se referenciar.

A *Parte II – Psicopatologia* é um esforço que Freud empreende de superpor às teorias do recalçamento e das defesas - que já vinha desenvolvendo desde a década de 1890-, às articulações neuronais. Neste intento, ele utiliza a descrição do caso clínico, a teoria simbólica da formação do sintoma (citar texto dos Estudos) e acrescenta desenhos de grupos neuronais. É nesta seção onde melhor se pode observar, no *Projeto*, a articulação da teoria da psiconeurose com a clínica psicanalítica e o esforço freudiano de lhe conferir um esteio no sistema nervoso.

A *Parte III – Tentativa de representar os processos Ψ normais*, se contrapõe à anterior por não fazer referência à psicopatologia; preocupa-se em estabelecer o funcionamento do eu nos processos secundários, e desenvolve hipóteses sobre o pensar e a função do juízo de realidade.

Do *último caderno*, referido na *Correspondência*, nada restou. Nela Freud se debruçaria sobre a relação das teorias do *Projeto* com o mecanismo do recalçamento; por alguns dias pensara que conseguiria descrever este processo em tais termos.

É importante, no entanto, não perder de vista que este capítulo ultimaria a tarefa do *Projeto* e que a desistência foi movida pelo *fracasso científico* da tarefa: Freud se dá conta que não haveria como sustentar a localização e o funcionamento neurológico do recalçamento; as contradições internas do escrito já recomendavam seu abandono.

Reunir numa só e mesma escritura a teoria neuronal e a teoria nascente do Inconsciente, teria sido o coroamento da *psicologia científica*. Mas “Esta seção final não veio à luz; provavelmente nunca foi completada”. (JONES, 1989, v.1 p.381).

Há, no entanto, referências a ela na carta do dia 8 de outubro de 1895, escrita num tom de longo desabafo:

E agora, quanto aos dois cadernos de notas. Enchi-os por inteiro com meus rabiscos de uma só assentada, depois da minha volta, e eles pouco lhe trarão de novo. Estou aguardando um terceiro caderno, que trata da psicopatologia do recalçamento, pois ele só investiga seu tópico até certo ponto. A partir daí tive que trabalhar outra vez nos novos rascunhos e, neste processo, fiquei alternadamente orgulhoso e exultante e envergonhado e abatido – até agora, depois de um excesso de tortura mental, digo a mim mesmo com apatia: ainda não está e talvez nunca fique coerente. O que ainda não está coerente não é o mecanismo – posso ser paciente quanto a Isto -, e sim a elucidação do recalçamento – cujo conhecimento clínico fez grandes progressos em outros aspectos (FREUD, 1986, p.142).

É importante observar que Freud não estava testando, ao escrever o *Projeto*, a *existência* do mecanismo do recalçamento; o saber clínico já o levava a esta convicção; não buscava tampouco que a neurologia científica lhe trouxesse auxílio no seu método de abordagem clínica; ele buscava uma *certeza científica*, um aval que alçasse sua nova teoria à altura do saber já consagrado.

Na carta do dia 20 de outubro, Freud ainda se encontrava esperançoso em relação ao *Projeto*; relata a Fliess de que modo sua psicologia tornara-se clara para ele:

[...] as barreiras ergueram-se subitamente, os véus caíram e tudo se tornou transparente – desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. Tudo pareceu encaixar-se, as engrenagens se entrosaram e tive a impressão de que a coisa passara realmente a ser uma máquina que logo funcionaria sozinha. Os três sistemas de neurônios; os estados livres e ligados de Qn; os processos primário e secundário; a tendência principal e a tendência de compromisso do sistema nervoso; as duas regras biológicas de atenção e da defesa; as características de qualidade, realidade e pensamento; o estado do grupo psicosexual; a determinação sexual do recalçamento; e, por fim, os fatores que determinam a consciência como função da percepção – tudo ficou e continua correto até hoje! Naturalmente, mal consigo conter minha alegria. (FREUD, 1986, p.147)

A importância desta carta é inestimável, pois contém um resumo do *Projeto*, e oferece o encadeamento do raciocínio que está na base da tarefa; também elucida os encaixes teóricos pretendidos - pois Freud queria exatamente *encaixar* o organicismo a sua teoria do Inconsciente em formação.

Na Carta emendada de oito e dez de novembro de 1895, ele diz de sua tristeza pela desistência do *Projeto*:

A partir de agora minhas cartas perderão muito de seu conteúdo. Empacotei os manuscritos psicológicos e os atirei numa gaveta, onde dormirão até 1896. [...] Desde que pus a $\Phi\Psi\omega$ de lado, sinto-me abatido e desencantado; creio não estar de modo algum à altura de suas congratulações. (FREUD, 1986, p.151)

E a sua própria avaliação final do intento não deixa dúvidas de que ele abre mão de uma relação de superposição entre a neurologia e o mecanismo de recalque:

Não entendo mais o estado mental em que maquinei a psicologia; não consigo perceber como posso tê-lo infligido a você. Creio que você está sendo polido demais; para mim, parece ter sido uma espécie de loucura. A solução clínica das duas neuroses provavelmente se manterá, depois de algumas modificações. (FREUD, 1986, p.153)

3.2 MÉTODO DE ANÁLISE DO PROJETO NA DISSERTAÇÃO

Na análise e nos comentários que se farão nesta dissertação interessa, sobretudo, observar a *coerência interna* do texto do manuscrito, isto é, observar o modo como os axiomas, as *leis gerais* e os *postulados* colocados por Freud respondem às necessidades de demonstração dos fenômenos que ele estuda, e às necessidades lógicas que o desenvolvimento da sua construção exige.

Nesta observação deverá se tornar claro o modo de construção do texto científico por Freud: seu diálogo com a experiência que, bem distante de ser uma abordagem ingênua, era um

diálogo simultaneamente embebido nas hipóteses e pressupostos da neurologia da época e nas hipóteses e pressupostos do *freudismo*²⁶ em construção.

Desta forma, é imprescindível localizar os *pontos nodais* do desenvolvimento lógico que compõe o tecido do *Projeto*, assim como os *limites da teoria* que ele desenvolve em relação aos próprios postulados que ele estabelece no início do *Manuscrito*. Estes *limites* ocorrem quando os *postulados* não são suficientes para descrever os fatos, isto é, a cada vez em que eles ultrapassam as possibilidades de uma psicologia neurológica e até mesmo das regras biológicas.

Estes momentos de impasse metodológico são apontados pelo próprio autor ao longo do *Manuscrito*. Freud desenvolve um raciocínio em *voz alta*, que toma o leitor por interlocutor e o faz participar do obstáculo em questão. Este modo de construir o texto científico se tornou uma marca no estilo de Freud, e resultou numa verdadeira pontuação para os estudiosos, feita pelo próprio autor, dos impasses que se apresentavam a cada vez, durante toda a sua obra.

3.3 COMENTÁRIOS SOBRE O *PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA* (1895)

Não é fácil fazer o recorte de um conceito no texto do *Projeto*, pois eles se encontram todos articulados entre si; ao tentar puxar um fio, ele não se solta, traz junto o tecido. Pelo mesmo motivo, fazer um resumo também é problemático; o que aparece são relações lógicas entre as afirmações derivadas dos postulados e das leis gerais no confronto com o funcionamento da mente nas suas diversas funções.

A Introdução do *Projeto* e os dois primeiros capítulos da Parte I constituem as bases da prova científica que Freud pretende empreender. Nestes parágrafos ele delimita o campo

²⁶ O termo *freudismo* é usado e defendido por Paul-Laurent Assoun, ao longo de sua obra, para delimitar o campo da epistemologia que estuda a construção da psicanálise *por Freud*. Assoun argumenta que falar de uma epistemologia psicanalítica estenderia o campo a desenvolvimentos posteriores a Freud, o que o tornaria muito vasto. Em 1891 utiliza o termo no seu livro “Introdução à epistemologia freudiana” – editado no Brasil em 1983 e, em 2001, lança na França um estudo cujo título é “Le freudisme”, no qual afirma que este termo apareceu na França em 1922. Na edição em espanhol desta obra, tem-se que: “[...] en el caso del “freudismo”, el proceso es particularmente activo, incluso obstinado: el nome próprio se desencadena en el objeto – y Lacan no hizo sino tomar nota de ello forjando la noción de “cosa freudiana” (ASSOUN, 2003, p.8).

epistemológico no qual vai trabalhar e fornece as coordenadas lógicas que serão o farol e a garantia do esforço que se seguirá.

A análise abaixo obedece à divisão freudiana do texto; os subtítulos entre parênteses e em negrito abaixo do título de cada capítulo foram sugeridos pela autora da dissertação para destacar os principais assuntos analisados em cada capítulo.

3.4 PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA: PONTOS NODAIS E LIMITES.

PARTE I – PLANO GERAL

INTRODUÇÃO

(Naturwissenschaft, Q+N, Exner).

As primeiras palavras do Manuscrito são: “O propósito é fornecer uma psicologia científica e naturalista”. (FREUD, 2003, p.175) Isto é, Freud inscreve seu Manuscrito no campo da *Naturwissenschaft*.²⁷

²⁷ Ao que Freud se refere com *eine naturwissenschaftliche Psychologie?* (FREUD, 1987, p.387). O vocábulo alemão *Wissenschaft* tem um significado mais amplo do que a palavra latina *ciência*: “Se trata de un saber o de un conocimiento supuestamente básico y previo a todas las ciencias”. (FERRATER MORA, 1982, v.1 p.495).

No entanto, o vocábulo também é empregado num sentido mais restrito: Lalande esclarece “a ciência em geral como sendo qualquer doutrina que forme um sistema, quer dizer, um conjunto de conhecimento ordenado segundo princípios. Esta última definição é hoje clássica”. (LALANDE, 1999, p.157)

Segundo Assoun, em 1854 o historiador e renovador da historiografia alemã Droysen (1808-1884), professor em Kiel, introduziu formalmente a distinção entre *Naturwissenschaften* e *Geistwissenschaften* no seu livro *Grundriss der Historik*. Isto é, contribuiu de forma decisiva para a separação dos campos científico e filosófico.

Em 1884 esta dicotomia deu vez à *Querela dos Métodos (Methondenstreit)* que eclodiu a partir de publicações, sendo a mais significativa o livro de Dilthey (1833-1911) *Introdução às ciências do espírito*. Esta querela polarizava, por um lado, os estudos da natureza e sua metodologia na tradição das ciências galileanas e, por outro, os estudos históricos e filosóficos que se sustentavam na hermenêutica. Os vocábulos *explicar (erklaren)* e *compreender (verstehen)* indicavam, respectivamente, a função e a característica central de cada campo.

E num terceiro tempo, ainda no campo do historicismo, o par *Naturwissenschaft* e *Geistwissenschaft* se tornou uma divisão fundadora entre naturalismo e culturalismo. O naturalismo propõe compreender o particular sob leis universais; o culturalismo pretende aprender “o objeto na sua idiossincrasia individual, enquanto singularidade imersa na história”. (ASSOUN, 1983 p.47)

No campo das ciências da natureza, o particular será incluído no geral, se atendo a juízos de realidade, o que as tornam *experimentais* por definição; já as ciências do espírito, descrevem o particular e se atém a juízos de valor; por isto também são chamadas de *idiográficas*.

Na seqüência da Introdução, Freud coloca as “duas idéias principais”: (FREUD, 2003, p.175). A *primeira idéia principal* é de que existe uma quantidade **Q**, submetida à lei geral do movimento; tal lei permite fazer a diferença entre *atividade* e *repouso*. Isto é, uma teoria quantitativa fisicalista. A *segunda idéia principal*, da neurologia, afirma a existência dos neurônios **N** como partículas materias. Logo, há *neurônios*, e há *quantidades* que são transmitidas por estes neurônios: **Q** e **N**. A questão central é qual o efeito da incidência de **Q** sobre **N**? Ainda afirma que há *outras tentativas similares* de pesquisa, isto é, sua pesquisa está inserida num movimento mais amplo da comunidade científica.²⁸

Freud enuncia então dois Postulados Principais: o primeiro denomina-se *Concepção Quantitativa*; o segundo *A Teoria Neurônica*: as quantidades que transitam pelo sistema nervoso são governadas de acordo com o *princípio da inércia*, que dá a direção das **Q** que adentram o sistema. A teoria neurônica, a partir da histologia da época, descreve a existência de *barreiras de contato* entre os neurônios **N**. Assim, **N**, **Q**, **Princípio de Inércia**, **Barreira de contato** são os *quatro* pressupostos científicos a partir dos quais Freud tentará construir um aparelho neuro-psíquico que inclua o inconsciente, a consciência e a memória.

Gabbi Junior (2003) acrescenta que, à época da *Querela dos Métodos*, uma psicologia que se inscrevesse na *Naturwissenschaft* se caracterizava por tomar a física como modelo, não supunha diferença essencial entre fatos físicos e fatos psicológicos, e pretendia explicar os processos pela sua gênese.

Freud, desde o início da sua construção teórica, até os últimos momentos de sua vida sempre defendeu que a psicanálise fosse uma ciência da natureza: do *Projeto* até seus últimos escritos em 1938, ele ainda sustentou que “É simplesmente como as coisas acontecem nas ciências naturais. Também a psicologia é uma ciência natural. O que mais pode ser?” (FREUD, 1974, p.316-317, v.23).

No entanto, Assoun (1983) defende que Freud não teria nem mesmo entrado na *Querela dos Métodos*, tendo se colocado desde o início no campo das ciências naturais. E aí permaneceu defendendo a psicanálise como uma *Naturwissenschaft*. É importante acrescentar que, ao longo de sua obra, ele não abriu mão da cientificidade, apesar de ter aberto mão, antes de 1900, da *base neuronal*.

²⁸ Gabby Jr. esclarece que Freud refere-se a “[...] *Projeto de uma explicação fisiológica dos fenômenos psíquicos*, daqui por diante, *Erklärung*, de Sigmund Exner [...]. Sempre que julgarmos pertinente, indicaremos as semelhanças entre *Entwurf* e *Erklärung*, pois mostram de que o contexto do ensaio é dado pela neurologia alemã do final de século XIX.” (GABBI JUNIOR, 2003, p.175). Sigmund Exner (1846-1926) era assistente de Brücke quando Freud ingressou no laboratório de neurofisiologia tendo feito uma bem sucedida carreira neste local; foi o sucessor de Brücke quando este último faleceu. Jones (1989) relata que o livro de Exner foi um grande estímulo para Freud redigir o *Projeto*, e que “há uma boa dose de semelhança entre eles”. (JONES, v.1, p.380). Exner defendeu a ligação entre a excitabilidade e as leis quantitativas; empregou o termo *soma de excitação*, tendo ainda desenvolvido a importante concepção de *Bahnung*, o *trilhamento* que as quantidades de excitação provocam no tecido neuronal; também o *Princípio de prazer-desprazer* vem do ensaio de Exner. No entanto, no trabalho deste neurologista não havia lugar para o *recalque*, sendo a esta hipótese que Freud desejava fornecer um estatuto neurológico: “[...] onde, porém, Freud demonstrava a existência no inconsciente dos vínculos ausentes, Exner podia apenas recair em uma vaga observação sobre a atividade continuada dos centros sub-corticais”. (JONES, 1989, p.381)

Estes *quatro* pressupostos constituem a *pedra fundamental* do edifício; eles funcionam entre si como se estivessem nos vértices de um *quadrilátero*. O fato de estarem interconectados vai elevar suas relações a um plano bastante complexo. E a complexidade será ainda maior no momento em que a experiência clínica psicanalítica aparecer através da lente do *Projeto*: “Decorreu diretamente da observação clínica de patologias, em que se tratou em especial da idéia copiosamente intensa, como no caso de histeria e de compulsão, nos quais se mostrará, a característica quantitativa sobressai-se de forma mais pura que em [processos] normais”. (FREUD, 2003, p.175).

A CONCEPÇÃO QUANTITATIVA

Para fornecer uma explicação com base na Lei Geral do Movimento, Freud parte do princípio de que a psique funciona a partir de “quantidade em fluxo” (FREUD, 2003, p.175); esta imagem é fundamental para o acompanhamento do *Projeto* no qual a condução nervosa das excitações é ora como um líquido que flui de neurônio para neurônio, ora como a propagação de energia. Ao mesmo tempo, como se viu acima, esta quantidade é abordada a partir dos conceitos da *mecânica newtoniana*. No entanto, a imagética é plural: da física, a mecânica dos sólidos, a hidrodinâmica, a termodinâmica; da fisiologia nervosa, a condução neuronal de excitações nervosas da periferia ao centro do sistema nervoso; há recursos metafóricos também, como o uso da imagem de um raio atingindo o sistema Ψ , no capítulo sobre a dor.

Chegará um momento do *Manuscrito* no qual nenhum destes recursos será suficiente para esclarecer o acontecimento psíquico; então, já no próprio *Projeto*, Freud apelará para a dinâmica da representação de imagem e de palavra, conforme se verá nos capítulos sobre o sono e o sonho.

Os neurônios podem ser sensoriais ou motores; os primeiros recebem; os segundos eliminam: “Esta eliminação representa a função primária do sistema nervoso”. (FREUD, 2003, p.176). Isto funciona de acordo com o fundamental *Princípio da Inércia nervosa*: “[...] o neurônio aspira libertar-se de Q”. (FREUD, 2003, p.176).

Está dada a partida da *máquina*: há quantidades que chegam (**Q**), há substrato material para recebê-las, há o princípio da inércia que obriga o sistema descartar **Q**. A partir desta base, o sistema começa a se complicar, pois terá que dar conta de uma experiência complexa.

Freud define agora a função secundária: a partir do próprio princípio da inércia, há uma aprendizagem: seria melhor que certas **Q** nem atingissem os órgãos sensoriais; assim, o organismo aprende a *fuga ao estímulo*. No entanto, dos estímulos endógenos não se pode fugir: a fome, a sede, a respiração, a sexualidade. Serão eliminados através de uma *ação específica*: O sistema básico se torna mais complexo, e passa a depender de um outro *sistema* semelhante e mais experiente [*Nebenmensch*].

Começam as modificações ao *Princípio da Inércia*: é necessário armazenar certa **Q** internamente para “satisfazer a exigência da ação específica”, (FREUD, 2003, p.177) isto é, para aceitar alimento o organismo depende uma quantidade de energia que deve ser previamente armazenada; isto limita o *Princípio da Inércia*, que prevê o total descarte de quantidades energéticas: as *necessidades vitais* impõem ao sistema nervoso uma função primária e uma secundária.

Têm-se dois pontos de complexidade em relação ao quadrilátero inicial: este não previa o armazenamento de certa energia, nem tampouco uma entrada para um *outro* sistema.

No entanto, o estabelecimento da dicotomia das funções prevê uma exceção ao *Princípio da Inércia*, mas não a sua eliminação, pois é ele que dará a direção do fluxo energético das quantidades, no sentido da eliminação via neurônios motores; por mais complicadas que se tornem as vias de retenção e de eliminação, o sentido permanecerá o do descarte de **Q**.

[2] (b) Segundo Postulado Principal. A teoria neurônica.

(As barreiras de contato e a função secundária)

O conhecimento sobre o neurônio (Waldeyer, 1891) é contemporâneo ao texto do *Projeto* e a teoria neuronal é o segundo pilar do *Projeto*. Ao combinar a arquitetura do sistema nervoso com a concepção quantitativa, se obtém um “neurônio ocupado” (FREUD, 2003, p.177) de **Q**, ou vazio; se ocupado, ele buscará a descarga, a não ser que o sistema necessite reter certa **Q**. A função secundária é possibilitada “pela suposição de resistências opostas à eliminação”. (FREUD, 2003, p.178)

A resistência se encontra, provavelmente, nas barreiras de contato entre neurônios: no lugar de contato entre um neurônio de outro, ocorre uma barreira à passagem parcial ou total de $Q\eta$. As barreiras à passagem de Q irão render logo adiante maiores desenvolvimentos, necessários para dar conta da *formação do eu* e da *memória*.

[3] As barreiras de contato.

(Algumas definições de memória).

Neste capítulo é exemplar do modo como Freud tentava superpor a psique à estrutura do sistema nervoso: o tecido nervoso adquire memória, é “alterado permanentemente por processos únicos” (FREUD, 2003, p.178). Neste momento, Freud quer equivaler a memória psicológica à memória neuronal, numa relação unívoca, uma mesma marca para os dois fenômenos: ao mesmo tempo memória neuronal e memória psicológica superpostas. Ele diz ser importante para uma teoria psicológica fornecer uma teoria da memória. Ora, isto coloca uma pergunta difícil: como é que os neurônios podem, ao mesmo tempo, “ser não só influenciados como também permanecer inalterados, imparciais. Não podemos imaginar, por hora, um aparelho capacitado para este complicado desempenho”. (FREUD, 2003, p.178)

Freud aqui revela *não* ter respaldo da neurologia para esta hipótese histológica, mas não a abandona. Ora, o funcionamento de todo aparelho depende da veracidade desta hipótese, a qual pertence ao *quadrilátero* de base enunciado na *Introdução*: as barreiras de contato só existirão se houver neurônios dos dois tipos.

Assim, há *necessidade lógica* de um mecanismo que seja responsável por registrar, de modo permanente, as experiências individuais e as memórias destas experiências. Ao deduzir que há *barreiras de contato*, ele permite conceber seu sistema como uma *escritura* de marcas neuro-psicológicas, pois neste ponto Freud situa o nó de amarração teórica do *Projeto*: a superposição neuro-psíquica. Freud corrobora uma vez mais que barreiras de contato, seus efeitos e conseqüências são hipóteses da sua racionalidade: “Assim originou-se a separação corrente entre células *perceptivas* e células *recordativas*, mas que, aliás, não se incorpora a nada, e ela própria, a separação, não tem no que se apoiar”. (FREUD, 2003, p.179).

A partir da diferença funcional entre neurônios, vai haver uma primeira partição dos sistemas: sistema Φ são os neurônios permeáveis com função *perceptiva*. Sistema Ψ são os neurônios

impermeáveis com função *recordativa*. Os neurônios Ψ têm barreiras de contato em estado de alteração permanente.

Esta é uma *primeira definição da memória*, uma definição quantitativa, que leva a uma nova complicação: se a memória decorre da impermeabilidade, como ela servirá para novas aprendizagens? Resposta de Freud: “[...] a alteração tem que consistir em que as barreiras de contato tornem-se mais capazes de condução, menos impermeáveis, ou seja, mais similares às do sistema Φ ”. (FREUD, 2003, p.179)

Ele então leva o raciocínio para uma outra direção: o que antes era barreira se torna *via expressa*; de que forma? Porque as marcas nas barreiras se tornam lugares de *facilitação*, atalhos marcados da condução entre neurônios. Assim, Freud já ofereceu algumas definições de memória com base na teoria da facilitação: primeira: “A memória está representada pelas facilitações existentes entre os neurônios Ψ ”. (FREUD, 2003, p.179). Segunda: “Representa-se a memória por meio das diferenças nas facilitações entre os neurônios Ψ ”. (FREUD, 2003, p.180). Terceira: “[...] a memória, isto é, o poder de efetividade contínua de uma vivência”. (FREUD, 2003, p.180).

Agora a questão da facilitação propriamente dita: o que é uma *facilitação*? Como ela ocorre? O que a determina? Como já foi dito acima, a concepção de *facilitações* entre os neurônios é de Exner. No original o vocábulo é *Bahnung*, trilhamento.

Segundo Hanns, no seu estudo sobre a terminologia de Freud,

Bahnung é traduzido com frequência por *facilitação*, e *gebahnt* por *facilitado*, ou *vias estabelecidas*. O termo alemão contém o radical *Bahn*, que significa *pista, caminho aplainado, estrada*, etc. O Substantivo *Bahnung* expressa algo como *ato de abrir pistas*, ou *ato de abrir vias de trânsito*. Geralmente é empregado no contexto de interligações nervosas entre neurônios, ou como interligação funcional que permite o trânsito entre representações. (HANNS, 1996 p.240).

O termo carrega a imagem de uma malha de vias através da qual se viaja, permitindo algumas alterações, mas não muitas. *Bahnung* é o efeito que a passagem das **Qs** deixam: a construção de um *eu* feito de *memória e repetição*.

A *facilitação* depende de dois fatores: da *grandeza* de **Q** e da *freqüência* das repetições. É uma consideração fisicalista dos efeitos de uma força na *magnitude* e na *freqüência* de um trabalho. Ela cria um *mecanismo de repetição* que busca livrar o sistema de sua tensão interna através de modos já aprendidos. A rede de facilitações marcará um *eu* de memória no sistema **Ψ**, o que parece indicar um *paradoxo psicológico*, na medida em que pode estar subtraída da consciência, como se verá adiante no capítulo [7] e [8].

Ainda sobre a memória: todo neurônio **Ψ** tem várias barreiras de contato, “vários caminhos de ligação com outros neurônios” (FREUD, 2003, p.180) independentes e diferentes entre si. É uma *rede de neurônios* facilitados entre si. Freud extrai disto uma conclusão negativa: “*a facilitação não pode ter seu fundamento em uma ocupação embargada. Nesse caso, não se teria como resultado as diferenças de facilitação das barreiras de contato de um mesmo neurônio*”. (FREUD, 2003, p.181).

Então o que ocorre com a **Qη** que provoca a alteração neuronal em **Ψ**? Ela flui ou fica retida? Se ela ficasse retida, contrariaria o *Princípio da Inércia*. Se ela flui, como é que deixa uma marca? Em que consiste realmente a alteração que resulta na facilitação? A **Q**, sem dúvida, flui. Freud ainda indaga: há relação entre a magnitude de **Qη** e a facilitação obtida? O efeito de $1 \times 3Q\eta$ é o mesmo de $3 \times Q\eta$?

Retomando, os neurônios **Ψ** são, por natureza, impermeáveis e passíveis de memória. Ficam marcados nas suas barreiras de contato por **Qη**, de modo a formarem uma rede neuronal facilitada de diferentes caminhos, que constitui a memória. Está lançada a base do eu.

[4] O ponto de vista biológico.

(Da construção ad hoc ao apelo a Darwin: as hipóteses biológicas).

Freud faz comentários acerca do seu método de construção de saber, para defender o estabelecimento da construção *ad hoc*, deduções e inferências sem as quais ele não teria como

prosseguir: “Entretanto, quem se ocupa com a construção de hipóteses científicas, só começa a levar a sério suas colocações quando as incorpora, segundo mais de uma perspectiva, ao saber, e quando se pode atenuar, em relação a elas, a arbitrariedade da *constructio ad hoc*”. (FREUD, 2003, p.181). Neste capítulo ele tece conjecturas a respeito de uma hipótese ainda não verificada no laboratório de fisiologia, e que diz respeito à diferença de funções entre neurônios os quais são morfologicamente idênticos, isto é, ele adiciona complexidade a **N**, o que permitirá a diferenciação de sistemas.

A existência de **Ψ** e **Φ** garante a propriedade do sistema nervoso de “reter e, no entanto, permanecer receptivo”. (FREUD, 2003, p.181). A aquisição psíquica diferencia cada vez mais os dois sistemas, e em **Ψ** são canceladas parcialmente as resistências das barreiras de contato. No entanto, morfologicamente e histologicamente, não se conhece nenhum apoio para esta distinção. Neste ponto Freud apela à biologia darwinista através de quatro hipóteses.

Na primeira hipótese biológica, Freud busca esta diferença no desenvolvimento biológico do sistema nervoso através dos tempos: num sistema mais primitivo, um receberia, outro eliminaria. O sistema **Φ** corresponderia à substância cinzenta da medula espinhal, enquanto que **Ψ** corresponderia à substância cinzenta do cérebro. O sistema de neurônios **Φ** é o lugar de recepção dos estímulos externos, enquanto que o sistema **Ψ** derivaria do cérebro primitivo que tem ligações com os órgãos internos, o *gânglio simpático*.

Como o sistema **Ψ** se tornou impermeável? *A segunda hipótese biológica* apela à teoria de Darwin, na qual esta diferenciação teria sido importante para o desenvolvimento da espécie. “*A terceira hipótese é*, segundo Freud, mais eficaz; defende que as magnitudes de **Q** de fora passam por **Φ**, mas são detidas em **Ψ**. A diferença não é na morfologia neuronal, mas “de destino e localização”. (FREUD, 2003, p.183).

A quarta hipótese questiona se seria lícito dizer que da periferia externa chegam quantidades de estímulos maiores dos que os que chegam da periferia interna do corpo. Freud pensa que sim: grandes quantidades de energia das massas em movimento violento se propagam e nos atingem. O sistema **Φ** tem que eliminar magnitudes maiores para que não atinjam o sistema de neurônios **Ψ**. Logo, o sistema **Ψ** não tem ligação com o mundo externo, e recebe quantidades de duas fontes: de **Φ** e das células do interior do corpo.

Desta forma, adicionando as hipóteses inspiradas na biologia evolucionista de Darwin, Freud consegue manter o *quadrilátero* operando. Estas hipóteses biológicas não contradizem o ponto de vista do fisicalismo positivista; fazem parte da sua estrutura epistêmica, como já foi visto no capítulo anterior desta dissertação.

[5] O problema da quantidade.

(As defesas das barreiras de contato: a função da arquitetura na eliminação de Q).

Aqui Freud aborda a questão dos estímulos entre neurônios (intercelulares): ele *supõe* que sejam de ordem baixa, da mesma ordem de grandeza das resistências das barreiras de contato. Deste modo, a semelhança entre os neurônios Ψ e Φ é salva, e sua diferença quanto à permeabilidade é explicada não apenas biologicamente, mas também de forma mecânica.

Freud supõe que deve haver uma defesa em Φ para amortecer as magnitudes de estímulos do mundo externo. São os *aparelhos de terminações nervosas* que admitem apenas uma fração de Qs exógenas para dentro do organismo. Do interior do corpo para Ψ , não há terminações nervosas; a defesa parece ser feita pelas próprias barreiras de contato. A tendência que governa a arquitetura do sistema nervoso é de ter diversos sistemas para progressivamente afastar Q dos neurônios. Logo, a função da arquitetura do sistema nervoso é o *afastamento* do Q , enquanto que a função dos neurônios é a *eliminação* de Q .

[6] A Dor.

(Um excesso de quantidade e o fracasso das defesas).

No entanto, estes dispositivos biológicos falham, e provocam fenômenos vizinhos ao patológico. As grandes Q externas estão afastadas de Φ e, mais ainda de Ψ , pelas terminações nervosas em Φ e pela ligação indireta com Ψ . A *dor* faz este dispositivo falhar. O sistema nervoso inclina-se para a *fuga da dor*. “[...] inferimos que a dor consista na irrupção de grandes Qs na direção de Ψ ”. [...] ela é o mais imperioso de todos os processos”. (FREUD, 2003, p.186). A dor invalida as defesas das terminações nervosas, é uma falha das defesas. Ela toma todos os caminhos de eliminação e “deixa atrás de si facilitações permanentes em Ψ ,

como se os neurônios Ψ tivessem sido atingidos por um raio [...] fundam aí um caminho de condução como há em Φ ". (FREUD, 2003, p.186).

[7] O problema da qualidade.

(A inferência na definição da consciência. Um limite: o fisicalismo pode esclarecer a questão da consciência?).

Neste capítulo Freud introduz a *consciência*. Afirma que teoria psicológica deve nos explicar tanto o que conhecemos através da nossa consciência, quanto o que a nossa consciência não sabe sobre os nossos processos internos. “[...] a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro, dos processos neurônicos; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda extensão como inconscientes [*als unbewusst*] e cabe inferi-los do mesmo modo que as outras coisas naturais” (FREUD, 2003, p.186-187).

A consciência não se origina no mundo externo, nem no sistema Φ . Ela é uma *qualidade* ligada à percepção, mas num nível mais elevado do sistema nervoso. Se não se origina em Φ , será que se origina em Ψ ? Também não, pois este último é um sistema de memória e recordação, não tem qualidade perceptiva. Freud *supõe*:

Então é preciso ter a coragem de se supor que haveria um terceiro sistema neurônico que poderíamos chamar de ω , estimulado junto com a percepção e não com a reprodução e cujos estados de excitação dariam como resultado as diferentes qualidades, ou seja, seriam sensações conscientes. (FREUD, 2003, p.187-188).

Ele debate se um sistema que produz *qualidades* pode ser formalizado pelas ciências da natureza, já que a física estuda as *quantidades* do mundo; ora, a arquitetura do sistema nervoso consiste em um mecanismo que transforma quantidades externas em qualidades. Esta transformação também é uma maneira de afastar Q .

Porém há uma “dificuldade aparente enorme”. (FREUD, 2003, p.188). Os neurônios ω trabalham com Q s pequenas, mas não podem ser impermeáveis, não podem reter memória, pois trocam de conteúdo a todo instante. Devem ter a mais completa permeabilidade, aliada ao “*restitutio integrum*” (FREUD, 2003, p.188). “Logo, permeabilidade e facilitação completa não derivam de Q , mas então do quê?” (FREUD, 2003, p.189).

Aqui aparece uma dificuldade para descrever o processo da consciência dentro do fisicalismo; não se trata mais de um puro efeito de quantidades na arquitetura dos neurônios. Freud terá que apelar para outro conceito, o de *período*. Não mais o curso de um neurônio para o outro, mas a característica *temporal*. O período se propaga em todas as direções semelhante a um processo de *indução*: “Para um esclarecimento fisicalista, ainda há aqui muito por fazer, uma vez que para as leis gerais do movimento se aplicarem, também aqui elas têm que ser livres de contradição”. (FREUD, 2003, p.189).

O sistema ω é incapaz de receber $Q\eta$ e só se apropria do *período de excitação*; este período é a consciência. “As divergências, segundo este período psíquico próprio chegam à consciência como qualidades”. (FREUD, 2003, p.189). Estas divergências vêm dos órgãos dos sentidos, que também possuem crivos. Daí “[...] prosseguem de Φ por Ψ até ω e ali, onde estão quase livres de quantidade, produzem sensações conscientes de qualidades. Esta propagação de qualidade não é duradoura, não deixa atrás de si nenhum traço e não é reproduzível”. (FREUD, 2003, p.189).

Há *limites* para uma psicologia fisicalista, uma vez que o fenômeno da *consciência* não obedece a nenhum dos dois princípios gerais promulgados no início deste rascunho: nem à lei geral do movimento da física, nem ao fenômeno de um neurônio carregado de quantidade.

Não se deve esquecer que o fenômeno da consciência leva para o fenômeno da *linguagem*. Freud teria que esclarecer de que modo a relação $N + Q$ produziria *palavra*. Na Parte III do *Projeto* ele ainda se dedica a esta questão.

[8] A consciência.

(A série prazer/desprazer; a dificuldade com a função biológica do sistema ω).

Freud confessa tratar o fenômeno da consciência “mediante estas suposições complicadas e pouco intuitivas”. (FREUD, 2003, p.189). No *Projeto*, a consciência é o “lado subjetivo” dos processos físicos. Porém “a sua supressão não deixa inalterada a ocorrência psíquica, mas inclui em si a supressão da contribuição de ω .” (FREUD, 2003, p.190). Isto é, há psiquismo fora da consciência. Apesar de Freud não levar esta discussão adiante no *Projeto*, deve se sublinhar que ele aponta para a existência de fatos psíquicos que não atingem a qualidade da consciência.

Além de produzir a sensação de subjetividade, a consciência leva ao estudo da série *prazer-desprazer* “que necessita agora de interpretação”. (FREUD, 2003, p.190). Sobre o *desprazer*, ele faz três observações: o aumento de Q produz *desprazer*; o princípio da inércia evita o *desprazer*; o *desprazer* é a sensação em ω do aumento de $Q\eta$ em Ψ .

Fica evidente que o *desprazer* depende da consciência. Sobre o *prazer*, ele o faz corresponder à sensação de eliminação de Q e também o liga à função da consciência: o *prazer* é a sensação em ω da eliminação de Q em Ψ .

[9] O funcionamento do aparelho.

(A complexidade em Ψ)

Neste capítulo Freud retoma sua teoria Q e N , agora articulados a $\Phi\Psi\omega$ e ao *sistema muscular* responsável pela eliminação das quantidades; a defesa do sistema nervoso rege o sentido do funcionamento: “afastar Q de Ψ ”. (FREUD, 2003, p.193). Reitera que “[...] um estímulo mais forte percorre mais caminhos que um mais fraco”. (FREUD, 2003, p.193). Esta afirmação corrobora sua base quantitativa: “a maior Q em Φ se expressa pela ocupação em Ψ de mais neurônios em lugar de um único”. (FREUD, 2003, p.193). Logo, quanto maior a quantidade em Φ , maior a complicação em Ψ .

O sistema Ψ recebe ocupações vindas de Φ - o mundo externo -, e vindas dos neurônios do núcleo, que são as endógenas. Esta bipartição será fundamental no sistema de defesas, como se verá abaixo.

[10] As conduções Ψ .

(As conseqüências dos estímulos endógenos em Ψ : uma teoria das pulsões, uma teoria psíquica).

Uma vez tendo diferenciado mais ainda os dois sistemas, ele apresenta o funcionamento específico de Ψ . O núcleo do sistema Ψ está ligado principalmente às excitações endógenas. Há um caminho direto do interior para Ψ . “Mas então Ψ , deste lado, está exposto sem proteção à Q , e nisto reside a *mola impulsiva* do mecanismo psíquico”. (FREUD, 2003, p.194).

É importante observar que Freud vai desenvolver a idéia de *somação*; é interessante acompanhar o modo como ele transita entre a somação neuronal e uma correspondência psíquica a ela, como a base de um sistema pulsional: há uma mescla entre necessidade e desejo, que mais tarde deverá ser separada para uma teoria do desejo inconsciente. Aqui também se encontra uma diferenciação em Ψ , na medida em que há ocorrências específicas do núcleo de Ψ .

Deste ponto em diante, Freud vai retirar uma série de conseqüências psicológicas da relação de Ψ com os diferentes tipos de estímulos que este sistema recebe de *dentro do organismo*: os estímulos endógenos são intercelulares, gerados continuamente, e se tornam estímulos psíquicos periodicamente, por acumulação. As conduções são de múltipla articulação e intercaladas por muitas barreiras de contato até o núcleo de Ψ .

O processo de somação dos estímulos endógenos faz com que, atingida determinada Q , os neurônios Ψ se tornem permeáveis, e sejam invadidos pelos estímulos acumulados. Neste capítulo Freud articula N e Q com o psiquismo, como um sistema pulsional contínuo. Os estímulos endógenos se tornam *psíquicos* apenas quando as quantidades Ψ se deparam com resistências que só serão superadas a partir de certa Q em diante: “Conhecemos este poder como a vontade, o derivado das pulsões”. (FREUD, 2003, p.195).

[11] Vivência de satisfação.

(A ação específica, o papel do outro na vivência de satisfação, os efeitos em Ψ).

Há efeitos ulteriores da incidência de Q em Ψ . Se existe uma vontade derivada da pulsão, logo terá que haver alguma satisfação. Como ela se dá? É necessário uma ação específica que proporcione uma eliminação.

Freud já havia dito acima que o sistema muscular tinha um papel importante na eliminação das excitações. Esta eliminação inicia com a expressão de emoção, gritos e inervação muscular. Isto não produz alívio. Há necessidade de uma intervenção que, por certo tempo, remova a $Q\eta$ do interior do corpo “[...] e esta intervenção exige uma alteração do mundo externo (aprovisionamento de alimento, proximidade do objeto sexual) que, como ação específica, só pode efetuar-se segundo determinados caminhos”. (FREUD, 2003, p.195).

Ponto fundamental do *Projeto*, a *ação específica* vai estabelecer a relação com o *outro semelhante* no sistema $\Phi\Psi\omega$. A seguinte passagem é nuclear:

O organismo, no início, é incapaz de levar a cabo a *ação específica*. Ela efetua-se por ajuda externa, na medida em que, por meio da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança. Esta trilha de eliminação passa a ter, assim, a função secundária da mais alta importância de comunicação, e o desamparo inicial do ser humano é *a fonte originária de todos os motivos morais*. (FREUD, 2003, p.196).

A *ação específica* produz três conseqüências para o sistema Ψ : uma eliminação duradoura; o fim de desprazer em ω ; a percepção de um objeto por um ou mais neurônios de Φ (no manto). Isto é, Ψ fica marcado pela experiência da *relação de objeto*. Formam-se mais facilitações relativas à ação específica, envolvendo todos os três sistemas: a consciência acusa o fim do desprazer; o sistema Φ percebe o objeto envolvido na ação específica; forma-se uma facilitação entre Φ e Ψ . Estas mensagens da eliminação reflexa se originam nas novas excitações sensoriais da pele e dos músculos, “que resultam em Ψ em *imagem motora*”. (FREUD, 2003, p.196).

Outro ponto nodal em direção a uma *Psicologia* é a formação de imagens a partir da experiência com o *outro* na vivência de satisfação. Freud vai desenvolver a complexidade dos efeitos de Φ sobre Ψ , e a complexidade das representações em Ψ mesmo provenientes da vivência de satisfação. A vivência de satisfação dá origem à facilitação entre duas imagens recordativas e os neurônios nucleares que são ocupados. Com a eliminação, a $Q\eta$ também é retirada. Com um novo estado desiderativo a $Q\eta$ prossegue para ambas as recordações e as anima. “Não tenho dúvidas de que esta *animação desiderativa* resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, em alucinação. Se em consequência disto a ação reflexa for iniciada, não há como não faltar a desilusão” (FREUD, 2003, p.197).

[12] A vivência dolorosa.

(O afeto; os neurônios chave; os neurônios secretores; mais um limite da construção fisicalista).

O sistema de neurônios Ψ está exposto tanto a Q endógenas, quanto às Qs que irrompem em Φ produzindo dor. O aumento de nível quantitativo produz *qualidade* – consciência - de desprazer em ω , despertando a inclinação para a eliminação e marcando *facilitações* entre eliminação e objeto que causou dor.

Quando ocorre ou uma *percepção* ou uma *recordação* do objeto hostil, há um estado similar à dor, com desprazer e tendência à eliminação. O sofrimento derivado da recordação se denomina *afeto*.

Nesta passagem se encontra *o segundo limite* às hipóteses fisicalistas, pois há dor sem que uma nova Q real vinda do mundo, ou sem que as necessidades *reais* do organismo atinjam Ψ . Ora, este incremento - esta “auto-geração” de Q -, vem de onde? Para responder, Freud *deduz* que há *neurônios secretores*. Os neurônios secretores *originam algo* que estimula as trilhas em Ψ : são os *neurônios-chave*. Devido à vivência dolorosa, a *imagem recordativa do objeto hostil* conservou uma forte facilitação com estes neurônios-chave, que secretam *alguma coisa*, de modo que o desprazer é liberado agora através do afeto. O próprio Freud considera sua proposição “estranha” (FREUD, 2003, p. 198), porém lembra que o comportamento sexual é

um bom exemplo para sustentar sua dedução: a imagem provoca uma produção afetivo-desejante que exige uma *ação específica*.

Como “A dor deixa atrás de si facilitações especialmente abundantes” (FREUD, 2003, p. 199), a recordação provoca desprazer. Aqui ele responde a questão que fizera acima no capítulo [3]: uma grande **Q** única causa maiores facilitações do que suas frações multiplicadas, conforme a expressão $3Q\eta > 3 \times 1Q\eta$.

[13] Afetos e estados desiderativos.

(A repulsa como defesa primária; conseqüências do segundo limite: a imagem como substituto da experiência real; o recalque: outro limite em relação ao fisicalismo; mais uma vez, um apelo à biologia)

Freud desenha uma diferença entre afeto e desejo: ambos contêm um aumento de **Q** em Ψ . “[...] no afeto por liberação imediata, no desejo por somação”. Ambas deixam em Ψ “motivos do tipo compulsivo” (FREUD, 2003, p. 199).

A vivência de satisfação e a vivência de dor marcam, respectivamente, um *estado desiderativo*, com atração pela imagem recordativa do objeto desiderativo. E uma *vivência dolorosa* que deixa repulsa, aversão, e que ocupa a recordação hostil. É uma defesa primária.

Pode-se explicar facilmente a atração desiderativa mediante a suposição de que a ocupação da imagem recordativa amigável, no estado apetitivo, excede em muito a efetuada desde uma simples percepção, de modo que uma facilitação especialmente boa vai do núcleo de Ψ para o neurônio correspondente do manto (FREUD, 2003, p. 199).

Nos dois casos se observa que o afeto está ligado à *imagem* da vivência, isto é, a uma *representação* do vivido. Deste ponto em diante do desenvolvimento e da complexidade do aparelho, fica impossível discernir entre os estímulos que vem de fora, de Φ , e o que já está facilitado em Ψ pela vivência anterior, isto é, no advento do *desejo* a imagem gravada tem uma forte influência. A partir desta estrutura, Freud vai descrever o fenômeno do *recalque*.

Mais difícil de explicar é a *defesa* primária ou *recalque*, o fato de uma imagem recordativa hostil, tão rápido quanto for possível, ser sempre abandonada pela ocupação. No entanto, sua explicação poderia estar em que as vivências primárias dolorosas foram conduzidas ao término pela defesa reflexa. (FREUD, 2003, p. 199).

Ele sugere o recalque como uma espécie de ato reflexo, que faz surgir, *no lugar do objeto hostil*, um outro objeto; o sistema Ψ , *instruído biologicamente*, procura reproduzir o estado que assinalou a cessação de dor. Desta forma, o apelo à biologia indica a *insuficiência* dos postulados neste ponto, mas não a sua anulação geral. Ele ainda diz sobre o recalque: “No caso em exame, pode facilmente ocorrer que um aumento de $Q\eta$, surgindo em todos os casos devido à ocupação de [imagens] recordativas hostis, impulsione para uma atividade eliminatória mais intensificada e, assim, igualmente, para um escoamento de recordações”. (FREUD, 2003, p.200).

[14] Introdução do “Eu”.

(A operação de recalque através do sistema Ψ facilitado; a inibição; a facilitação temporária)

Freud continua a fazer suposições sobre o desejo, sobre o *recalque* do desejo e seus efeitos em Ψ : “[...], pois os dois processos indicam a formação em Ψ de uma organização, cuja existência perturba cursos [quantitativos] que foram executados, na primeira vez, de uma forma determinada [ou seja, acompanhados de satisfação ou de dor]. Esta organização chama-se o *eu* [...]”. (FREUD, 2003, p. 200)

Em primeiro lugar, para haver *desejo* e *recalque*, é necessário haver uma organização de *neurônios facilitados* em Ψ . A facilitação, como já foi visto, ocorre através das experiências de satisfação e/ou de dor. Este núcleo facilitado se denomina *eu*. Aí se encontram grupos neuronais de *ocupação constante*, pois há necessidade de uma energia armazenada para o exercício da função secundária. Logo, o eu são neurônios Ψ facilitados e *portadores de armazenamento*. O *desejo* e o *recalque* são fatores determinantes da formação do eu.

Segundo, o eu passa a influenciar a repetição das vivências dolorosas e afetivas, pelo caminho da *inibição*. A inibição é uma ocupação lateral no *curso de Qη*: “Mas esta inibição é uma vantagem decisiva para Ψ ” (FREUD, 2003 p.201), pois consegue embargar imagens recordativas hostis e, conseqüentemente, o desprazer:

E um terceiro fator poderoso: um neurônio adjacente poderá agir como uma *facilitação temporária*, modificando o curso de uma barreira que já era facilitada. Quanto maior for o desprazer da imagem hostil, maior a defesa primária, isto é, maior o recalque. “Assim, se existir um eu, ele tem de *inibir* processos psíquicos primários.” (FREUD, 2003, p. 202). É importante observar que o *recalque* não opera sobre as excitações vindas de Φ , nem sobre as que invadem dos órgãos internos, mas sobre as sensações hostis vindas de experiências que deixaram imagens geradoras de desprazer.

[15] Processo Primário e Secundário em Ψ .

(Os desamparos; critério para distinguir entre percepção real, imagem de objeto e alucinação; a função do signo de realidade; a função de proteção do recalque; processos primário e secundário).

O *eu* se comporta como o resto do sistema nervoso, isto é, busca se livrar das excitações. Ele sofre desamparo e dano duas vezes, ambas pelo aparecimento de idéias fantasiosas geradas ou pelo estado desiderativo, ou pela recordação da vivência hostil. É necessário um mecanismo para distinguir o objeto *real* do objeto *imaginado*: “Assim, é necessário um critério vindo de outro lugar para diferenciar entre *percepção* e *idéia*”. (FREUD, 2003, p.202) Esta é a função do signo de realidade.

O *signo qualitativo*, dirigido a Ψ , também serve para evitar, através de uma ocupação lateral, o aparecimento de tais imagens de recordações hostis. Se há um signo a tempo, a defesa primária – o *recalque* - será mínima. “[...] no outro caso, há enorme desprazer e defesa primária excessiva”. (FREUD, 2003, p.202)

É provável que o sistema ω produza o *signo de realidade*, que chega a Ψ através da eliminação de uma excitação qualitativa em ω . Porém se houver uma grande ocupação da

imagem do objeto de desejo, ao ponto de haver uma *alucinação*, aparece um signo de eliminação ou de realidade: “O critério falha neste caso”. (FREUD, 2003, p.203).

Todavia, se uma ocupação se realizar sob *inibição do eu ocupado*, não ocorre o sinal de realidade. Logo, neste caso, o critério tem valor e funcionalidade.

Isto é, a diferença está em que o *signo qualitativo* efetua-se desde fora para toda intensidade de ocupação, mas desde Ψ só para grandes intensidades. Destarte, é a *inibição do eu que possibilita um critério de diferenciação entre percepção e recordação*. (FREUD, 2003, p.203).

Quando há a *inibição*, a descarga não se inicia antes que o signo de realidade tenha começado. A inibição, neste caso, funciona como critério de diferenciação entre objeto real e imagem de objeto.

É importante sublinhar a função da inibição/recalque de proteger o eu contra o desenvolvimento de ocupações alucinatórias, que podem ser “biologicamente prejudiciais” (FREUD, 2003, p.202). É um mecanismo que não tem relação com a idéia vulgarizada do recalque como repressão cultural; nesta definição, o *recalque* protege a estrutura da psique contra seus próprios enganos diante do desejo e da dor, isto é, diante do desamparo.

Ele articula ainda os dois mecanismos entre si - o *signo de realidade* vindo da consciência e o *recalque* através das ocupações laterais, para mostrar que, na ausência da *ação específica* esperada, se produz um signo de realidade para Ψ ; poderá ocorrer “[...] mediante ocupação lateral de magnitude apropriada e no lugar indicado, uma defesa de magnitude normal”. (FREUD, 2003, p.204)

A ocupação desiderativa até a alucinação é um *processo psíquico primário*; produz desprazer e gasta todas as defesas em vão. “Designamos como *processos psíquicos primários* a ocupação desiderativa até a alucinação, o total desenvolvimento de desprazer trazendo consigo o gasto total de defesa”. (FREUD, 2003, p.204)

Os *processos psíquicos secundários* ocorrem quando há uma inibição do eu que possibilite um uso correto dos signos de realidade. O recalque é um mecanismo do processo secundário.

[...] designamos como *processos psíquicos secundários* todos os outros processos que só são possibilitados por uma boa ocupação do eu e que são uma moderação dos expostos acima. A condição dos últimos está, como se vê, em um uso correto dos *signos de realidade*, só possível no caso de inibição do eu. (FREUD, 2003, p.204.)

A comunicação de uma qualidade vinda da consciência é um ponto central do desenvolvimento, pois admite que esta também tenha um papel perceptivo, uma ligação com o mundo que não estava descrita na sua definição inicial, na qual a consciência era unicamente ligada aos processos Ψ . A questão do signo de realidade será retomada por Freud na Parte III do *Projeto*.

[16] O Reconhecer²⁹ e o Pensar Reprodutivo.

(A busca de identidade entre imagens; a função judicativa; os signos de realidade; o pensar e a sua relação com o processo secundário).

Freud vai examinar diferentes situações de ocupação do eu pela *imagem do objeto desiderativo*. Ocorre uma ocupação moderada do objeto de desejo graças à inibição do eu; Isto permite reconhecê-lo como não real.

Para analisar este processo, ele diz que pode ocorrer uma ocupação pela imagem seguida pela percepção da mesma e seguida ainda da ação específica, na qual a “eliminação é coroada de êxito” (FREUD, 2003, p.204). No entanto, há situações bem mais complexas: também pode ocorrer uma ocupação desiderativa *pela imagem*, a qual concorde apenas parcialmente com o objeto desejado, uma vez que estas ocupações são feitas por um complexo neuronal, no qual uma parte da imagem perceptiva não coincide com a imagem do objeto desejado. .

²⁹ *O reconhecer [Das Erkennen]* (FREUD, 1987, p.422) também foi traduzido por *El discernir* (FREUD, 1996, p.372) e por *Cognição*. (FREUD, 1977 p.433).

Biologicamente é inseguro iniciar uma eliminação enquanto os signos de realidade não concordarem com a totalidade da imagem do complexo neuronal. “Todavia foi descoberto agora um caminho para aperfeiçoar a similaridade até a identidade”. (FREUD, 2003, p.205). Ocorre um *juízo* entre as imagens e o objeto da realidade, através de uma *decomposição*.

Freud descreve que para entrar no processo de *juízo* da existência do objeto real adequado, o complexo perceptivo se decompõe em *Neurônio a + Neurônio b*. A similaridade almejada é entre o *núcleo do eu* (que Freud chama de *a coisa*) e o *componente constante da percepção* (*atributo ou predicado da coisa*).

A linguagem dará mais tarde para esta decomposição o termo *juízo* e descobrirá a similaridade que, de fato, existe entre [o] núcleo do eu e o componente constante da percepção, as ocupações mutáveis do manto e o componente inconstante; chamará o neurônio *a* de *a coisa*³⁰ e o neurônio *b* de sua atividade ou atributo; em suma de seu *predicado*. (FREUD, 2003, p.205).

O *judgar* é um processo Ψ possibilitado pela inibição do eu. É provocado pela dessemelhança entre a imagem de uma ocupação desiderativa e a imagem da ocupação perceptiva. No desfecho do julgamento, se houver concordância, haverá um sinal biológico para a eliminação; se houver discordância, há um impulso para pensar.

A função judicativa é condição necessária para o desenvolvimento do pensar: o juízo é desencadeado pela discordância e pela exigência da descarga; a comparação é impulsionada biologicamente, pela urgência da satisfação da necessidade; desencadeia-se então o processo de pensamento; a função judicativa impulsiona o pensamento, e não o oposto.

Uma outra condição que pode ocorrer neste mesmo processo da busca da identidade entre as imagens desiderativa e perceptiva é o sistema muscular realizar um movimento de busca; Freud usa o exemplo do bebê que gira a cabeça e o corpo até encontrar o ângulo do mamilo que ele então reconhece como objeto da sua satisfação. Isto é, “[...] a meta é retornar ao neurônio faltante *b* e provocar a sensação de identidade [...]” (FREUD, 2003, p.206). Pode-se

³⁰ A referência à *coisa* [*das Ding*] atravessa o *Projeto*, e aparece em diversos capítulos, sofrendo diferentes descrições.

inferir que no exemplo de Freud o mamilo é *a coisa* imutável; de *perfil* ou de *frente* é seu atributo ou predicado.

Nesta altura do capítulo, Freud diz que este *pensar reprodutivo* é característica do processo secundário: “A luta entre as facilitações consolidadas e as ocupações mutáveis caracteriza o processo secundário do pensar reprodutivo em oposição à seqüência associativa primária”. (FREUD, 2003, p.206).

Ao finalizar este capítulo, Freud diz que no processo acima descrito pode ocorrer um encontro com uma recordação de vivência dolorosa com conseqüente liberação de desprazer. A corrente se desvia desta lembrança: “Mas as trilhas de desprazer guardam seu alto valor de dirigir a corrente reprodutiva”. (FREUD, 2003, p.206).

Neste capítulo Freud supõe que existam signos de realidade, sem os quais o organismo sucumbiria no mundo alucinatório. No entanto, há um grande impasse: o sistema $\Phi\Psi\omega$ falha em explicar a entrada do outro e do signo de realidade através dos dois postulados N e Q. Dito de outra forma é um sistema fisicalista que funcionaria se fosse fechado; mas o ser humano não é um sistema fechado; depende das ações específicas ministradas pelo outro semelhante, e depende dos signos de realidade para fazer apelo ao outro real.

É importante que se observe que o sistema Ψ é composto por imagens de recordações e imagens de vivências, que são as chamadas imagens de objetos. A busca da identidade passa pela imagem de uma experiência anterior; é um sistema de marcas; as comparações e juízos são sempre intermediados pelas facilitações que as vivências anteriores deixaram no sistema neuronal. Pode-se afirmar que não mais ocorre uma relação direta entre o homem e o mundo após a primeira marca em Ψ ?

[17] O Recordar e o Julgar.

(O re-conhecer; reconhecer a identidade e a diferença; a divisão do complexo do outro semelhante: a coisa e os seus atributos; a importância do processo secundário).

No capítulo anterior, Freud havia examinado *duas* possibilidades frente ao surgimento de um complexo desiderativo. Neste capítulo ele descreverá uma *terceira* possibilidade, ao afirmar

que pode ocorrer uma busca de identidade sem um interesse de eliminação: “[...] o processo pode tornar-se independente da última meta e só ambicionar a identidade. Então se está frente a um puro ato de pensar, mas que, em todo caso, poderá ser mais tarde aproveitado praticamente”. (FREUD, 2003, p.207)

Há um estado desiderativo, mas a percepção emergente *não coincide* com a imagem recordativa desejada (Re+). Há um interesse em *reconhecer* esta imagem, de encontrar nela algum *traço* que conduza à imagem desejada, “ela agora recordará, despertará uma Re Ψ com a qual coincide pelo menos em parte”. (FREUD, 2003, p.207). Repete-se o processo de *pensar* que foi descrito no capítulo anterior, porém “sem a meta que a idéia desiderativa oferecia antes”. (FREUD, 2003, P.207).

Contudo, as discordâncias despertam interesse e ensejam *duas* maneiras distintas no processo do pensar, ambas aparentemente *sem meta imediata*: ou as recordações se dirigem para as *diferenças*, ou repetem um trabalho de julgamento das *similaridades*.

Neste ponto do *Projeto*, Freud introduz a noção do *outro semelhante*, bipartido entre *primeiro objeto de satisfação* (único poder auxiliar) e *primeiro objeto hostil*. O que ocorre quando a percepção focaliza o semelhante? É através dele que “o homem aprende a *reconhecer*”. (FREUD, 2003, p.208).

Algumas percepções visuais do semelhante são conformes às recordações; outras, “[...], por exemplo, quando ele grita, despertarão a recordação do próprio grito e com isto de vivências dolorosas próprias”. (FREUD, 2003, p.208.)

Resulta assim que o complexo do semelhante se divide em duas partes, “[...] uma das quais se impõe por meio de uma estrutura constante permanecendo junto como *coisa*³¹, enquanto a outra é *compreendida* pelo trabalho recordativo, isto é, pode ser rastreada até uma mensagem do próprio corpo”. (FREUD, 2003, p.208.)

³¹ Aparece novamente a referência à *coisa*, que é uma estrutura em Ψ constante, vinda da experiência com o semelhante. A outra parte do complexo do semelhante são as *marcas recordativas* que marcaram o corpo, nas experiências de satisfação ou de dor.

Através desta partição do complexo do semelhante, se desenvolve o processo de *reconhecer*, que incita a um *juízo*. Logo, o juízo, assim como o pensamento, é uma função secundária que “pressupõe a ocupação do eu pela parte díspar”, (FREUD, 2003, p.208.) os *predicados*, responsáveis pela possibilidade de comparar e julgar.

Neste ponto Freud sistematiza a existência, por um lado, de uma *reflexão reprodutiva*, e por outro, “o apreciar como meio de alcançar, desde a situação perceptiva real dada, a situação perceptiva desejada”. (FREUD, 2003, p.208.) Conclui o parágrafo reafirmando que “[...] os processos Ψ não decorrem sem inibição, porém segundo um eu ativo”. (FREUD, 2003, p.208.) O trabalho de pensar atende a um objetivo prático, isto é, realizar o desejo e permitir a descarga adequada de Q através do sistema muscular.

[18] Pensar e Realidade.

(Pensar reprodutivo/recognitivo e o pensar judicativo; a busca do signo de realidade através de ω ; o pensar)

O objetivo do pensamento é chegar a uma identidade, e esta tarefa termina quando se dá “a passagem de uma quantidade Q de ocupação, originada externamente, para um neurônio ocupado pelo eu”. (FREUD, 2003, p.209).

Neste capítulo Freud diz haver dois tipos de *pensar*: o *pensar recognitivo ou judicativo* que busca identidade com ocupação corporal, reconhece qual a sensação que está ocorrendo no corpo; e o *pensar reprodutivo*, que busca identidade com a ocupação psíquica (vivência própria).

O pensar recognitivo é anterior ao reprodutivo; o primeiro oferece ao segundo as facilitações que serão usadas na busca da identidade. A meta do ato de pensar é que o sistema ω mostre para a percepção um signo de realidade. Com isto “[...] obtém-se o juízo de realidade, a crença, e alcança-se a meta da totalidade do trabalho”. (FREUD, 2003, p.209). O fundamento do julgar é

“[...] a existência de experiências corporais, sensações e imagens motoras próprias. [...] Assim, por exemplo – e isto será muito importante no que se segue [Parte II] - todas as experiências sexuais não exteriorizarão nenhum efeito enquanto o indivíduo não conhecer a sensação sexual, ou seja, em geral, até o começo da puberdade”. (FREUD, 2003, p.209).

Após ter classificado dois tipos de *pensar* - o judicativo e o reprodutivo -, Freud vai distinguir duas ordens de *julgar*. O *juízo primário*, que utiliza uma *imagem de objeto* somada a *uma imagem motora* e age por imitação do gesto do outro, busca uma coincidência parcial. Também ocorre, no juízo primário, que uma percepção desperte uma recordação dolorosa, que leva a repetir os movimentos defensivos: “[...] é o valor de compaixão de uma percepção”. (FREUD, 2003, p.209).

Na prática, este tipo de juízo servirá como um meio de reconhecimento de objetos, através da identificação das ocupações vindas de Φ com as de dentro. Este tipo de juízo primário também serve para eliminar certas ocupações vindas de Φ . “O que chamamos de coisas são restos subtraídos à apreciação”. (FREUD, 2003, p.210.). A *coisa*, por ser a parte fixa do complexo neuronal em Ψ (no eu), *não entra no processo de juízo primário*, não é apreciada.

Antes de entrar no juízo secundário, Freud alerta para a diferença quantitativa que deve haver entre os *processos* primário e secundário, e o papel das ocupações laterais neste processo. Há uma diferença de Q entre o *processo primário* e o *pensar*, que é um *processo secundário*. O *pensar* é um processo do eu, em Ψ , e usa facilitações laterais; não gasta muita Q , pois esta deve ser preservada para o momento da eliminação: “O *processo secundário* é, assim, uma repetição do curso Ψ originário [de quantidades] em um nível inferior, com quantidades menores”. (FREUD, 2003, p.210.). O *processo secundário* gasta menos recursos quantitativos, pois transita pelas vias das ocupações laterais, senão haveria uma grande despesa para abrir novas facilitações, que exigiriam magnitudes consideráveis para fazer marca nos neurônios impermeáveis de Ψ .

No entanto, alerta Freud, o *pensar* não pode alterar as facilitações criadas pelo processo primário, sob pena de falsificar os dados da realidade. Se o pensar não tem a potência de mudar as facilitações, “[...] no entanto, é indubitável que o processo de *pensar* deixe atrás de

si traços duradouros, dado que a segunda meditação exige muito menor gasto do que uma primeira”. (FREUD, 2003, p.211.).

Freud encontra neste ponto uma questão fundamental para a compreensão do ser humano: a *memória*, que ele apenas esboça neste momento como “traços especiais, indícios para os processos de pensar [...] que até agora não se conseguiu formular”. (FREUD, 2003, p.211.).

De acordo como o que já está descrito nos capítulos [14] e [15], há uma relação estreita entre os mecanismos do processo secundário e o recalque, pois ambos utilizam as ocupações laterais para inibir a ação imediata do sistema muscular.

[19] Processos Primários – Sono e Sonho.

(O sono; a relação do sonho com a psicose; uma contradição na teoria Q e N).

Neste capítulo, Freud explica principalmente o sono, para depois introduzir o sonho. O que ocorre no *sono*? Há processos primários Ψ que na vida diurna foram *biologicamente* suprimidos no desenvolvimento Ψ . Aproxima os processos das psicoses aos processos primários Ψ do sono:

[...] os mecanismos patológicos, revelados nas psicoses pela mais cuidadosa análise têm a máxima similaridade com os processos oníricos. Desta comparação, que desenvolveremos mais tarde, resultam as mais importantes conclusões. (FREUD, 2003, p.211)

Ao se aproximar do campo dos sonhos e das neuroses, Freud chama a atenção para a função de observação e pesquisa que as análises dos pacientes possuem, e faz também as primeiras aproximações da estrutura do sonho com os *sentidos* dos sintomas psicoseuróticos.

Qual a teoria $\Phi\Psi\omega$ do sono? A condição do sono é o “abaixamento da carga endógena no núcleo de Ψ , tornando supérflua a função secundária” (FREUD, 2003, p.212). As crianças alimentadas e sem frio dormem; os adultos dormem *post coenam et coitum*. “No sono, o indivíduo está no estado ideal de inércia, isento de armazenamento de $Q\eta$ ”. (FREUD, 2003, p.211)

Porém, até mesmo pela própria definição do eu, não é possível uma descarga completa: “Não é certo que no adulto adormecido o eu esteja completamente descarregado [...] Em todo caso, o eu retira um sem número de suas ocupações que, todavia, com o despertar, são restabelecidas de pronto e sem esforço.” (FREUD, 2003, p.211).

Neste ponto, Freud comunica que o fenômeno do sono leva a que haja “muitas coisas a inferir que não se teriam podido atinar”. (FREUD, 2003, p.211). O tradutor do *Projeto*, Gabbi Jr., esclarece que, neste ponto, optou por traduzir o verbo *erraten* por *atinar*, porém oferece outros sinônimos: conjecturar corretamente, “descobrir, descobrir pelo tino, pelo raciocínio ou por indício; acertar, encontrar”. (FREUD, 2003, p.89). Qualquer que seja a opção, o mais importante é observar que o que se segue é uma *construção hipotética*, enquadrada na lógica e no raciocínio, dentro das condições impostas pelos postulados.

É importante pontuar que o exame deste ponto conduz o *Projeto* a uma situação na qual a teoria $\Phi\Psi\omega$ não responde integralmente. Qual o elemento que o sono introduz que ultrapassa os postulados?

Então, tem-se que “O sono é caracterizado por paralisia motora (da vontade). A vontade é a total eliminação de $Q\eta$ de Ψ ”. (FREUD, 2003, p.212). Os órgãos de sentido passíveis de oclusão se fecham, há menos impressões Φ . Há menos signos qualitativos ω . Cessa a atenção, há um estado comparável com a hipnose. “Por meio de um mecanismo automático, a contrapartida do mecanismo de atenção, Ψ fecha-se às impressões de Φ enquanto ele mesmo não estiver ocupado. [...] Mas o mais estranho é que no sono ocorrem processos Ψ , os sonhos, com muitas características incompreensíveis”. (FREUD, 2003, p.213).

Pode-se verificar que a ocorrência dos *sonhos* coloca para a hipótese fisicalista um desafio: por que no sono há atividade Ψ intensa, o *sonhar*? Não seria mais conforme ao princípio da inércia que a mente se aquietasse? De onde vem a Q que anima o sonho? A intensa atividade de Ψ no sonho, que pressupõe um estado de eliminação das Qs em Ψ necessária para o sono, coloca uma contradição interna no *Manuscrito*.

[20] A Análise do Sonho.

(Seis características dos sonhos: paralisação motora; falta de sentido; formação alucinatória; realização de desejo; tendência ao esquecimento; existência de consciência onírica).

As características do sonho que permitem os distinguir da vigília são que eles carecem de eliminação motora e que as ligações oníricas são contra-sensos, imbecis, sem sentido, raramente sensatas, pois nos sonhos há uma *compulsão associativa*, como primariamente na vida psíquica em geral³². Freud fornece uma interpretação psicológica da *compulsão associativa* do sonho, e compara o sonho com o chiste; já o havia comparado acima à psiconeurose; argumenta ainda que, no sonho, há uma ocupação insuficiente do eu, que causa ausência de sentido e de lógica.

As $Qs \Psi$ que ficam no eu nivelam-se segundo suas facilitações e ocupações vizinhas. Mas não há descarga completa, senão não haveria sonho. As idéias oníricas são do tipo alucinatório, despertam a consciência, são críveis. “*Esta é a característica mais importante do sono. Está presente do mesmo modo no adormecer alternado: fecham-se os olhos, alucina-se, eles se abrem e pensa-se em palavras*”. (FREUD, 2003, p.213).

Qual a articulação $\Phi\Psi\omega$ para a alucinação onírica? A primeira hipótese é que há uma *retrogradação* da corrente Ψ para Φ : Φ tem que estar fechado para correntes de fora e de dentro, senão não haveria sono.

A segunda hipótese está de acordo com o processo primário no qual “a recordação primária de uma percepção é sempre alucinação [...] e mesmo que uma ocupação Ψ de um neurônio exceda em muito a ocupação perceptiva [de fora] do mesmo neurônio, nem só por isto ela precisaria conduzir em retrogradação”. (FREUD, 2003, p.214)

³² Neste ponto, Freud faz alusão ao seu contato com teorias associacionistas, seja através de Stuart Mill, como defende Gabbi Jr. (2003), ou através de Fechner, como defende Jones (1989) e outros.

Nesta passagem fica claro que a *imagem* é a representação mais primária à qual a palavra vem se somar no processo secundário; inclusive as sensações corporais são denominadas de *imagens motoras*.

Logo, a *alucinação* é um processo totalmente interno, no lugar da consciência adormecida e não utiliza os neurônios da percepção. Quanto maior a Q , maior será a alucinação. Isto significa que o caráter quantitativo é tão importante na vigília quanto no sono.

Qual o sentido dos sonhos (normais)? São realizações de desejo, são processos primários segundo vivências de satisfação sem liberação motora. “Pode-se inferir, justamente partindo daí, que a ocupação desiderativa também foi de natureza alucinatória”. (FREUD, 2003, p.215)

Por que não nos lembramos dos sonhos ou por que lembramos menos dos sonhos do que de outros processos primários? Porque os sonhos percorrem velhas facilitações; porque Φ está afastado dos sonhos; porque com o pólo motor paralisado, os sonhos não deixam traços de eliminação.

A consciência do sonho é semelhante à consciência da vigília em termos de qualidade e de forma. Logo, a consciência não está colada ao eu, mas pode ser agregada a Ψ .³³

Freud conclui o capítulo retomando a questão do processo primário, que é comum ao sonho, pois é uma realização de desejo, como também ocorre nas neuroses e que são ambos processos Ψ . No sonho o sistema $\Phi\Psi\omega$ funciona como um dispositivo fechado, isolado das ocupações do mundo. O sonho é o retorno ao *processo primário* possível ao ser humano.

[21] A consciência onírica.

(A sexualidade e o esquecimento dos sonhos; o Sonho da Injeção de Irma; o deslocamento das associações; uma questão sem resposta: qual a razão do recalque?).

Na vigília, a consciência do sonho é descontínua, não se tem a seqüência completa das associações, algumas permanecem inconscientes. Freud apresenta o exemplo do seu próprio sonho da *Injeção de Irma*, paciente operada por Fliess e que quase morre em razão deste

³³ A localização da consciência vai ser objeto da última carta – que se tem conhecimento – de Freud a Fliess a respeito da localização dos sistemas neuronais, a carta de 01 de janeiro de 1896.

último ter esquecido gaze no interior do nariz da paciente. No *Projeto* ele usa o sonho para exemplificar o deslocamento das associações, mecanismo no qual uma determinada idéia é subtraída da consciência e outra aparece em seu lugar.

As duas associações relativas à *natureza sexual* da doença de Irmã não atingem a consciência; apenas as associações intermediárias aparecem sob a forma da *trimetilamina*. Freud afirma que isto é enigmático e que exige uma explicação; se as duas associações em torno de sexualidade eram intensas, por que não se destacam? Não seria uma contradição. Por que idéias tão intensas não se tornam conscientes? A questão enfoca o mecanismo do recalque das idéias e imagens ligadas a conteúdos sexuais; por que estas idéias não atingem a consciência? “É difícil, entre estas determinações, contraditórias entre si, penetrar no que condiciona efetivamente a consciência” (FREUD, 2003, p. 217).

De que forma os sistemas de neurônios $\Phi\psi\omega$ provocam este fenômeno? Aqui fica claro que não é a magnitude da $Q\eta$ que determina a passagem para a consciência, mas algum outro fator até então não esclarecido, e que fica por conta do interesse da proteção biológica.³⁴ Além disto, a consciência se origina durante um curso de $Q\eta$, e não por uma ocupação constante. “É difícil entre estas determinações contraditórias entre si penetrar no que condiciona efetivamente à consciência”. (FREUD, 2003, p.217). Esta questão permanece em suspenso no *Projeto*.

PARTE II

PSICOPATOLOGIA

A guisa de introdução à Parte II, Freud esclarece o plano da obra:

Na Parte I ele examinou o que se pode derivar de $N+Q$ “modelada e corrigida de acordo com diversas experiências factuais” (FREUD, 2003, p.221). Na Parte II, fará o confronto entre N e Q e a clínica de histeria que ele vinha desenvolvendo, conforme suas publicações com Breuer naquele mesmo ano. Na Parte III, ele pretende construir, a partir do que já foi estabelecido nas duas seções anteriores, uma teoria N e Q dos processos normais.

³⁴ É digno de nota a ligação de Freud com o darwinismo no texto do *Projeto*. No entanto, apesar de mencionar a proteção biológica do sistema na base do esquecimento das idéias sexuais, Freud não desenvolve esta hipótese. Ele opta por manter a questão em aberto neste capítulo.

A: PSICOPATOLOGIA DA HISTERIA

[1] A compulsão histérica.

(Descrição da idéia histérica; a solução clínica através do esclarecimento; a formação simbólica por deslocamento; o recalque e a origem da compulsão histérica; a questão das quantidades no recalque e na idéia intensa).

Na histeria há idéias copiosamente intensas, aparentemente sem justificativa. É uma compulsão: “1. Incompreensível, 2. Insolúvel pelo trabalho pensante, 3. Incongruente em sua estrutura”. (FREUD, 2003, 222). A respeito do tratamento psicanalítico da histeria ele afirma: “Ora, resulta de nossas análises que a compulsão histérica é imediatamente solucionada se ela for esclarecida (se ela se tornar compreensível). Portanto, as duas características são em essência a mesma”³⁵ (FREUD, 2003, 222).

A formação do sintoma incompreensível se dá através da substituição de uma idéia **A** desconhecida por outra **B** com ela relacionada: é a formação de símbolo por *deslocamento*. O símbolo que desencadeia a emoção histérica – idéia intensa, choro, pânico, idéia compulsiva – encobre a idéia original traumática: a histérica nada sabe da relação entre **A** e **B**: “Aqui o símbolo substitui completamente a *coisa* [*dem Ding*, FREUD, 1987, p.441]”. (FREUD, 2003, p.223).³⁶ Esta substituição por deslocamento é regida pelo processo primário, tal como no sonho. “Pode-se resumir o estado de coisas: **A** é do tipo compulsivo, **B** está reprimida³⁷ (pelo menos da consciência)”. De onde ele enuncia duas regras: “[...] a toda compulsão corresponde uma regressão, e a toda intromissão excessiva na consciência, uma amnésia”. (FREUD, 2003, p.223).

³⁵ O uso do *esclarecimento* para se chegar a uma compreensão é, de acordo com Assoun (1983), o fundamento metodológico das ciências da natureza. O esclarecimento, no freudismo se dá através da análise dos mecanismos psíquicos, como se verá no exemplo do caso clínico a seguir, e a compreensão vem adicionalmente, como *efeito* do esclarecimento.

³⁶ Segundo o tradutor, “O termo *coisa* é usado no sentido de referência [...] de índice de algo [...] esta se refere a uma sensação corporal. Assim, a noção de objeto denota a idéia de uma sensação”. (GABBI JR., 2003, p.111). Todavia, é importante marcar que há uma definição interna de *coisa* na primeira parte do *Projeto*, a parte imutável do complexo neuronal em Ψ na sua relação com o outro. É importante questionar se, a cada vez que Freud cita a *coisa*, (sempre *das Ding* no original), há referência ao que definira anteriormente, ou se ele usa este termo com acepções diferentes a cada vez. Ou, em outras palavras, se há relações possíveis entre as várias colocações de a *coisa* no *Projeto*.

³⁷ O adjetivo escolhido por Gabbi Jr *reprimida* corresponde, no original a “*verdrängt*”, que corresponde nesta dissertação à *recalcada*. (FREUD, 1987, p.441). Logo, é o conceito de *Die Verdrängung* que está sendo objeto da preocupação de Freud neste ponto do *Projeto*.

Até este ponto do capítulo, as explicações de Freud não haviam tocado os postulados **N** e **Q**. No último parágrafo ele retoma a questão da quantidade no fenômeno do recalque. Questiona se o conteúdo recalcado estaria despojado de **Q**. Toda a **Q** estaria concentrada na compulsão? O deslocamento é um processo primário? São hipóteses que ele levanta.

É importante observar que Freud aqui não faz um apelo ao comportamento neuronal. De fato, a linguagem deste Capítulo [I] se distancia da linguagem neurológica da Parte I.

[2] A origem da compulsão histérica.

(O recalque e a clínica; os afetos penosos; o recalque na sua relação com o pensar).

Qual a força que move o recalque? Como estão os neurônios das representações envolvidas no recalque? “Não haveria aqui nada para atinar e para prosseguir na construção, se a experiência clínica não ensinasse dois fatos” (FREUD, 2003, p.224) A clínica ensina que: primeiro, o recalque se dá sobre idéias cujo *afeto*³⁸ é penoso; segundo, sobre idéias advindas da *vida sexual*. Há uma defesa primária, que retroage o fluxo do pensamento frente a um neurônio carregado de ocupação geradora de desprazer. No entanto, a idéia recalcada não está *verdadeiramente esquecida*. **B** não foi destruída pelo deslocamento. Além disto, “[...] a resistência se volta contra toda a atividade de pensar com **B**, mesmo quando ele já se tornou em parte consciente. Portanto, tem-se o direito de dizer no lugar de excluída da consciência, excluída do *processo de pensar*”.³⁹ (FREUD, 2003, p.225). Ora, se é um processo de defesa no qual o eu permanece ocupado e as associações não fluem livremente, o recalque *não* pode ser incluído nos processos Ψ primários.

[3] A defesa patológica.

(Defesa histérica e a formação de símbolo; o recalque incide sobre idéias sexuais; o recalque não é apenas um deslocamento).

“Apesar disto, estamos muito afastados de uma solução normal”. (FREUD, 2003, p.225). No entanto, o recalque da histeria não é uma defesa normal, na qual se evita pensar em algo

³⁸ Este é um ponto nodal do *Projeto*: Freud faz referências insistentes às pesquisas da clínica, o fenômeno do recalque só pode ser esclarecido e só tem sentido no âmbito da clínica. É a clínica de Freud que proporciona o enquadre do conceito.

³⁹ Este ponto é central nas demonstrações do *Projeto*, na medida em que o *recalque* é um esquecimento no qual o traço da memória não desaparece.

desagradável; a formação de símbolo impede o acesso do pensamento à idéia intolerável. “Assim, esta formação de símbolo, tão consolidada, é o desempenho que ultrapassa a defesa normal” (FREUD, 2003, p.225)

Freud coloca um limite ético para o recalque ao afirmar que nem todas as recordações penosas podem ser recalçadas tais como as recordações de arrependimento por más ações. Tem-se então que esclarecer o *papel da sexualidade* no processo do recalque. Por que somente as idéias relativas à sexualidade estão sujeitas ao recalque?

O recalque é apenas um deslocamento com formação de símbolo? Não, pois na neurose de compulsão, há recalque, mas não deslocamento e formação de símbolo. Freud aponta para suas articulações sobre a diferença do mecanismo do recalque na histeria e na neurose obsessiva, que vão aparecer alguns meses mais tarde, na carta de 01 de janeiro de 1906. “Assim o processo de repressão permanece como núcleo do enigma”. (FREUD, 2003, p.226).

[4] A Próton Pseudos Histérica.

(Formação de símbolo e compulsão; o recalque das idéias sexuais; o caso clínico *Emma*;

A defesa do eu produz, através da formação de símbolo, a compulsão histérica. É uma defesa exacerbada nos moldes do processo primário, semelhante ao sonho. Através da clínica, sabe-se que é no âmbito das idéias sexuais que o recalque opera. Assim, Freud vai utilizar a descrição de um caso clínico para dar seguimento a sua exposição.

Emma, 12 anos, início da adolescência, entra numa loja e vê dois balconistas rindo entre si. Ela foge aterrorizada. Apresenta duas idéias: de que eles estariam rindo de seu vestido e de que se sentiria atraída por um deles. Desenvolve a partir daí uma agorafobia. Isto tudo é incompreensível.

Freud relata que uma “investigação posterior” (FREUD, 2003, p.227) trás lembranças dos oito anos da menina quando teria sido beliscada nos seus genitais através do vestido, e que havia retornado à mercearia uma segunda vez, o que agora é motivo de auto-recriminação.

O esquema abaixo mostra o mecanismo de substituição das cenas no sistema Ψ , no final a primeira cena só adquire valor traumático a partir de sua retomada após a puberdade com suas

primeiras manifestações *hormonais*. “Por toda parte descobre-se que é reprimida uma recordação que apenas *posteriormente* se tornou um trauma. A causa deste estado de coisas é o atraso da puberdade em relação ao restante do desenvolvimento do indivíduo” (FREUD, 2003, p.229)

Na formação deste sintoma histérico, o que o conecta a outras situações é o *riso* dos vendedores. As cenas ocorridas aos oito anos são substituídas pela *idéia fixa* de estar mal vestida. A liberação sexual dá ensejo à agorafobia.

Contudo estes mecanismos não chegam à consciência, com exceção de *vestidos*. O pensamento formou *falsas ligações* (próton pseudos) entre *risos* e *vestidos* – que é a representação mais inocente. Há recalque e formação simbólica.

O caso de Emma demonstra os efeitos da adolescência no desencadeamento da neurose, pois, com o advento da sexualidade, as cenas da infância passam a ter sensação e significação erótica a posteriori. O que na infância não era traumático, tornou-se motivo de sofrimento para Emma: “A causa deste estado de coisas é o atraso da puberdade em relação ao restante do desenvolvimento do indivíduo”. (FREUD, 2003, p.229).

[5] Condições da *πρωτον ψευδος νστ [επιχον]*

(A falsa ligação na base do sintoma)

O retardo da puberdade pode ter um efeito de desencadeamento de neurose numa temporalidade própria dos eventos do inconsciente. “Toda pessoa adolescente tem traços de recordação que só podem ser compreendidos com o aparecimento de sensações sexuais próprias, portanto, todo adolescente deveria portar dentro de si o germe da histeria. (FREUD, 2004, p.230)”. No entanto, comenta Freud, a neurose está presente na minoria dos adolescentes.

Quais os adolescentes que são mais propensos a desenvolver quadros neuróticos? Aqueles que tiveram excitação sexual precoce através da masturbação possuem maior tendência ao recalque.

[6] A Perturbação do Pensar pelo Afeto.

(A origem do sintoma; a perturbação do pensar normal; a função da atenção).

Freud aponta duas características na formação sintomática: a liberação sexual liga-se a uma recordação; a liberação sexual deu-se precocemente, isto é, na infância. Estados afetivos afetam o curso do pensar normal que fica perturbado. A facilitação antiga do processo primário sobrepõe-se a escolha e a lógica do processo secundário.

Disto Freud infere uma série de idéias: a idéia afetiva ganha reforço; o eu inclina-se para prevenir novos estados afetivos através do mecanismo de “[...] *atenção* contra novas ocupações perceptivas”, o que acionaria a defesa normal para impedir novas vivências de dor, pois quanto maior o desprazer, mais difícil para o eu com suas ocupações laterais neutralizá-lo.

Conseqüentemente, mais difícil o trabalho de pensamento: “O refletir é uma atividade do eu exigindo tempo, que não se pode realizar no caso de fortes **Qs** na esfera afetiva, daí, no afeto, a precipitação e a escolha de caminho, de modo similar ao processo primário”. (FREUD, 2003, p.231). *A atenção* é o melhor caminho para o eu evitar o desencadeamento de um processo primário.

Na *proton-pseudos* histérica, a atenção se volta para percepções dolorosas antigas, que geram mais desprazer. Não uma nova percepção, mas uma lembrança que libera desprazer sem que o eu se defenda “[...] permitiu um processo primário, porque não o esperava”. (FREUD, 2003, p.232). São lembranças que seguem um curso facilitado, marcado pela dor. Ocorrem também defesas contra novas ocupações (novas vivências dolorosas), nas quais a *atenção* tem um papel significativo. Isto prejudica o trabalho do pensar, pois refletir exige tempo. Na histeria, o afeto funciona “[...] de modo similar ao processo primário” (FREUD, 2003, p.231).

Freud vai começar a utilizar a palavra *trauma* como sinônimo de vivência dolorosa. O eu se defende dos primeiros traumas através de suas inibições laterais; porém, quando há liberação afetiva póstuma, como na *proton-pseudos* histérica, o desprazer aumenta: “O atraso da puberdade possibilita processos primários póstumos”. (FREUD, 2003, p.232)

PARTE III – TENTATIVA DE REPRESENTAR OS PROCESSOS Ψ NORMAIS.

(5 de outubro de 1895).

O título da Parte III - *Tentativa de representar os processos Ψ normais* - indica que, logo após ter descrito os efeitos psicopatológicos do recalque na formação dos sintomas de neurose histérica, Freud avança para a demonstração de uma psicologia normal, na qual quer descrever uma estrutura geral da psique das pessoas, e não apenas das que estão sofrendo de psiconeuroses. Apontará que os erros e as falhas no pensar são intrínsecos à estrutura do pensamento *normal*, chegando ao ponto de investigar que há, nos processos normais, a possibilidade de desobediência às regras biológicas. É curioso o título dado a esta Parte III, pois a Parte I se refere, até mais do que esta última, aos processos *normais*. Como se verá, a Parte III se concentra nos processos do *pensar*.

Freud fará uma revisão dos processos Ψ já descritos na Parte I, e acrescentará um funcionamento mais sofisticado em termos das funções da atenção, do pensar e da introdução do signo lingüístico no sistema $\Phi\Psi\omega$.

[1]

(Os processos secundários; produção da consciência; uma dificuldade metodológica; a atenção e o pensar; os signos lingüísticos; duas regras biológicas).

Freud redefine o conceito de *eu* para chegar aos *processos secundários* que estão no âmago dos processos Ψ normais: o *eu* é uma massa neuronal Ψ de ocupação constante e que obedece aos postulados **N** e **Q η** . O *eu* exerce efeito sobre neurônios de ocupação variável; este efeito é o *processo secundário*. O que são as ocupações variáveis? São as percepções **P** vindas de Φ (do mundo externo). Baseia-se na hipótese de que “[...] uma percepção, segundo meus pressupostos, sempre excita ω ; portanto, dá signos qualitativos” (FREUD, 2003, p.235). Logo, toda percepção **P** produziria uma consciência (descarga ω), e um signo para Ψ . “Por conseguinte, proponho a sugestão de que seriam estes *signos de qualidade* os que interessam

a Ψ na percepção”. (FREUD, 2003, p.235). Freud traz novamente a questão, que já discutira na Parte I, da dificuldade em descrever a consciência a partir do *Projeto*.

“Tenho dificuldade de explicar sua origem mecânica (automática). Por Isto, creio que seja condicionada biologicamente, isto é, seja o que restou no decurso do desenvolvimento psíquico, porque todo outro comportamento de Ψ teria sido excluído por desenvolver desprazer”. (FREUD, 2003, p.235).⁴⁰

Ele não consegue esclarecer os processos do *signo de realidade* e da *atenção*; mas supõe que este mecanismo teve que se desenvolver por necessidade biológica.⁴¹

Segue-se uma revisão do conceito de *atenção psíquica*, que é um mecanismo que evita que ou uma idéia **I**, ou uma imagem, ou uma alucinação sejam confundidas com uma *percepção real*; ela vai substituir a ocupação da percepção, nos mesmos neurônios. Logo, ela funciona atestando uma *diferença*; este exercício leva ao *pensar*, “contém a justificativa biológica de todo pensar”. (FREUD, 2003, p.236). Os estados de desejo fazem funcionar a máquina da atenção: “A atenção consiste, portanto, em produzir a situação psíquica do estado de expectativa até mesmo para as percepções que não coincidem parcialmente com as ocupações desiderativas”. (FREUD, 2003, p.236).

Quando a percepção recebeu sua ocupação da atenção, podem ocorrer duas coisas principalmente: o *pensar comum*; e o *pensar puramente observador* (no qual o observador se interroga: o que significa Isto?). Este é o caso mais comum. Nesta altura deve ocorrer a *associação lingüística*. Para que associações Ψ , independentes de uma nova percepção, isto é, as *imagens recordativas* cheguem à consciência – ao pensar observador -, a associação lingüística é necessária, Isto é, a palavra: para o eu conhecer a identidade e também a

⁴⁰ É importante observar que Freud aqui *dialoga* com o interlocutor imaginário, tornando claros os pontos de impasse desta Psicologia.

⁴¹ Por necessidade adaptativa de preservação da espécie.

diferença entre a recordação e o objeto real, há necessidade de novos signos qualitativos lingüísticos.

Com a associação lingüística, Freud chega ao âmago da questão do pensamento: ela consiste na ligação de neurônios Ψ com neurônios que servem às *idéias acústicas*, e também possuem íntima associação com imagens motoras lingüísticas. A associação lingüística, além de possibilitar o reconhecer, desempenha ainda uma outra função fundamental no funcionamento da mente: equiparam os processos do pensar aos processos perceptivos, proporcionam a eles uma realidade e possibilitam sua memória.

Além disto, a inervação lingüística é uma trilha de eliminação, uma válvula para Ψ . “[...] representando a única eliminação enquanto a ação específica não for encontrada”. Esta trilha ganha uma *função secundária*, na medida em que chama a atenção do indivíduo prestativo (geralmente o próprio objeto de desejo) para o estado apetitivo e necessitado da criança, e serve daí em diante à compreensão, estando, portanto, incluída na ação específica”. (FREUD, 2003, p.240).

Também é fundamental avaliar se a teoria do *signo lingüístico* aqui proposta por Freud, aparentemente inserida nos dois postulados gerais e nas regras biológicas, realmente corresponde à função do neurônio ocupado e da ação específica. Se por um lado ficará difícil sustentar que o signo lingüístico possui a mesma estrutura de funcionamento de uma *ação específica*, por outro Freud avança na discussão da dimensão de adiamento e elaboração das urgências que a *linguagem e o pensamento* provêm ao humano. De qualquer modo, este é um ponto extremamente sutil e delicado do texto deste manuscrito.

Freud faz uma incursão pelo surgimento da linguagem a partir da experiência de dor e do grito. Descreve a divisão que o juízo inicial opera entre *coisa* e *parte assimilável*, a relação com o surgimento da linguagem a partir do *grito* e de outras emissões fônicas e de que modo destas associações dão origem às primeiras marcas da consciência.

Deve-se observar, nesta altura do *Manuscrito*, que tanto o mecanismo do recalque tratado na Parte II, quanto o fenômeno da consciência necessitam uma teoria da linguagem para serem descritos. A teoria da gênese da linguagem no *Projeto* é biológica:

Tudo o que eu chamo de aquisição biológica do sistema nervoso é, em minha opinião, representável por meio da ameaça de desprazer, cujo efeito consiste em não ocupar os neurônios que conduzem à liberação de desprazer. É uma defesa primária, uma conseqüência compreensível da tendência originária do sistema nervoso. O desprazer permanece o único meio de educação. Como a defesa primária, a não ocupação por ameaça de desprazer, é representável mecanicamente, é algo que certamente não sei como indicar. (FREUD, 2003, p.244).

Evitar o desprazer é a primeira regra biológica. Freud reconhece, no entanto, que não possui meios de representar a *defesa primária* através dos princípios fisicalistas do *Projeto*, e afirma: “Como a defesa primária, a não ocupação por ameaça de desprazer, é representável mecanicamente, é algo que certamente não sei como indicar”. (FREUD, 2003, p.244).

Declara então que passará a “um desenvolvimento intuitivo” (FREUD, 2003, p.244), isto é, há uma *mudança metodológica* na construção do conhecimento a partir deste ponto de limite; o esclarecimento mecânico-fisicalista é, em grande parte, substituído por explicações biológicas e por desenvolvimentos dedutivos, que buscam lógica interna.

Tampouco a relação entre percepção e consciência está esclarecida. Como pode o eu não se enganar entre percepção e recordação? Observa-se que, quanto mais Freud busca nos seus sistemas um mecanismo que assegure ao eu um índice de realidade que o defenda de enganos, mais ele encontra reforço na tendência oposta, isto é, o eu é suscetível de se enganar nos seus juízos de realidade.

Há uma *segunda regra biológica* que consiste em “dirigir a atenção para os signos qualitativos, porque eles pertencem a percepções que podem conduzir à satisfação e, portanto, permitem conduzir do signo qualitativo para a percepção surgida”. (FREUD, 2003, p.245).

Gradualmente, à medida que questões mais sofisticadas e elevadas do funcionamento neuro/psicológico vão se impondo as suas considerações, os limites de seu esquema lógico vão se tornando evidentes para ele.

[2]

(A realidade do pensar; o pensar observador; o pensar consciente e o pensar inconsciente; o pensar e a realidade).

Nos processos de pensar observador ou recognitivo, as percepções não coincidem com a imagem do objeto desejado. Neste caso, há produção de signos lingüísticos na consciência, isto é, produção de qualidade: “o curso associativo torna-se consciente e reproduzível”. Deste modo, os signos lingüísticos são signos de realidade, “a realidade do pensar” (FREUD, 2003, p.246), que não é a mesma realidade externa.

Nesta passagem, Freud declara a existência de uma *outra realidade*, o conteúdo dos pensamentos agindo no sujeito. Há um pensar observador que permite o eu se ocupar livremente de seus pensamentos; “[...] é nosso pensar comum, inconsciente, com ocorrências ocasionais na consciência, o assim chamado pensar consciente com articulações inconscientes, mas que podem tornar-se conscientes”. (FREUD, 2003, p.247).

Freud se aproxima da dinâmica dos pensamentos que transitam entre estados de maior ou menor consciência, tocando um campo que será próprio da psicanálise com a suposição de que há *pensamento inconsciente*.

Como seria esta atividade na dinâmica $\Phi\Psi\omega$, é algo que não fica claro, como o próprio autor já advertira. No entanto, é uma passagem que demonstra que o *Projeto* não está alheio à questão dos processos inconsciente.

Ele retoma a função e a importância da linguagem na relação do eu com a realidade: “O pensar com ocupação de signos de realidade do pensar ou signos lingüísticos é, portanto, a forma mais elevada, mais segura, do processo de pensar recognitivo”. (FREUD, 2003, p.247). Esta citação confirma a do capítulo anterior sobre a função da linguagem no pensamento e no julgamento da realidade; não há outra forma do eu ter contato com o mundo a não ser intermediado pelos signos lingüísticos.

Freud passa então a conjecturar de que modo alguns pensamentos se tornam inconscientes: ou a corrente foi acelerada por uma magnitude excepcional, ou o afeto perturbou o aparecimento

dos signos do pensar: “[...] algo lhe aconteceu tão rapidamente que ele não se deu conta”, como se diz informalmente.

[3]

(O pensar prático; o pensar reprodutivo/recordativo; tempo e repetição)

Há ainda outra meta que desperta o pensar: o estado de expectativa no qual todo o processo de pensar se originou. É o tipo de pensar biologicamente mais antigo e segue o padrão já descrito no primeiro capítulo de circular de acordo com as facilitações, só perturbado pelas ocupações laterais que poderão eventualmente tomar o lugar da facilitação, de acordo com os interesses do eu.

Entra então na discussão do pensar prático, cuja meta é a identidade, nem sempre com uma finalidade imediata: “Ele [o pensar prático] parte de uma simples idéia e não leva à ação nem depois do seu término, mas resulta em um saber prático, aproveitável para o caso real vindouro” (FREUD, 2003, p.251).

Freud reitera que, mesmo no processo de pensar com os signos lingüísticos, a memória consiste de facilitações que não são modificáveis pelo pensar.

Existe ainda o pensar reprodutivo, que é *recordativo*, como Freud já analisara no primeiro capítulo. Ele é prévio a todo pensamento crítico e busca percepções através dos signos qualitativos. Esta busca de lembranças não tem um objetivo prático, e algumas vezes trazem à consciência conteúdos que estavam inconscientes; algumas vezes, o processo de pensar leva ao desprazer, pois recorda uma vivência dolorosa e se torna um impedimento ao processo de pensar. São imagens recordativas *indomadas*. Há tentativa interrupção do curso do pensamento; se a vivência dolorosa foi muito intensa, provocou uma grande facilitação para a liberação de desprazer e afeto; o mesmo ocorre com recordações que têm caráter alucinatório. São vivências de dor com grandes Qs, que atingem o processo primário sem nenhum efeito inibitório de ligações secundárias. Para domar estas correntes “É preciso uma ligação especialmente grande e repetida, desde o eu, antes eu seja equilibrada a facilitação para o desprazer”. (FREUD, 2003, p.254).

Pode-se observar acima que Freud conhecia a função não apenas do *tempo* como também a da *repetição* no alívio das marcas dolorosas. A função da repetição das recordações terá uma importância central no método psicanalítico.

No entanto, ele continua, há uma *defesa do pensar* primária que procura mudar o curso do pensamento para *outro lugar*. Em se tratando do pensamento prático, a regra biológica não deixa Isto ocorrer.

É importante sublinhar que Freud almeja demonstrar que estes caminhos tortuosos do pensamento são normais, não pertencem à psicopatologia; a evitação, mais ou menos consciente do fluxo das idéias, é comandada pelas leis biológicas, o que lhes confere um automatismo que foge à deliberação da razão. Ele aproxima aos poucos a psicologia normal dos mecanismos da psicopatologia.

[4]

(O pensar e o erro; a ilusão e as falhas; as falhas lógicas e a desconsideração das regras biológicas).

Indaga: “[...] como pode surgir um *erro* no caminho do pensar”? Volta a examinar o *pensar prático*, origem de todos os outros. Ele tem uma função de pré-meditação. Neste ponto Freud vai ao âmago da questão, ao ligar a função do pensamento prático com a função de julgamento. Retoma os mesmos pressupostos da Parte I: os complexos perceptíveis possuem “uma parte constante, incompreensível, *a coisa*, e uma variável, compreensível, a propriedade ou movimento da coisa”. (FREUD, 2003, p.256) Os juízos se dão tendo por base estes complexos, “[...] jamais levando em conta a percepção real”. (FREUD, 2003, p.256).

Freud deixa cada vez mais claro que os pensamentos transitam entre si, num eu altamente complexo com facilidades interligadas; a função judicativa opera sobre traços de vivências; isto pode induzir ao erro no pensar: “[...] *são as ilusões do juízo ou falhas das premissas*”. (FREUD, 2003, p.256). Há também os erros por ignorância, por falta de percepção adequada dos objetos; todos os homens estão sujeitos a estes erros, são os erros por atenção defeituosa.

É digna de nota a subversão que as asserções acima implicam na crença no *pensamento racional* como indutor de verdade. Para o *Projeto*, a própria estrutura do pensar induz ao erro, uma vez que ele se dá num circuito de representações de signos lingüísticos que não levam em conta a percepção real, induzindo à ilusão e à falha na atenção. Pode-se constatar que a possibilidade da existência de uma pura *percepção real* também é colocada em cheque.

Ele aponta ainda para uma intensa facilitação entre percepção **P** e imagem motora **M**, constituindo uma ligação direta; é a base da repetição das respostas. As facilitações poderosas também interferem no pensar, poupando-o. Nestes casos, “[...] os erros não são em princípio visíveis, embora possa seguir-se um caminho do pensar que não seja funcional e destacar um movimento dispendioso, porque a escolha do pensar prático depende apenas, com efeito, das experiências reproduzíveis”. (FREUD, 2003, p.257).

Também aqui Freud menciona uma teoria da repetição incipiente: as facilitações estruturam o eu, ao tempo em que produzem a reprodução do mesmo.

O *pensar cognitivo* se apresenta na preparação do *pensar prático*, e também apresenta uma margem de erro: pode ser parcial e incompleto; há o *pensar teórico*, que não traz desprazer, e o *pensar crítico ou verificador*, quando a ação específica e a expectativa em torno dela não alcançam o prazer almejado: este pensar quer encontrar a falha no pensamento, ou o defeito psicológico.

Quando se dá uma falha lógica? Quando as regras biológicas são desconsideradas ao longo do processo do pensamento: “Elas estão protegidas por ameaças de desprazer, são obtidas por meio da experiência, e podem ser transpostas sem mais nas regras da lógica, o que terá de ser provado em detalhe”. (FREUD, 2003, p.258). O sentimento de desprazer é a prova de que as regras biológicas foram transpostas. Pode-se argumentar neste ponto sobre o que levaria à desconsideração das regras biológicas? É dado ao indivíduo desconsiderá-las?

Freud define a ação como ocupação completa das imagens motoras selecionadas no processo de pensar. A ação diminui o nível de tensão no eu; é feita através de caminhos motores e demanda novas atividades do pensar em busca da identidade, por comparação, como já foi descrito anteriormente, isto é através da função do juízo. As imagens motoras são percepções

que desperta grande atenção da consciência. Elas não estão associadas a noções de palavra, não derivam de órgãos dos sentidos altamente organizados.

Com estes comentários, Freud finaliza o *Projeto* deixando em aberto a questão de como um evento que se torna consciente *não* estaria associado à noção de palavra.

3.5 A CARTA DE FREUD A FLIESS DE 01 DE JANEIRO DE 1986

Esta carta é um anexo importante ao *Projeto*, na qual Freud propõe mudanças nos seus três sistemas neuronais. É o último documento referente à psicologia $\Phi\Psi\omega$ conhecido.

Ele diz que as observações de Fliess sobre enxaqueca o levaram a que “[...] todas as minhas teorias $\Psi\Phi\omega$ (*sic*) precisariam ser completamente revistas – algo que não posso aventurar-me a fazer agora. Tentarei, no entanto, dar-lhe uma idéia do assunto”. (FREUD, 2003, p.160).

Ele inicia fazendo propostas de modificação nos dois tipos de terminações nervosas: as *terminações livres*, neurônios Φ , recebem quantidades e as conduzem até Ψ e não tem o poder de evocar sensações, Isto é, de afetar ω . Inclusive as sensações sexuais percorrem estas vias. Os *órgãos terminais*, neurônios ω , não conduzem quantidade, só qualidades nada acrescentam à quantidade presente nos neurônios, mas apenas colocam estes neurônios Ψ num estado de excitação. Os neurônios ω são os neurônios Ψ capazes tão-somente de catexia quantitativa muito pequena.

O novo esquema propõe que os neurônios ω se localizem entre Φ e Ψ . Deste modo, Φ transfere qualidade para ω e este meramente excita Ψ . Pode-se observar que não apenas houve mudança de posição, mas também alteração nas funções: aqui Φ , sistema de percepção, já é provido de qualidade. O sistema ω não transmite nem qualidade, nem quantidade, mas tem a função de excitar Ψ , “[...] isto é, indica as vias a serem tomadas pela energia livre Ψ ”. (FREUD, 1986, p.161). Observe-se que este último modo de afetar outro sistema não estava presente no *Manuscrito*.

Assim, os processos de percepção envolveriam, por sua própria natureza, a consciência “e só produziriam seus outros efeitos psíquicos depois de se tornarem conscientes. Já os processos

Ψ seriam inconscientes e só depois adquiririam uma consciência secundária, artificial, ao serem ligados a processos de descarga e percepção (associação da fala)” (FREUD, 1986, p.161). Isto torna o sistema ω esvaziado de suas funções; fica mais fácil descrever a alucinação, as defesas, e principalmente os processos da neurose. De acordo com esta nova descrição, apenas as fontes endógenas chegam a Ψ .

A nova teoria fornece uma explicação para a liberação de desprazer necessária para “o recalçamento nas neuroses sexuais, no conflito entre a condução orgânica puramente quantitativa e os processos excitados em Ψ pela sensação consciente”. (FREUD, 1986, p.161).

Freud também vê vantagens desta nova configuração para o esclarecimento dos processos de somatização nos quais se descarregam tensões psíquicas no sistema motor. A dor seria produzida pela alta excitação do sistema Ψ que afetaria ω atraindo a atenção para o acúmulo de energia.

As mudanças nos sistemas neuronais não significaram, na obra de Freud, uma possibilidade de retomada da Psicologia. A carta deixa ver, sobretudo, alguns dos pontos de dificuldade que haviam ficado pendentes no corpo do *Projeto*: a questão da consciência, da inconsciência, da possibilidade de descrever o recalque e o sintoma de somatização histérica.

4 O PROJETO E NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO

Quais as características da psicanálise que a incluem na série das atividades científicas do *novo espírito*? De que modo o manuscrito do *Projeto* de 1895 é precursor deste movimento que se inaugura na data simbólica de 1905?

A primeira resposta – óbvia -, é que o *Projeto* apareceu no bojo da pesquisa freudiana sobre um conceito *novo*, o do recalque, e que a novidade, por si mesma, incluiria o freudismo dentre as novas ciências. Isto tem valor de verdade, mas é insuficiente como argumento. A segunda resposta, também evidente, é que a contemporaneidade da pesquisa freudiana por si só levanta a possibilidade de ter sido gerada no cerne do mesmo espírito do fim do século XIX, como corrobora o ponto de vista de Barbosa (2003, p.34) ao incluir a psicanálise neste movimento:

Gaston Bachelard sofreu influências de Teorias que apareceram, mas que ainda não tinham sido legitimadas completamente sendo inclusive rechaçadas no momento histórico em que surgiram, como a Psicanálise freudiana, a Teoria da Relatividade de Einstein, a Geometria de Lobatchevski, o Indeterminismo de Heisenberg, a Física Quântica. É a partir da novidade trazida por estas novas Teorias que Bachelard vai analisar o passado da ciência.

Há, no entanto, necessidade de comparação ulterior entre as características examinadas por Bachelard na constituição do *novo espírito* e aquelas da psicanálise: localizar tanto as convergências quanto os limites para tal inclusão.

É necessário retomar da obra de Bachelard as características do *novo espírito* em relação à nova metodologia de construção teórica, e ao estatuto do novo objeto. Assoun (1983) enfatiza e adverte que não é suficiente, para uma avaliação epistemológica da construção freudiana, apenas citar e atribuir ao *rigor científico* e à *concepção fisicalista*, adquiridos neste tempo, o advento do freudismo; pois isto não preenche a necessidade de localizar o que foi a *novidade* da identidade epistemológica da psicanálise: “[...] porque a questão é saber como, precisamente, este quadro se transferirá para a investigação propriamente analítica”. (ASSOUN, 1983, p.116).

Otoni (2003, p.3) questiona o significado da revolução freudiana e esclarece que: “[...] il élabore un discours épistémique inédit, dépassant et rompant avec ces modeles qui lui servirent de base et qui lui ont ouvert la voie, alimentante travaillant le freudisme, mais em même temps travaillés et renversés par lui.”⁴²

4.1 A QUESTÃO METODOLÓGICA: O REAL DE SEGUNDA POSIÇÃO

O *novo espírito científico* se inaugura nas ciências do fim do século XIX, na medida em que a tarefa laboratorial começou a *constituir* o objeto enquanto tal. O objeto da ciência contemporânea necessita ser qualificado: nada há de ingênuo ou de imediato nele.

O freudismo é uma teoria construída a partir do conceito fundamental de *recalque*. E o objeto de estudo desta teoria é a metapsicologia de Freud. A metapsicologia não estava *encoberta* por ser distante demais, como os planetas, ou por ser minúscula demais, como o neurônio. Ela simplesmente não existia. A neurose existia; a psicose também. Mas a metapsicologia não (FOGUEL, no prelo).

O *recalque*, no sentido cultural e comportamental, como uma defesa ou fuga, pode ser destacado na poesia ou na filosofia; mas o *recalque* como conceito psicanalítico, base do grande maquinário metapsicológico com seus três aspectos, tópico, dinâmico e econômico, foi uma *construção* de Freud. Nem descoberta, nem invenção.

Na contemporaneidade, o real a ser estudado é construído no laboratório do cientista e a palavra *construção* é o núcleo e a chave do andamento destes conhecimentos: o cientista constrói ferramentas através das quais constrói o laboratório e purifica o objeto. No laboratório ele experimenta e testa suas teorias - neste *real* por ele edificado.

Deste modo e neste contexto, a palavra *construção* não pode e não deve ser substituída por *invenção*. Não parece que Freud tenha feito uma invenção, pois o corpo teórico partiu do seu

⁴² [...] ele elabora um discurso epistêmico inédito, ultrapassando e rompendo com aqueles modelos que lhe serviram de base e que lhe abriram a via, alimentando e trabalhando o freudismo, mas ao mesmo tempo trabalhados e invertidos por ele.

laboratório, a *experiência clínica*: foi determinado pelo real que irrompeu através do dispositivo da entrevista freudiana:

Si le surgissement de la clinique médicale favorise pour le médecin l'expérience d'une nouvelle perception, d'une organisation et d'un énoncé du phénomène pathologique, l'on peut dire qu'avec Freud surgit une nouvelle clinique, qui se rend compte qu'il existe des maladies qui parlent, et qu'il faut écouter la vérité de ce qu'elles nous disent, en faisant naître une pratique inédite de l'audible et de ce qui peut être énoncé, lorsqu'on arrive à écouter le réel de son expérience. Freud a réussi à déplacer le *donner à voir* des hystériques vers un *dit*. (OTTONI, 2003, p.4)⁴³

Segundo Bachelard, a metodologia da ciência contemporânea não se presta nem à simplificação, nem à síntese entre racionalismo e empirismo. O cientista contemporâneo permanece numa *encruzilhada metodológica*, que é complexa, sofisticada e complicada. A solução será sempre uma *conciliação*; no entanto, há uma tendência de anterioridade da construção racional em relação à realização. O real, por sua vez, é construído no laboratório, e é de *segunda posição*. Desta forma, o fenômeno é acessado indiretamente, e o método responsabilizado pelos novos achados. Jones reitera: “O progresso científico procede tipicamente da invenção de algum método ou instrumento novo que revela um novo corpo factual” (JONES, 1989, p.62).

Em que medida a construção da psicanálise seguiu este parâmetro? Na medida em que foi uma lenta e cuidadosa construção do método de observação, pesquisa e tratamento da neurose. Partiu da técnica de hipnose, evoluiu para a livre associação e incorporou os sentimentos transferenciais do paciente ao método de abstinência do analista – constituindo uma ética exclusiva e *sine qua non* da psicanálise: a abstinência do psicanalista é condição necessária para uma psicanálise.

Diferente da posição religiosa, distante do objetivo de apresentar uma visão filosófica do mundo, longe também da opinião do senso comum, Freud entregou à comunidade científica

⁴³ Se o surgimento da clínica médica favorece para o médico a experiência de uma nova percepção, de uma organização e de um enunciado do fenômeno patológico, pode-se dizer que com Freud surge uma nova clínica, que demonstra que existem doenças que falam, e que é necessário escutar a verdade do que elas nos dizem, fazendo nascer uma prática inédita do audível e do que pode ser enunciado na medida em que se escuta o real de sua experiência.

um método testado de pesquisa da neurose, com vistas a tratá-la. Sem este método, os efeitos do inconsciente são inobserváveis e permanecem refratários a tratamento. O *dispositivo analítico cria seu objeto*; em outras palavras, o dispositivo da análise *faz aparecer aquele real* que então pode ser investigado e formalizado.

A construção do *dispositivo* psicanalítico - que já estava sendo reportada nos *Estudos sobre a Histeria* (1895), aparece também na Parte II no *Projeto*, onde Freud pretende demonstrar nos termos **N+Q** a doença de Emma. Os dados que ele aporta, fornecidos pela jovem, são exemplares do mecanismo do recalque e do modo de desencadeamento da neurose.

Ainda a respeito do método de construção freudiana, é imprescindível citar um parágrafo de Freud inserido no artigo *As Pulsões* publicado em 1914, no qual ele expõe sua base epistemológica, que já podia ser verificada na construção do *Projeto*:

Ouvimos com freqüência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias — que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência — são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. De vem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nesta condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções — embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas, mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maiores, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual mesmo ‘conceitos básicos’, que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo (FREUD, 1974, v.14, p137.).

Apesar de ter sido escrito quase duas décadas após o *Manuscrito*, este texto cumpre o papel de iluminar *a posteriori* o modo de construção do freudismo que, desde o início se dá na *encruzilhada metodológica* descrita por Bachelard; a menção de *novas idéias abstratas* é a prova do parentesco da epistemologia de Freud com a pós-modernidade científica, na qual predomina a atitude racionalista como condição da observação, uma vez que Bachelard aponta a existência de um *vetor* que parte da *construção racional* para a *realização*: o real passa a ser sempre abordado *a priori* pela razão. Também no freudismo aparece o novo real a ser abordado pela ciência; Elyana Barbosa situa bem a pergunta que terá que ser respondida no caso da psicanálise:

Ora, se não é possível pensar a realidade como *coisa*, com uma forma, um espaço, uma situação, como caracterizar, então, este novo tipo de realidade? [...] Como pensar uma realidade sem existência situada? Se estar aí, como *coisa*, é um dos fundamentos do realismo, como considerar um elemento que perdeu a sua individualidade? [...] O objeto científico é resultado de um projeto, de uma elaboração teórica, ele não é oferecido à percepção do homem como os objetos do conhecimento imediato. (BARBOSA, 1996, p.62-63)

Em Freud, o *racionalismo* é exposto num permanente diálogo com o leitor, interlocutor sempre presente, e o *real* é acessado através dos sucessivos *relatos clínicos e através de* esquemas de aparelhos psíquicos apresentados por Freud, isto é, *indiretamente*, através destas escrituras.

O aparelho de escritura que se depreende do *Projeto* é o primeiro da série; e o caso clínico lá descrito é *lido, interpretado e formalizado* através do modelo neurológico que Freud desenha para mostrar que, no recalque, as imagens, os traumas, as dores, ficam registradas num sistema inacessível à consciência. Esta *memória* singular da *coisa* passa a constituir o núcleo do eu. Nas palavras de Derrida (2002):

Recalque e não esquecimento, recalque e não exclusão. O recalque, como bem diz Freud, não repele, não foge nem exclui uma força exterior, contém uma representação interior, desenhado dentro de si um espaço de repressão. Aqui, o que representa uma força no caso da escritura – interior e essencial à palavra – foi contido fora da palavra. (DERRIDA, 2002, p.180).

O recalque, no entanto, não impede que novas experiências sejam veiculadas no aparelho. Como se pode observar, esta *psicologia* coloca questões paradoxais, na medida em que localiza em sistemas diversos a *memória* – uma espécie de *deslembração* -, e a consciência, que é momentânea e *desmemoriada*: a psicologia de Freud se tornará *a psicanálise*, isto é, um novo campo.

Ainda no terreno metodológico, não se pode ignorar a função do *relato do caso clínico* como instrumento lógico da ciência. Segundo Samaja (1994) o conhecimento científico é uma construção formal de um objeto inteligível, e bem identificado nos seus elementos. Este conhecimento é construído através de um ir e vir da teoria para a experiência (e desta para aquela) que resulta numa compreensão e/ou explicação. Ele defende que esta construção teórica se constitui numa *tautologia* em relação ao mundo dos fatos.

A explicação reformula a experiência originária e deve poder reproduzir o fenômeno descrito. Isto só é possível porque os sistemas formais possuem propriedades internas que, a partir de premissas corretas e compartilhadas produzem resultados de *modo necessário*. Pela simples dedução destas premissas se obtém o resultado desejado. Descrever cientificamente é redescrever; é uma forma de modificar nosso conhecimento prévio.

Este mesmo epistemólogo esclarece que história clínica é um dos instrumentos usados como modelo de *descrição científica*. Ela é feita a partir de consultas onde o terapeuta observa a partir de sua formação teórica e experiência clínica; a prática do registro das observações clínicas data da Grécia Antiga e o ato terapêutico pressupõe ao menos seis (6) premissas que atuam no momento da consulta, a partir dos esquemas que cada cientista herda da tradição de sua disciplina.

1. O normal.
2. O patológico.
3. A melhor estratégia terapêutica.
4. Procedimentos para prevenir a enfermidade.
5. O papel do terapeuta na sociedade.
6. A natureza do trabalho e a ética do terapeuta.

Podemos encontrar em Freud, no início de suas observações clínicas, elementos onde descreve sua filiação à tradição médica ocidental de exame e diagnóstico, ao tempo em que mostra as inovações que está observando e introduzindo. Ele mesmo compara seus históricos clínicos a novelas breves; mas não são novelas de fato, são registros psicopatográficos aos quais Freud incorpora “uma técnica de observação e registro que tem precedentes em outras áreas da cultura”, (SAMAJA, 1994, p.150) No caso, na literatura, onde a novela é um meio de elaboração da experiência social. O clínico registra cada acontecimento, descreve, classifica, constrói vínculos, tipifica os dados.

Samaja esclarece ainda que o relato dos registros das experiências (*discurso descritivo*), que constitui uma inovação da cultura européia do final do século XIX, foi utilizado por vários estudiosos como Darwin, Freud, Durkheim, entre outros, cada um no seu campo.

Ainda sobre o caso clínico como uma forma de discursividade da ciência, Assoun (1996) agrega: “Mais precisamente, é em seu diário da análise do Homem dos Ratos que Freud introduziu *o exemplo é a própria coisa* [Beispiel est die Sache selbst]”. (ASSOUN, 1996, p.44).

Este autor sustenta que esta frase aparentemente paradoxal liga o saber demonstrado ao fazer clínico, como uma mesma ação, sendo esta a condição para uma epistemologia genuinamente freudiana. O dizer do paciente não se presta a generalizações conceituais, nem a estatísticas, mas deve ser tomado *ao pé da letra* em relação ao seu tratamento: ele disse *esta coisa*, e não outra. Isto a construção – por enunciação - de sua verdade singular. Nesta perspectiva, o segundo capítulo do *Projeto*, relato do caso clínico de Emma, é a porção que contém mais *verdade científica* no *Manuscrito*, o que pode parecer contraditório em relação aos intentos do seu autor.

O dito não é índice da coisa, que teria que ser ainda pronunciada. Freud “[...] sugere que o exemplo é o verdadeiro esquema intermediário entre o dado clínico e a coisa metapsicológica, o que remete à especificidade da esfera clínica”. (ASSOUN, 1996, p.48).

O aspecto tautológico entre o dito e a coisa, que ocorre na fala *do paciente* na sessão, fixa a palavra como *valor de verdade*. Se não possui o aspecto de uma equação, carrega, no entanto,

a formalização de uma proposição lógica; constrói verdade na constelação subjetiva do analisante e do seu sintoma.

É digno de nota que as observações clínicas de Freud foram usadas simultaneamente nos *Estudos sobre a Histeria* e no *Projeto*, ambos de 1895. No mesmo ano da escritura do *Projeto*, Freud e Breuer publicavam em conjunto os estudos citados acima, relativos a tratamentos empreendidos a partir do fim da década dos anos 1880, quando Freud retorna de seu estágio com Charcot em Paris. A cada caso clínico se segue uma exposição sobre a evolução do método de tratamento – método científico, catártico, livre associação -, e das teorias em teste a respeito da formação dos sintomas histéricos.

Dissociar o *Manuscrito* do empreendimento metapsicológico é compreendê-lo mal, como se houvesse dois Freuds (sic) antagônicos: não há. Da mesma pesquisa ele originou duas escritas epistemologicamente diferentes, e o fez simultaneamente. Na carta de 1º de Janeiro de 1896, ele envia para Fliess dois documentos que provam seus esforços contemporâneos de circunscrever o recalque: na carta propriamente dita ele debate com Fliess modificações que teria que fazer no sistema $\Phi\Psi\omega$, como se viu acima. No anexo, *Rascunho K – As neuroses de defesa*, ele discorre sobre os tipos de neurose de acordo com a incidência e estrutura do recalque, sem utilizar os recursos do *Projeto*.

Mas seu esforço não era disperso, nem sem direção: ele almejava compreender de que modo *a coisa* que havia sido registrada nos traços da memória ficava, ao mesmo tempo, inacessível e produzindo sofrimento e dano psíquico. No dia 31 de outubro de 1895 Freud já havia confessado a Fliess: “Felizmente para mim, todas estas teorias precisam fluir para o estuário clínico do recalque, onde tenho oportunidades diárias de ser corrigido ou esclarecido” (FREUD, 1986, p.149) corroborando o que seus artigos mostravam: o anseio de formalizar o recalque.

Também no texto citado acima, a ligação da *teoria* com o fazer *clínico* fica explicitada: é uma ligação *pendular* na qual uma incide na outra; é importante observar que as teorias são levadas à clínica para serem retificadas. É dizer que *certas idéias abstratas* são testadas na experiência; e esta última não é abordada ingenuamente. As *idéias abstratas* devem vir a ser conceitos incluídos em teorias, ou então devem ser reformuladas, como se viu Freud fazer ao

longo de toda a sua obra: uma constante retificação dos conceitos a cada vez que a experiência desafiou suas teses.

4.2 A ESPACIALIDADE NO *PROJETO* E AS SUAS CONSEQÜÊNCIAS.

O segundo ponto apontado por Bachelard no novo espírito se refere à geometria desenvolvida por Lobatchewsky, que subverteu não apenas o espaço euclidiano, como também a mentalidade científica ao liberar a geometria de suas amarras milenares. A realidade sensível é posta em questão: há mais real no que é oculto do que na realidade imediata. A conseqüência da suspensão do *Quinto Postulado de Euclides* acarreta uma mudança na relação de descrição do objeto: este novo espaço de difícil intuição será abordado e estudado através de relações algébricas complexas. A nova geometria servirá à Teoria da Relatividade e possibilitará o acesso da ciência a novas realidades antes inimagináveis.

O *Projeto* foi uma tentativa de *localização* dos eventos psíquicos, e se pode depreender do *Manuscrito* a construção de um espaço de *pura escritura* dos pressupostos e das articulações entre eles; se por um lado fracassou no seu intento fisicalista, por outro reiterou o caminho da construção de um *lugar*, de uma *tópica* regida por relações de *necessidade lógica*. Não a projeção de um objeto através de uma figura geométrica, mas um espaço regido por conceitos clínicos e pelas relações entre eles.

Então, o *Projeto* não poderia ser aproximado metodologicamente dos meios de formalização galilaicas convencionais do objeto: não se trata mais de representar geometricamente o objeto observado; segundo Bachelard, na sua obra *A formação do espírito contemporâneo*, nas ciências, a representação geométrica tornou-se gradualmente insuficiente, pois estava fundada “num *realismo ingênuo das propriedades espaciais*” (BACHELARD, 1996, p.7). O pensamento científico voltou-se para “*construções* mais metafóricas que reais, para *espaços de configuração* dos quais o espaço sensível não passa, no fundo, de um pobre exemplo”. (BACHELARD, 1996, p.7).

Se, no *Projeto*, Freud não obteve o êxito psico/neurológico que pretendia, obteve, no entanto uma *máquina lógica e simbólica* cujo funcionamento se dá no *espaço/tempo* entre o desamparo humano (do grito de desamparo e dor) e a providência da ação específica (das

formas variadas de cuidado e de linguagem que o adulto provê). Este espaço/tempo não é localizável pela geometria euclidiana.

Desta experiência, no entanto, se origina uma *novidade espacial*, na medida em que a imagem do adulto, próximo e semelhante, bom e hostil, obtém um registro de *coisa* imutável, núcleo do eu em cada novo sujeito. Desta forma, Freud desenha uma primeira topologia do aparelho psíquico, que não será localizável nem no neurônio, e nem tampouco num determinado espaço do mundo.

Também no *Projeto* a relação do Sujeito com seu objeto não é convencional, pode mesmo ser dita como relativa; o ser não tem como ajuizar a localização do objeto: o objeto está no mundo, e provê a *ação específica*; simultaneamente está também no núcleo do eu *como coisa*. Além disto, no momento de desamparo, o eu cai no perigo da *alucinação*. Ora, a alucinação se constituirá numa terceira possibilidade de apresentação do objeto.

Freud rompe com a convicção de que o sujeito pode localizar com segurança o que está no seu psiquismo e o que pertence ao mundo. Há *transitividade dos objetos* do ser para o mundo, o que implica numa *indeterminação* que descentra o eu cartesiano na relação de saber do sujeito sobre si e sobre sua realidade.

Qual pensamento vai garantir a existência do objeto quando o sujeito está desamparado e alienado ao outro? Freud dá-se conta do perigo que o processo primário constitui para a sobrevivência biológica, e desenvolve na Parte III uma série de classificações de juízos e pensamentos, como se viu acima, que servirá de defesa diante tanto da fragilidade e da tendência ao engano que o estado desiderativo provoca.

4.3 A SUBVERSÃO DA CRONOLOGIA: UMA NOVA TEMPORALIDADE NO TRAUMA E NA INTERPRETAÇÃO.

O terceiro ponto examinado por Bachelard, e o mais eloquente de seu ensaio, é a *Teoria da Relatividade* de Einstein. Esta teoria modifica a relação tradicional entre observador, espaço, tempo e fenômeno. Se estas variáveis eram consideradas e medidas de forma bastante independentes entre si, com a Relatividade elas se enodam, se amarram, pertencem a uma

estrutura única. A relação do Sujeito com o objeto não pode ser descrita cartesianamente, pois *a posição do sujeito faz parte do fenômeno relativo*. Esta nova realidade não aparente também requer uma álgebra sofisticada para escrever a possibilidade real do fenômeno. A Teoria da Relatividade implicou numa grande mudança metafísica na qual o Ser passa à impossibilidade de Ser.

O segundo ponto no qual Freud fere o estatuto da avaliação positivista, que já foi mencionado anteriormente, é a consideração de um tempo relativo à puberdade. Um tempo que subverte a cronologia passado-presente-futuro e age do presente em retroação ao passado, fazendo com que um evento que não tivera uma força traumática, passe a ter a partir de uma reinterpretação sexual da cena recalcada.

No desencadeamento da neurose, a temporalidade não obedece à cronologia da realidade e age com *atraso* em relação ao tempo cronológico, sendo esta uma das primeiras descobertas de Freud em relação ao trauma:

Ora, este é o caso típico da repressão na histeria. Por toda parte, descobre-se que é reprimida uma recordação que apenas posteriormente se tornou um trauma. A causa deste estado de coisas é o atraso da puberdade em relação ao restante do desenvolvimento do indivíduo. (FREUD, 2003, p.229).

O advento da puberdade provê uma significação erótica *a posteriori* às experiências sexuais da infância. O evento que ocorreu num espaço/tempo *relativo da infância* terá outro *espaço/tempo na adolescência*: será visto de um outro ponto de vista do sujeito e causará outros efeitos reais. Causará, na realidade, o efeito de dividir o sujeito através do recalque da sexualidade emergente. A criança que entra na confeitaria *estava* na Terra, a jovem púbere que entra na loja *estava* em Syrius, para comparar com o exemplo de Russell citado no primeiro capítulo: o trauma é um fenômeno relativo ao espaço/tempo de cada um no que diz respeito à maturidade sexual.

Apesar de seu aspecto ascético o *Projeto* é fruto da imersão freudiana na clínica e nas hipóteses do papel da sexualidade na formação do sintoma. Sem este reconhecimento o *Manuscrito* não pode ser devidamente avaliado: não teria sentido na obra de Freud, pois

poderia parecer que saiu do *nada*, como uma elucubração atormentada do autor em busca de algo espetacular.

Ainda sobre a temporalidade, Freud apresentará nas suas obras vindouras outras considerações fundamentais da relatividade do tempo nos eventos do inconsciente. O tempo inconsciente é intemporal, pois não há contato direto entre a realidade e os conteúdos e afetos do Inconsciente: “Os processos do sistema inconsciente são intemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não se alternam com a passagem do tempo.” (FREUD, 1974, v.14, p.214).

Do mesmo modo, no desencadeamento da neurose, a temporalidade não obedece à cronologia da realidade e age com atraso em relação ao tempo cronológico, sendo esta uma das primeiras descobertas de Freud no que diz respeito ao trauma. Ora, esta foi uma constatação que subverteu a concepção de causalidade do trauma e do seu efeito não somente no que diz respeito à temporalidade, mas também no aspecto da indeterminação do fato envolvido na condição traumática. O *fato* que tem que ser *construído em palavras* a partir do seu efeito. E esta *construção* é o que permite a superação da dor moral. Além disto, *o fato* é, como já se viu, sobredeterminado: é um complexo de fatos interligados, uma rede, uma teia causal.

Se o tempo tem efeito de *atraso e retroação* no desencadeamento da neurose, produz-se no sujeito um desconhecimento relativo às suas próprias causas e aos seus próprios motivos.

4.4 A REVOLUÇÃO DA MATÉRIA NA PSICANÁLISE.

A Teoria Microfísica traz novidades no trato com a matéria: primeiro, a junção ontológica da matéria com a substância perde seu sentido; segundo, desaparece a necessidade de cindir a geometria e a mecânica; terceiro, a duração da matéria será avaliada através da relação energética da matéria com a irradiação, da coisa com o movimento. Também aqui o fenômeno é formalizado através das escrituras algébricas do real, e não pela descrição qualitativa. Ontologicamente, a matéria é considerada um *devir-ser probabilístico no espaço-tempo*. O cientista não tem acesso direto ao fenômeno; o acesso é feito através da álgebra que se torna, no caso dos números quânticos, um atributo da matéria.

A psicanálise, por sua vez, também modificou a relação do evento psicológico com o substrato fisicalista. Este é o enfrentamento de Freud na composição do *Projeto*: tentar, à exaustão, manter as explicações no nível do fisicalismo, como já foi examinado aqui anteriormente. Isto será, a seu ver, e aos olhos de Fliess, a prova de cientificidade das suas pesquisas e hipóteses. Ao abrir mão deste empenho, ele passará a reforçar as pesquisas que já vinha empreendendo no campo das representações de coisa e de palavra, e das associações entre elas. Mesmo três anos após abandonar o *Projeto*, a questão da matéria orgânica ainda estava nas suas considerações, ou pelo menos nas demandas que Fliess lhe fazia na *Correspondência*.

Não estou nem um pouco em desacordo com você, nem tenho a menor inclinação a deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte esta convicção, não sei como prosseguir, nem teórica, nem terapeuticamente, de modo que preciso comportar-me como se apenas o psicológico estivesse em exame. Porque não consigo encaixá-lo [o orgânico e o psicológico] é algo que nem sequer comecei a imaginar”. (FREUD, 1986, p.327).

A exigência de um apoio biológico sofre mudanças ao longo do amadurecimento da teoria freudiana. Em 1914, Freud já defende um outro ponto de vista, que será a sustentação metapsicológica: “Tento em geral manter a psicologia isenta de tudo que lhe seja diferente em natureza, inclusive das linhas biológicas de pensamento”. (FREUD, 1974, v.14, p.95).

Nos seus artigos sobre a Metapsicologia Freudiana (1996), Assoun aborda a questão da *matéria* do Inconsciente na sua relação com o recalado, colocando nesta relação uma *ilegitimidade filosófica*, pois no ato do recalque, a matéria não está no lugar, ela *falta*:

Consultar o oráculo freudiano do inconsciente é mesmo, com efeito, aprender algo da estrutura da matéria. O inconsciente não é um fato psicológico – e, sobretudo, não o fato psicológico principal: é o acesso ao que está sempre ali e sempre faltoso: a *matéria*! Não há materialismo mais radical, nem mais afastado da noção comum de materialismo. (ASSOUN, 1996, p.26)

O estatuto epistêmico da matéria na *microfísica* e no *freudismo* é convergente: a matéria age pelos efeitos provocados na sua ausência ou indeterminação. Não se trata de atribuir ao recalco qualquer partícula quântica, mas de fazer um paralelo com a racionalidade da época, que possibilita que, em campos tão diferentes, a matéria sofresse concepções antagônicas aos desenvolvimentos que culminaram na mecânica newtoniana.

Há uma outra acepção de matéria na psicanálise que se relaciona com o *material da sessão de análise*. Matéria fônica, o discurso do paciente na sessão, suas palavras, as homofonias produzidas, os atos falhos, os relatos dos sonhos, as discordâncias gramaticais que, ao serem dignificadas pela escuta do psicanalista, assumem sua condição de apresentação de uma lógica particular. Esta matéria – apesar do efeito terapêutico que dela se pode depreender – após provocar seus efeitos interpretativos com seu *ato de irrupção*, também é evanescente, na medida em que a fala da livre associação continua a produzir outros *materials*.

Na psicanálise não há acesso direto ao ato do recalco, e a matéria representacional será uma construção em palavras num tempo posterior. O primeiro tempo é indeterminado, o segundo, o da construção, poderá ocorrer ou não. A matéria, em todos os seus tempos funcionais possui a materialidade dos sons da linguagem, é principalmente palavra: a que é dita, e aquela que falta: livre associação no tratamento, relato de caso clínico, debate teórico, e na sua forma mais ligada ao esforço de Freud, na descrição de aparelhos e sistemas constituindo as escrituras, como já se viu acima.

4.5 A QUESTÃO DA CAUSA: SOBREDETERMINAÇÃO E INDETERMINISMO

A física atômica tem como ato inaugural uma palestra de Max Plank em 1900. Este evento gerou pesquisas em torno da nova idéia – *o comportamento quântico* – que não pôde ser descrito pela física clássica. O acesso ao fenômeno terá que ser feito através de estruturas matemáticas complexas de equações de matrizes: se cria uma ruptura entre a demonstração e a compreensão. Estabelece-se a *Teoria da Incerteza* para descrever a relação posição/momentum das partículas subatômicas. Os aparatos experimentais extrapolam sua função antiga e passam a possibilitar a ocorrência e medição algébrica do fenômeno da física quântica. Bachelard aponta que, filosoficamente, ocorre uma inversão inesperada da função da realidade: o novo corpúsculo não se deixa analisar, não tem uma duração convencional. Na teoria quântica, a relação determinística entre causa e efeito se desloca para a relação de

probabilidade periódica. Para aprender estes novos conceitos é necessário desaprender a geometria de Arquimedes anterior e abrir mão da intuição do espaço intuitivo vigente até então. A pesquisa em física atômica tem como ato inaugural uma palestra de Max Plank em 1900. Este evento gerou pesquisas em torno da nova idéia – o comportamento quântico – que não pôde ser descrito pela física clássica.

Uma das mais importantes contribuições de Freud para a nova consideração da causa das ações humanas é a *sobredeterminação* que é um conceito fundamental para a compreensão e tratamento das neuroses, já que temos na base da neurose uma *multiplicidade de causas* interagindo umas nas outras. Desde o começo da obra, esta constatação já estava presente, como mostram as palavras de Breuer escritas em 1893: “[...] é preciso haver uma convergência de vários fatores para que um sintoma histérico possa ser gerado em qualquer um que até então tenha sido normal. Tais sintomas são invariavelmente *sobredeterminados*, para usar a expressão de Freud.” (BREUER, 1974, v.2, p.266).

Uma década mais tarde, Freud faz uma descrição mais clara do fenômeno: “Mas no fundo da realidade, que me esforço por retratar aqui, a regra é a complicação dos motivos, a acumulação e a combinação das moções anímicas — em suma, a *sobredeterminação*”. (FREUD, 1974, v.7, p.57).

A doutrina psicanalítica inaugurou um modo de abordagem do fenômeno mental mostrando a impossibilidade da relação biunívoca entre causa e efeito, propondo uma *rede causal* para um efeito ou conjunto de efeitos; ele propôs a *impossibilidade de acesso direto ao lugar da causa*, demonstrando que só se pode construir as causas *a posteriori*, a partir de seus efeitos nos sintomas, nos sonhos, nos atos falhos e nas parapraxias. A constatação da multicausalidade foi uma das primeiras rupturas de Freud em relação à prática médica de eliminar *uma* causa para atingir a cura.

Podemos inverter a máxima “*cestante causa cestat effectus*” [cestando a causa cesta o efeito] e concluir destas observações que o processo determinante continua a atuar, de uma forma ou de outra, durante anos — não indiretamente, através de uma corrente de elos causais intermediários, mas como uma causa *diretamente* desencadeante — da mesma forma que um sofrimento psíquico que é recordado no estado consciente de vigília ainda provoca uma secreção lacrimal muito tempo depois de ocorrido o fato. *Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências*. (FREUD, 1974, v.2, p.48).

A sobredeterminação negou a possibilidade de um determinismo a priori, o que acarretou numa mudança de lugar epistêmico: não era mais possível a denegação dos fenômenos conflitantes observados no pensamento normal do ser humano: o conflito psíquico não era apenas a exceção observada através do arrolamento das perturbações; o espírito de simplificação e a busca do fenômeno elementar caíram por terra com a psicanálise freudiana.

Também aqui Freud acusou, junto com a sobredeterminação, um não saber sobre a causa; um saber parcial, a ser construído, com uma porção de indeterminação, que só terá valor de verdade na medida de sua eficácia terapêutica. E esta não se verifica de imediato; deste modo, o conjunto das construções que tiveram eficácia terapêutica no tratamento permanece *indeterminado*.

A multiplicidade, a indeterminação, a imbricação e a contínua reconstrução das causas conferem complexidade ao evento sintomático. A constatação de incerteza referente à constelação causal impulsionou Freud mais ainda ao exercício da análise e o conduziu a formalizar gradualmente o conceito de *Construção em Análise* (1937), um dos seus últimos e mais geniais textos clínicos.

A sobredeterminação também obriga a pensar que, se um fato ou objeto carrega em si uma rede de causas, ele não responde à racionalidade de *uma* determinação que possa ser circunscrita; esta constatação freudiana acompanha o *espírito* que se abria na época para uma *nova mentalidade*: “A razão é uma atividade psicológica essencialmente politrópica: procura revirar os problemas, variá-los, ligar uns aos outros, fazê-los proliferar. Para ser racionalizada, a experiência precisa ser inserida num jogo de razões múltiplas”. (BACHELARD, 1996, p.51).

O autor ainda argumenta que deste modo, tem-se uma “teoria da racionalização discursiva e complexa” (BACHELARD, 1996, p.51), sendo esta uma descrição bastante apropriada para a compreensão da noção de sobredeterminação freudiana.

4.6 A EPISTEMOLOGIA NÃO CARTESIANA E O FREUDISMO

É o momento de constatar se os *efeitos* que o *novo espírito científico* provocou na racionalidade científica também podem ser verificados na racionalidade psicanalítica. Se houve uma superação *necessária* da razão cartesiana, razão esta que constituiu a raiz da ciência moderna, deve-se questionar se também se verifica na psicanálise este novo modo de construir o saber.

Bachelard afirma que o cartesianismo concentra-se na redução do fenômeno a sua máxima simplicidade, às suas leis gerais e universais, evitando desta forma a complexidade que o *novo espírito* teve que necessariamente desvelar nos fenômenos que vinham à luz. Também Freud se deparou com o caráter complexo dos sintomas neuróticos, tanto na sua sobredeterminação, quanto na compulsão à repetição, quanto na singularidade e peculiaridade das formações neuróticas.

Não há como derivar desta clínica um *catálogo de sintomas* com receitas de curas; não há como fazer uma estatística da fórmula e/ou do procedimento terapêutico bem sucedido. Também não há um critério de cura exterior ao tratamento: a psicanálise não se deixa reduzir a qualquer ideal de simplicidade. Há, entretanto, uma ética do analista, depreendida a partir dos Artigos Técnicos publicados em 1912. E, sobretudo, como teoria balizadora do exercício da Psicanálise, estão os textos Metapsicológicos, e a permanente produção científica em torno da relação dos conceitos ali contidos com a prática de cada um.

Assim não há na psicanálise nenhuma possibilidade de ignorar a complexidade ou de buscar uma causa simples no emaranhado das sobredeterminações e na multiplicidade das significâncias produzidas pelo tratamento: isto seria não apenas um empobrecimento, mas principalmente um *erro metodológico e ético*: não existe na psique humana uma *natureza simples*. A consequência imediata é que na psicanálise também não se lida com a idéia de uma exceção, pois já se está no campo da singularidade: o fenômeno não é nem perturbação da lei, nem exceção, ele é, por definição, *único* na sua manifestação.

Além disso, a psicanálise constituiu um *método* modo de lidar com a complexidade, e de esclarecer que ela é constitutiva do *humano*, e não apenas daqueles classificados de *doentes*

mentais. A consideração do processo do sonho mostrou que as imagens e idéias irracionais, esdrúxulas, estranhas não são exclusivas dos neuróticos.

Ora, a prática da psicanálise atinge o âmago do analista: além de estudar, escrever, articular a sua prática, ele tem que se submeter ao tratamento psicanalítico como parte fundamental e indispensável da sua formação; e cotidianamente seus pensamentos e sentimentos são postos à prova no seu lugar de escuta. O efeito da intervenção que o analista faz no discurso do analisante é indeterminada, e incide também na subjetividade do analista: aqui também – e principalmente aqui - a experiência inclui a subjetividade do cientista.

Freud também caminhou de mãos dadas com *o novo espírito científico* ao denunciar que a verdade do sintoma não se dava a ver no fenômeno imediato, isto é, no comportamento do paciente: esta *verdade* teria que ser pesquisada e construída através da *fala* do analisante dirigida à *escuta* do psicanalista. Desta forma, também no freudismo não há acesso ou conhecimento direto do objeto.

Cria-se, deste modo, também aqui uma *nova intuição*: no intercâmbio da experiência com o *estudo discursivo*, isto é, com “certas idéias abstratas” (FREUD, 1974, v.14, p137.), como se viu anteriormente, Freud construiu sua teoria incessantemente, ao longo de quase meio século; deve-se também observar que a psicanálise continua a ser constantemente articulada e construída pelos que a ela se dedicam, numa constante articulação metapsicológica a partir dos desafios da experiência clínica.

A GUIA DE CONCLUSÃO

O *Projeto* é um texto pré-psicanalítico?

A publicação do *Projeto* no primeiro volume nas *Edições standard das obras psicológicas de Sigmund Freud* intitulado “Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos”, provocou um vício de interpretação nos estudantes, e mesmo nos estudiosos da psicanálise: o de que o *Projeto para uma psicologia científica* é um trabalho pré-psicanalítico.

Isso conduziu a interpretações equivocadas da sua situação epistêmica e mesmo a uma espécie de cegueira coletiva em observar a data em que foi redigido; Rodrigué (1995) sugere que o primeiro século da psicanálise inicia em 24 de julho de 1895, dia sugerido por Freud que, em carta de 12 de junho de 1900, grava, imaginariamente, uma placa de mármore com os dizeres: “Aqui, em 24 de julho de 1895, revelou-se ao Dr. Sigmund Freud o segredo dos sonhos”. (FREUD, 1986, p. 418). De 1895 até o trabalho dos sonhos foram quase cinco anos de maturação, mas naquele mesmo ano de 1895 Freud publicou os casos clínicos e as articulações teóricas das pacientes histéricas em tratamento psicanalítico, selando o lugar da construção de saber na psicanálise. Assim, a escolha de Rodrigué (e de Freud) por esta data simbólica não foi aleatória e encontra apoio no texto freudiano, impossibilitando que se sustente, de forma apressada, que o *Projeto* seja pré-psicanalítico.

No entanto, o *Manuscrito* fica lá, no primeiro volume, confundido com o que ocorria na década anterior, como se fosse obra de um Freud neurologista, que ainda não tivesse feito avanços na sua própria teoria, a qual, no entanto, elaborava solitariamente a partir da nova clínica por ele arquitetada.

Esta dissertação pretendeu sublinhar este mal-entendido e sustentar que o *Projeto* foi a última tentativa de conciliar a psicanálise, principalmente o mecanismo do *recalque*, com o saber neuronal-fisicalista. No entanto, a psicanálise *já existia como novo campo do saber*, como se verifica facilmente através da leitura do volume 2, intitulado “Estudos sobre a histeria”, e mesmo do volume 3, “Primeiras publicações psicanalíticas”, onde há textos psicanalíticos até mesmo *anteriores* a 1895.

Os organizadores dos volumes da edição standard – aos quais os psicanalistas são eternamente gratos pela possibilidade do acesso facilitado à obra – agiram, como sempre se faz, a partir de suas próprias posições epistemológicas, o que influenciou gerações de psicanalistas: a “Psicologia para neurólogos” parece ficar num lugar indefinido que permite toda sorte de questões imaginárias: o texto pertence ou não à teoria analítica? O *Projeto* é uma preciosidade neurológica? Os neurologistas ainda irão descobrir no *Manuscrito* num futuro vindouro que o gênio de Freud havia tocado, através do método hipotético-dedutivo, em descobertas ainda hoje desconhecidas pela medicina? Ou, no outro extremo, a neurologia lá contida é uma ficção pseudocientífica induzida e teleguiada pelos efeitos das exigências de Fliess a Freud *antes* da auto-análise de Freud? Ou ainda, se o leitor ali fizer uma tradução simultânea do termo *neurônio* pelo termo *representação*, irá obter um texto legitimamente psicanalítico, o *retrato* pronto e acabado do sistema Inconsciente?

E quanto ao estudo da teoria analítica, para que serve o *Projeto*? O *Projeto* é uma descoberta arqueológica da protopsicanálise? Os psicanalistas que fizeram suas formações até 1949, quando o texto ainda era desconhecido, tiveram seus estudos prejudicados por este desconhecimento? É um texto fundamental na formação do psicanalista?

São questões sem resposta, principalmente por estarem mal situadas: não se trata de inicialmente indagar, sobre um manuscrito soterrado pelo seu autor, qual a importância que ele tem para o leitor, mas sim qual a importância que ele teve *para o autor* naquele exato momento da construção da teoria; e só a partir deste estudo se poderá, talvez, desenhar hipóteses sobre o sentido, ou melhor, sobre os diversos sentidos que o texto tem no estudo da construção dos conceitos psicanalíticos.

Cabe aqui também comentar a relação do *Projeto* com a pesquisa psicopatológica de Freud naqueles anos. Apesar de ele declarar que as observações clínicas estão na base do *Projeto*, nem todos os biógrafos e comentadores analisam-no nesta direção, como se segue.

Ernest Jones escreve que “A relativa esterilidade do *Projeto* explica-se por seu divórcio dos dados clínicos” (JONES, 1989, p.384).

James Strachey, que participou do estabelecimento do *Manuscrito* e da sua tradução para o inglês, é enfático:

Ficará logo evidente que de fato há pouquíssimas coisas nestas páginas que antecipam os procedimentos técnicos da psicanálise. [...] O material clínico está, de fato, em grande parte, restrito à parte II, que trata da psicopatologia. As partes I e III se compõem, em geral, de princípios teóricos e *a priori* (STRACHEY, 1974, v.2, p.391).

Para Didier Anzieu, contudo, [...] este *Projeto* continua um belo exemplo de modelo teórico funcionando sem base experimental. As intuições que ele contém sobre o psiquismo continuam prisioneiras de uma base neurofisiológica estreita.” (ANZIEU, 1989, p.47).

O filósofo Garcia-Rosa (1987, p.47) cujos estudos sobre Freud são dos mais divulgados no Brasil, sustenta que “O *Projeto* não é um trabalho descritivo baseado em observações e experimentos, mas um trabalho teórico de natureza fundamentalmente hipotética”.

Peter Gay, também biógrafo, é uma das vozes discordantes, pois considera que Freud não poderia manter em separado o que estava em jogo no *Projeto* do que estava sendo pesquisado nos artigos sobre neurose no mesmo ano de 1895:

Dentro de si estas duas investigações nunca foram – e nem poderiam ser com algum proveito – mantidas em separado. Não é por acaso que dava vida a seus apontamentos teóricos abstratos recorrendo a exemplos retirados de seus casos clínicos. Eles constituíam matéria para uma psicologia geral (GAY, 1989, p.122).

Osmyr Gabbi Jr., filósofo e tradutor do *Projeto* para o português, esclarece que:

Apesar de o ensaio ter sido iniciado numa viagem de trem, ele de nenhum modo é um texto de ocasião. Na verdade, reflete as tentativas de Freud para fundamentar uma clínica baseada na palavra e é extremamente útil para quem deseja conhecer como se originou a psicanálise. Tampouco foi abandonado ou esquecido pelo seu autor. Sua temática e várias de suas soluções reaparecem modificadas no capítulo VII da *Traumdeutung* [Interpretação dos Sonhos], podendo ser acompanhadas, em detalhe e passo a passo, graças à correspondência trocada entre Freud e Fliess. (GABBI JR. 2003, p.8).

Paul-Laurent Assoun ao examinar a ligação profunda e extensa da obra freudiana com o pensamento produzido pela psicologia herbartiana, explica que “Herbart concebe a metafísica como a arte de compreender corretamente a experiência”. O cientista deve buscar elucidar as contradições aparentes através de conceitos embasados na experiência: “[...] esta é a primeira a falar” (ASSOUN, 1983, p.163). Ele ainda sustenta que a aspiração a uma psicologia científica, explicitada no *Projeto*, bebe na fonte do pensamento de Herbart, que há décadas objetivava o mesmo para a psicologia alemã. Assim, não haveria possibilidade, na estrutura de pensamento freudiano, de ele se dedicar a uma investigação divorciada da experiência.

Há no metapsicológico, *mutatis mutandis*, uma representação análoga. O que é primeiro é o material da experiência (*Materialerfahrung*). Podemos mesmo dizer que toda abordagem psicológica permanece nesse nível, apenas manifestando as contradições (ASSOUN, 1983, p.163).

A questão é central, já que o próprio Freud afirma que o *Projeto* provém da sua clínica, mais do que nunca *experimental* naqueles anos de formação; o *Projeto* utiliza conhecimentos neurofisiológicos que talvez fossem o único *saber consagrado* pela comunidade científica que Freud compartilhava então; a natureza do manuscrito não era fundamentalmente hipotética, porém racional e *lógica*: Freud desejava conceber um aparelho que descrevesse, não apenas as *funções* psicológicas de acordo com suas pesquisas, mas suas *inscrições mentais* primitivas, a partir das primeiras marcas do ser humano diante do desamparo original e da dependência ao outro.

Garcia Rosa afirma ainda que o *Projeto* não seria “[...] uma tentativa de explicação do funcionamento do aparelho psíquico em bases anatômicas, mas ao contrário, implica uma renúncia à anatomia e a formulação de uma *metapsicologia*” (GARCIA-ROSA, 1987, p.47).

Pode-se argumentar que a proposta epistêmica do *Projeto* não renuncia nem a uma coisa, nem a outra; desta forma, é necessário não perder de vista a relação de Freud com seu texto: o *Manuscrito* responde por si próprio, no capítulo sobre a psicopatologia, como se examinou. No entanto, é válido questionar se a neurologia do *Projeto* correspondia aos estudos experimentais científicos no fim do século XIX, e se a clínica freudiana correspondia a uma

experiência real de pesquisa, desenvolvimento de método de tratamento e construção conceitual. Por que, então, alguns autores vêem no *Projeto* um esforço *in abstracto*?

A afirmação chistosa de Emilio Rodrigué, na sua biografia de Freud, apesar de não possuir o *semblante* de um comentário epistemológico convencional, atende melhor ao estatuto epistêmico do *Projeto*: “É essa a história do *Projeto*, que pode ser descrito como resultante do inverossímil casamento de um sapo com uma borboleta” (RODRIGUÉ, 1995, p.346). *Atende melhor* ao reconhecer que o *Projeto* foi um esforço de casar o que não se *cruza*, isso é, as formações simbólicas, geradas pelos conflitos recalcados inconscientes, não se superpõem à malha neuronal biunivocamente, do modo como Freud tentou demonstrar.

O fato de Freud construir a partir da experiência das sessões de psicanálise, de acordo com o método que ele próprio criou, não autoriza a opinião de que ele trabalhou como um indutivista criado no labor do microscópio. Ao mesmo tempo, *a atitude e o espírito científico* adquiridos são extremados no seu labor diário.

O psicanalista Jacques Lacan observa que (1998, p.871):

[...] ao contrário do que se inventa sobre um pretenso rompimento de Freud com o cientificismo da sua época, [...] foi esse mesmo cientificismo – se quisermos apontá-lo em sua fidelidade aos ideais de um Brücke, por sua vez transmitidos pelo pacto através do qual um Helmholtz e um Du Bois-Reymond se haviam comprometido a introduzir a fisiologia e as funções do pensamento, consideradas como incluídas neles, nos termos matematicamente determinados da termodinâmica, quase chegada a seu acabamento em sua época – que conduziu Freud, como nos demonstram seus escritos, a abrir a via que para sempre levará seu nome. Dizemos que essa via nunca se desvinculou dos ideais desse cientificismo, já que ele é assim chamado, e que a marca que traz deste não é contingente, mas é essencial.

Ora, esse é o tributo que o próprio Freud rende a Brücke, como já foi visto, o que não implica que se possa afirmar que Freud aplicou diretamente o positivismo e o indutivismo ao seu *novo objeto*, extraindo daí a psicanálise. Diante do desafio das formações do inconsciente foi necessário que ele criasse um novo método, sem abrir mão do rigor que a ciência exige na relação da *empíria* com a construção de saber. Como já mencionado, a menção que Bachelard

faz à encruzilhada metodológica no novo espírito científico descreve com justeza o momento do aparecimento do freudismo.

Assoun (1983, p.67) reitera tal análise do evento do freudismo ao afirmar:

Quando Freud fala da sua teoria da libido e quando a batiza como uma quase-teoria [...] devemos entender com isso uma função epistemológica da nova da teoria, produzida por uma evolução perceptível, paralelamente, na física contemporânea.

É fundamental, então, se abster de avaliar a inserção da psicanálise no campo da ciência como produto ou efeito do exercício do positivismo e, com ele, do método indutivista. Seria desconhecer que nem mesmo o próprio Freud propôs tal plataforma para sua doutrina. Seria, inclusive, desconhecer o texto freudiano, no qual seu autor compartilhava sua lógica construtiva. Ao escrever o *Projeto*, Freud não foi diferente de si mesmo, e nem do que seria seu estilo ao longo dos anos vindouros.

Logo, a aproximação equivocada da psicanálise ao indutivismo leva a dois resultados mutuamente excludentes: ou se considera que a psicanálise não é um campo científico, o que é apressado; ou se considera que não há intercessão entre psicanálise e indutivismo, o que é justo e implica um estudo, no campo da lógica, sobre o estabelecimento do *valor de verdade* no campo freudiano. Qual lógica seria a mais apropriada para lidar com os efeitos reais que a psicanálise produz?

Segundo Chalmers (1997) há concepções ingênuas sobre *ciência* que crêem que todo conhecimento científico é provado rigorosamente através de experimentos e observação. Ainda segundo estas crenças, a ciência seria baseada no que é concreto, no que pode ser observado pelos órgãos dos sentidos, sem sofrer a influência da subjetividade do pesquisador.

Resulta disso que qualquer outra idéia sobre ciência é alheia ao imaginário contemporâneo, o que torna esta concepção insidiosa, pois sua simplificação atinge a muitos e torna praticamente inacessível aos espíritos, tanto a real natureza do método científico quanto a compreensão do papel do *racionalismo* na construção da teoria científica. Além disso, oculta

o *status passageiro* do valor de verdade de um determinado corpo de conhecimento produzido pelos cientistas.

Essa concepção é denominada por Chalmers (1997) de *indutivismo ingênuo*: o cientista partiria, desprovido de preconceitos, de observações e registros repetidos para formalizar leis gerais. Diz este autor: “As afirmações a que se chega (vou chamá-las de proposições de observação) formam então a base a partir da qual as leis e teorias que constituem o conhecimento científico devem ser derivadas” (CHALMERS, 1993, p.24).

Estabelece-se uma ligação de produção entre a observação e a obtenção de *afirmações singulares*, que se referem “[...] a uma ocorrência específica ou a um estado de coisas num lugar específico, num tempo específico” (CHALMERS, 1993, p.25).

Como, no entanto, as leis científicas necessitam ser *afirmativas universais*, seria necessário estabelecer de que modo o método científico poderia chegar das primeiras às segundas, isto é, se seria possível que, de um número sempre limitado de observações, se pudesse chegar a afirmações universais que constituem a ciência. “A resposta indutivista é que, desde que certas condições sejam satisfeitas, é legítimo generalizar a partir de uma lista finita de proposições de observação singulares para uma lei universal” (CHALMERS, 1993, p.26). Seria necessário um grande número de observações, sob diferentes condições e que nenhuma produza uma proposição conflitante com a afirmação universal, o que é o mais difícil de ocorrer.

Esse raciocínio professa, então, que do particular chega-se ao todo, pelo processo de *indução*. O autor chama a atenção para o fato de que também é função do campo científico *esclarecer* e *prever* os fenômenos, e não apenas enunciá-los em leis gerais. Ora, isto não seria possível sem a *dedução*: para que se tenha uma aproximação mais verdadeira do fazer científico, não se pode ignorar que “[...] uma característica importante da ciência é sua capacidade de *explicar* e *prever*” (CHALMERS, 1993, p.28).

A proposta inicial, ainda ingênua, é que dos fatos adquiridos pela observação se chega a leis e teorias, e que, pelo raciocínio lógico e dedutivo, se alcançam previsões e explicações. A simplificação se localiza na crença de que há observação desprovida de pressupostos, hipótese

e postulados, como se o olhar científico pudesse ser *ingênuo* na partida, sem estar contaminado pelas hipóteses do cientista *a priori*.

Para o indutivista, a observação, a indução e a dedução devem estar presentes em todas as situações do fazer científico, do mais simples ao mais complexo; os princípios gerais são obtidos por indução através da repetição da experiência. Chalmers (1993) adverte que, quando o cenário é complexo, não é evidente a existência da observação e do processo de indução que estão, no entanto, presentes através das leis já consagradas de uma dada teoria. A partir desse ponto, as deduções se realizam através de argumentos matemáticos, geométricos, e verbais ⁴⁴.

Isto leva à constatação que somente um conhecimento teórico já constituído pode auxiliar na determinação de quais variações são significativas e quais são supérfluas na observação do cientista. “Mas admitir isso é admitir que a teoria jogue um papel vital *antes* da observação” (CHALMERS, 1993, p.40), o que se choca com as pretensões do indutivismo ingênuo.

A tese do autor está clara na seguinte afirmação: “Teorias precisas, claramente formuladas, são um pré-requisito para proposições de observações precisas. Neste sentido, as teorias precedem à observação [...] então é falso afirmar que a ciência começa pela observação” (CHALMERS, 1993, p.55).

As proposições de observação podem ser falhas, assim como também podem ser falsas as teorias nas quais se apóiam. Nem uma, nem a outra vão constituir – diz Chalmers “uma base completamente segura para a construção de leis e teorias científicas” E continua, “No sentido de estabelecer a validade de uma proposição de observação, então, é necessário apelar à

⁴⁴ A crítica de Chalmers sobre a indução recai sobre a possibilidade de se escrever proposições verdadeiras a partir de observações, ou, em outras palavras, de derivar afirmações universais verdadeiras. O indutivista justifica seu método de duas formas: ou através de um apelo à lógica, ou com um apelo à experiência. A lógica garante a veracidade da conclusão se as premissas forem verdadeiras. Mas há uma questão problemática mesmo se houver premissas verdadeiras, isto é, as proposições de observação podem se tornar falsas na medida em que uma nova observação seja desigual em relação às anteriores. Estão apenas apoiados em observações, não são argumentos logicamente válidos: como ter certeza que o próximo corvo que observarei seja preto?

A experiência, então, justificaria e validaria o indutivismo? O argumento seria o de que, se na grande maioria das vezes, o indutivismo gerou conhecimento científico válido, que tem sido aplicado com sucesso ao longo do tempo, logo este método justifica-se. Chalmers argumenta que esta justificação não é aceitável por se tratar de um argumento circular baseado na própria racionalidade indutivista: não se pode usar a indução para justificar a própria indução. Esta dificuldade é conhecida com o nome de *problema da indução*.

teoria, e quanto mais firmemente a validade for estabelecida, mais extensivo será o conhecimento teórico empregado” (CHALMERS, 1993, p.56).

Ora, não há referência, nos artigos de Freud, à prática de um empirismo desta ordem; como já se descreveu acima, mais do que a generalização a partir da repetição do *mesmo*, Freud ouviu o *singular* em cada caso. Sua construção só se tornou possível pelo *diálogo* entre o caso clínico e a escritura do aparelho psíquico, tal como está descrito no *Projeto*, na Parte II, através do relato do tratamento de Emma.

Essa mesma atitude metodológica atravessa a sua obra; hipóteses conceituais determinam a clínica e a observação; a escritura ilumina o tratamento psicanalítico e o relato e as dificuldades do caso clínico implicam novas hipóteses – *certas idéias abstratas*, que indicam o caminho para uma nova proposta escritural, sempre em busca de melhor mostrar como a estrutura do recalque se organiza a partir e em torno da *coisa*.

Se existe uma epistemologia freudiana? Se a psicanálise é uma ciência? Paul-Laurent Assoun defende este ponto de vista, que há uma metodologia de construção de conceitos consistente ao longo da obra e coerente com a experiência clínica a ser apreendida do texto freudiano. Além disso, o próprio Freud sempre considerou sua teoria como uma ciência da natureza.

Já em 1968, Octávio Mannoni escreve:

[...] no fundo, Freud estava tentando uma conciliação complicada: escapar à prática médica, e opor-se às idéias da época, mas para se fazer reconhecido, afinal de contas pelo mundo da ciência e da medicina. Sabemos que não conseguiria isso facilmente (FREUD, 1994, p.30).

Essa afirmação deve ser tomada com muita cautela, pois leva a crer que Freud buscou uma cientificidade que não lhe era original, com a intenção de se fazer reconhecer pelo mundo das pessoas sérias. Ora, seu principal ofício, ao longo de duas décadas, havia sido o laboratório, a fisiologia, o tecido nervoso, a publicação científica. De 1877 até 1897 ele publicou 20 artigos de neurologia (Mannoni, 1994) entre os quais *A afasia*, em 1891: dos 21 anos de idade até os

41, sua vida passara pelas lentes do microscópio. Freud não sabia absolutamente fazer outra coisa que não *Naturwissenschaft*.

Apesar da consideração freudiana da *Naturwissenschaft* ser o ponto de partida para o debate, isto não fecha a questão, uma vez que: 1) Os conceitos freudianos não correspondem a equações matemáticas, como na física e na química e ao modo como Bachelard descreveu o novo espírito científico. 2) Os eventos do inconsciente freudiano não se superpõem a um substrato fisiológico, como pretendem os médicos e mesmo os psiquiatras em relação a seus campos. 3) O Sujeito do Inconsciente não é estatístico e não se oferece à pesquisa epidemiológica, apesar de que as formações do Inconsciente talvez sejam a mais generalizada das epidemias humanas. 4) O tratamento psicanalítico não é observável, e não se dá a ser descrito, testado e quantificado pela psicologia do comportamento; como ele se dá na transferência, qualquer observador no tratamento, por mais escondido atrás do espelho de observação do laboratório de psicologia, constituiria uma censura à livre associação e um bloqueio à escuta analítica.

No entanto, após o abandono do Projeto, tentativa frustrada de compor uma base neurofisiológica-fisicalista para suas teorias em construção, Freud não abriu mão da ciência. Ele escreve ao amigo:

Viena, 29 de novembro de 1895.

Querido Wilhelm

[...] Estou em excelente forma para trabalhar, tenho nove a onze horas de trabalho árduo e seis a oito casos analíticos por dia – coisas lindíssimas, é claro; toda sorte de materiais novos. Estou inteiramente perdido para a ciência (FREUD, 1986, p.153).

Quais as funções, então, que o *Projeto* teve na construção do conceito do recalque? Quais os limites que encontrou? Quais os ganhos que proporcionou para Freud na sua obra? O que foi que ele aprendeu? O que vislumbrou a partir do engavetamento?

Como já se viu anteriormente, ao desistir do *Projeto*, Freud escreve a Fliess que a Psicologia para neurólogos foi uma espécie de loucura. Porém, interpretar esta auto-avaliação freudiana ao pé da letra é empobrecê-la: a *maquinação* só pôde ter sido interpretada por seu autor como

loucura *a posteriori*, quando os limites à hipótese fisicalista ficaram evidentes. Os limites que obrigaram Freud a desistir foram vários. A seguir são comentados aqueles que mais chamaram a atenção deste trabalho, pela sua relação necessária com a teoria do recalque, o capítulo frustrado ao qual Freud se refere na carta de 08 de outubro de 1895 já citada nesta dissertação.

Na Parte 3 do *Projeto*, há duas descrições que ultrapassam o alcance do fisicalismo: o fenômeno da existência da *linguagem* e a insistência da *repetição* de complexos de imagem e afetos negativos. O fenômeno da linguagem, por sua vez, afeta várias das *funções psicológicas* abordadas, a começar pela consciência, que é o primeiro impasse no desenvolvimento dos postulados.

O sistema de neurônios ω não processa quantidades, ele produz *qualidades* que resultam na consciência e fornecem a série de sensações de prazer-desprazer. Neste ponto, Freud (2003, p.190) escreve:

Não se pode evidentemente tentar dar uma explicação sobre como processos excitativos nos neurônios ω trazem consigo a consciência. Trata-se só de fazer corresponder às propriedades conhecidas por nós sobre a consciência como os processos de alteração paralela nos neurônios ω .

Ora, a consciência só pode ocorrer pelo *pensar*, que por sua vez é um pensar em palavras. Este mesmo impasse retorna, de forma mais clara, no momento no qual Freud pretende descrever os processos de *pensar* e de *julgar* a realidade, no intuito de discernir a imagem alucinada da imagem real. A função da linguagem – a associação lingüística – é abordada mais claramente como uma teoria biológica da fala, cujo objetivo é garantir a sobrevivência da espécie, e que ocorre a partir do grito e do choro do bebê: “A associação lingüística realiza este objetivo. Ela consiste na ligação de neurônios ψ com neurônios servindo às idéias acústicas, e elas mesmas têm a mais íntima associação como imagens motoras lingüísticas” (FREUD, 2003, p.239). Ele supõe que a associação com a palavra equivale a uma descarga de quantidade que livra o sistema de excesso de energia. Ora, o *pensar com a associação lingüística* passa a ter, então, a mesma função de uma *ação específica*, o que não corresponde

exatamente aos postulados iniciais, que exigiam uma descarga real – postergada ou não – da quantidade.

O tratamento do *pensar* prepara o terreno para a teoria do recalque. O eu deve respeitar duas barreiras para evitar o desprazer: a primeira é não ocupar as imagens motoras de eliminação enquanto não tiver certas certezas vindas da percepção; a segunda é não ocupar idéias desiderativas demais para evitar a alucinação. Como evitar que isso ocorra? Como fazer estas duas barreiras funcionarem? Como manter as [...] duas barreiras contra a motilidade e o desejo?” (FREUD, 2003, p.244). Mesmo a explicação darwinista aqui encontra seu limite; evitar o desprazer é uma *aquisição biológica* e por isto há defesas primárias. Deste ponto em diante, o compromisso com o fisicalismo se rompe:

Como a defesa primária, a não ocupação por ameaça de desprazer, é representável mecanicamente, é algo que certamente não sei como indicar. De agora em diante, permito-me ficar devendo a exposição mecânica das regras biológicas baseadas na ameaça de desprazer; desde daqui, ficarei contente se puder permanecer fiel a um desenvolvimento intuitivo. (FREUD, 2003, p.244-245).

A segunda grande barreira aos desenvolvimentos fisicalistas provém da existência do *erro*, sobre o qual Freud se questiona nesta mesma última parte. São muitos os tipos de pensamento que o homem exerce, tanto para garantir um julgamento adequado para o encontro com o objeto da sua necessidade, quanto para evitar o acúmulo e repetição de circuitos de dor e desprazer. Porém Freud não tem como evitar a questão: “[...] como se pode originar um erro no caminho de pensar? Que é erro?” (FREUD, 2003, p.255). Há ilusão no julgamento, falhas nas suas premissas, erros por atenção defeituosa, que implicam ignorância e falhas lógicas.

Como isso ocorre? “Dito de forma breve, na desconsideração das regras biológicas para o curso do pensar” (FREUD, 2003, p.258). A *primeira* regra biológica, da defesa primária, corresponde ao princípio da inércia, que exige que o sistema se livre de quantidade para manter-se homeostático. A *segunda* regra biológica da atenção exige que o eu reconheça um signo de realidade e o invista completamente. Neste ponto, deve-se pontuar que, se Freud admite falhas nas regras biológicas, o seu sistema psicológico como um todo sofre uma rachadura na medida em que há falha no princípio do prazer – o que invalidaria todo o

edifício, induzida pelo próprio processo do *pensar*. É um vislumbre longínquo, de um outro aparelho por vir, e que funcionará mais além do princípio do prazer.

A função de escritura do *Projeto*.

Esta dissertação *não* se propôs a estudar os pontos de convergência entre a teoria psicanalítica já existente e as teorias **N+Q**, nem em localizar os pontos de abertura do *Projeto* para a metapsicologia. Não se pode ignorar, no entanto, o papel que este esforço gigantesco de formalização logicamente articulada teve no que se seguiu. O *Projeto* organizou o *funcionamento* não tanto de uma máquina, mas de uma escritura que simultaneamente produzia, sustentava e descrevia o psiquismo. O *Manuscrito* deixou evidente para Freud a necessidade de reorganizar espacialmente sua teoria, de um modo que os conceitos e as articulações entre eles sua dinâmica - ficassem esclarecidos e principalmente *fixados*. A seqüência de aparelhos psíquicos que se seguiram ao *Projeto*, o do sonho, a primeira tópica, a segunda tópica, o bloco mágico surge como mostra e fixação das adições e modificações que Freud fazia à sua psicanálise, sem, no entanto trair seu núcleo metapsicológico: a partir do conceito de recalque ele ergueu seu edifício.

Segundo Derrida (2002) no artigo “Freud e a cena da escritura”, a escritura em Freud não está sujeita simplesmente à palavra no seu aspecto convencional:

Desde Platão a Aristóteles não se tem deixado de ilustrar por meio de imagens gráficas as relações da razão e da experiência, da percepção e da memória. Mas jamais se deixou de aí tranquilizar uma confiança no sentido do termo conhecido e familiar, a saber, da escritura. O gesto esboçado por Freud destrói esta segurança e abre um novo tipo de questão sobre a metaforicidade, a escritura e o espaçamento em geral. (DERRIDA, 2002, p.182)

A hipótese desse filósofo é que Freud não se serviu de um modo de apresentação consagrado, mas que ele o construiu: “Se a abertura freudiana tem uma originalidade histórica, não a tira da coexistência pacífica ou da cumplicidade teórica com essa lingüística, pelo menos no seu fonologismo congenial” (DERRIDA, 2002, p.182). A contribuição de Derrida a respeito do modo original de formalização do freudismo é importante abertura para a discussão dos modos de inserção da psicanálise no novo espírito científico.

É difícil ignorar que qualquer tentativa de estabelecer a relação do freudismo com a construção científica terá que passar pela questão da escritura, aquela que a linguagem opera na constituição do psiquismo; a escritura dos aparelhos de descrição, formalização, abordagem e articulação da experiência clínica com a construção dos conceitos, sem deixar de mencionar também os efeitos de escritura do tratamento psicanalítico.

O *Projeto* foi o primeiro desses aparelhos de escritura e abriu o caminho metodológico de construção do que se seguiu na letra de Freud nas quatro décadas seguintes.

REFERÊNCIAS

ANZIEU, Didier. A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise. Tradução Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ANZIEU, Didier. *El autoanálisis de Freud y el descubrimiento del psicoanálisis*. Tradução Ulisses Guinazú. 2 ed. v1. Madrid: 1980.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Metapsicologia freudiana, uma introdução*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ASSOUN, Paul-Laurent. *El freudismo*. Tradução Tatiana Sule Fernández. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2003.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Tradução Juvenal Hahne Júnior. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 2000.

BARBOSA, Elyana. L'histoire des sciences selon G. Bachelard, Koyré et Canguilhem: une lecture discontinuiste. *Cahiers Gaston Bachelard*, Dijon, n.4, p. 43-50, 2001.

BARBOSA, Elyana. *Gaston Bachelard, o arauto da pós-modernidade*. Salvador: Edufba, 1996.

BARBOSA, Elyana. Gaston Bachelard e o racionalismo aplicado. *Cronos: dossiê Gaston Bachelard. Revista do Programa de pós graduação em ciências sociais da UFRN*. Natal, v.4, n.12, p.33-37, dez/jan 2003.

BREUER, Joseph [1893]. Considerações teóricas. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 2. p.237-308.

BROOKE, H.B. Science and Religion. In: OLBY, RC; CANTOR,GN; CHRISTIE,JRR & HODGE (Org.) *Companion to the history of modern science*. London: Routledge, 1996. p.763-782.

BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Tradução Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BUTTERFIELD, H. *The origins of modern science*. New York: The Free Press, 1965.

CANGUILHEM, George. *Etudes d'histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie*. Paris: Vrin, 2002.

CANGUILHEM, George. *La formation du concept de reflexe aux XVII et XVIII siècles*. 2.ed. Paris: Vrin, 1977.

CHALMERS, Alan. O que é ciência, afinal? Tradução Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DAUMAS, M. (Org). Experimentation et mesure. In: _____. *Histoire de la science: des origines au XX siècle*. Paris: Encyclopédie de la pléiade: Gallimard, 1957. p.1.651-1.655.

DERRIDA, Jacques. Freud, a cena da escritura. Tradução Maria Beatriz Nizza da Silva. In: _____. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p.179-227.

EINSTEIN, Albert. *Nobel Prize Lecture*, 1921. Disponível em <<http://nobelprize.org/physics/laureates/1921/einstein-lecture.html>>. Acesso em: 21 jun. 2006.

FERRATER MORA, J. *Diccionario de Filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, 1982. 4v.

FEYMAN, Richard. *Six easy pieces*. New York: Addison-Wesley, 1997.

FREIRE Jr, Olival. Novo tempo, novo espaço, novo espaço-tempo: breve história da relatividade. In: ROCHA, JFM (Org.) *Origens e evolução da história da física*. Salvador: Edufba, 2002. p.283-297.

FREUD, Sigmund [1914] A história do movimento psicanalítico. In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.14, p. 16-82.

FREUD, Sigmund [1937] Construções em análise. In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.23, p.289-304.

FREUD, Sigmund. Correspondência de amor e outras cartas, 1873-1939. Tradução Agenor Soares dos Santos. Editor Ernest Freud. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FREUD, Sigmund [1895]. Entwurf einer Psychologie (1950). In: *Gesamwelte Werke*, Frankfurt: Machtragsband. Fisher Verlag, 1987. v.1, p.387-475.

FREUD, Sigmund e BREUER, Joseph [1893]. Estudos sobre a histeria . In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.2, p. 41-367.

FREUD, Sigmund [1905] Fragmento da análise de um caso de histeria. In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.7, p. 5-119.

FREUD, Sigmund [1896] Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa. In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.3, p. 187-211.

FREUD, Sigmund. [1915} O inconsciente. In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.14, p. 183-245.

FREUD, Sigmund [1915]. Os instintos e suas vicissitudes. In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.14, p. 137-162.

FREUD, Sigmund [1895]. Projeto para uma psicologia científica. In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.1, p. 395-506.

FREUD, Sigmund. [1895] Projeto de uma Psicologia. In: GABBI JR., Osmyr. *Notas a Projeto de uma Psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Tradução Osmyr Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p.175-260.

FREUD, Sigmund [1925] Um estudo autobiográfico. In:_____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.20, p. 17-92.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

GAY, Peter. *Freud, uma vida para nosso tempo*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HACKING, Ian. Probability and Determinism, 1650-1900. In: OLBY, CANTOR, CHRISTIE & HODGE (orgs.) *Companion to the history of modern science*. London: Routledge, 1996. p.690-701.

HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOBBSAWN, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. Tradução S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução Júlio Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 3v.

KOYRÉ, Alexandre. Orientation et projets de recherches (11-15). In: *Études d'histoire de la pensée scientifique*. Gallimard: Paris, 2003. p.11-15.

KOYRÉ, Alexandre. Perspectives sur l'histoire des sciences . In: *Études d'histoire de la pensée scientifique*. Gallimard: Paris, 2003. p.390-399.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. Tradução Vera Ribeiro. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.869-892.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e científico da filosofia*. Tradução Correia, Aguiar, Torres e Souza. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MANNONI, Octave. *Freud, uma biografia ilustrada*. Tradução Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887- 1904*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MOREL, Pierre. *Dicionário Biográfico PSI*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

OTTONI, Vitória Eugenia Carvalho. *Le corps vivant, topos du symptôme*. Paris: Université de Paris 7 Denis Diderot, UFR Sciences Cliniques, École Doctorale de Recherches en Psychanalyse, jan. 2003.

PORGE, Erik. *Freud/Fliess: mito e quimera da auto-análise*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RIBEIRO FILHO, Aurino. Os quanta e a física moderna. In: ROCHA, JFM (Org.) *Origens e evolução das idéias da física*. Salvador: Edufba, 2002. p. 299-359

RODRIGUÉ, Emilio. *O século da psicanálise: 1895-1995*. São Paulo: Escuta, 1995. 3v.

RODRIGUÉ, Emilio. História do Projeto. *Letra Freudiana: 100 anos de Projeto Freudiano*, Rio de Janeiro, Revinter, ano14, v. 15, n.15, p.3-10, 1995.

RUSSELL, Bertrand. *ABC da relatividade*. Tradução Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

RUSSELL, Bertrand. *História do pensamento ocidental*. Tradução Laura Alves e Aurélio Rebello. 5. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SAMAJA, Juan. *Epistemología y metodología, elementos para una teoría de la investigación científica*. Buenos Aires: Eudeba, 1994.

SOUZA, Paulo César. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática, 1999.

STRACHEY, James. Apêndice a Neuropsicoses de defesa: A emergência das hipóteses fundamentais de Freud.. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. 23 ed. Tradução e direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. v.3, p.75-82.

STRACHEY, James. Introdução do editor inglês aos artigos sobre metapsicologia (1915). In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. 23 ed. Tradução e direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. v.14, p.123-125.

STRACHEY, James. Introdução ao Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.1. p.381-393.

STRACHEY, James. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: a comunicação preliminar. Nota 1. In: FREUD, Sigmund. e Breuer, Joseph.. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. 23 ed. Tradução e direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. v.2, p.41-59.

VIDAL, Eduardo Alfonso. Proton pseudos. *Letra Freudiana: 100 anos de Projeto Freudiano*. Rio de Janeiro, Revinter, v. 15, ano 14, n.15, p. 41-48, 1995.

VIALARD, R. L'univers microphyque et la pensée scientifique. In: DAUMAS, M. (Org). *Histoire de la science: des origines au XX siècle*. Paris: Gallimard. 1957. p.1.048-1.049.

ANEXO A

Tradução da Introdução do livro “La formation du
concept de reflexe aux
XVII et XVIII siècles”, de Canguilhem

CANGUILHEM, Georges. *La formation du concept de reflexe*. Paris: Vrin, 1977.
Introduction pp. 3-7.

Tradução não autorizada para uso interno do Grupo de Pesquisa em Epistemologia Freudiana do Campo Psicanalítico de Salvador.

<http://www.campopsicanalitico.com.br/index.php?blog=18&p=323>

Tradução: Elaine Starosta Foguel

Revisão: Jairo Gerbase.

[Versão Word](#)

INTRODUÇÃO

(P.3) Não se tem distinguido muito bem, de um modo geral, nos estudos de inegável amplitude relativos à história das pesquisas sobre o movimento reflexo, entre a descrição dos fenômenos de automatismo neuro-muscular, o estudo experimental das estruturas atômicas e de suas ligações funcionais, a formulação do conceito, e sua generalização em uma teoria. Assim se explicam as divergências surpreendentes entre os historiadores da biologia, ou entre os biólogos que produzem breves histórias, quanto à atribuição do mérito de originalidade ou de antecipação para tal ou qual autor.

Se propomos uma focalização histórica e crítica, levando em conta a distinção dos pontos de vista muito freqüentemente confundidos, não é em vista de simplesmente concertar os erros, tarefa de zelo à base de erudição, mas bem em vista do ensino que pode daí se extrair para a história da ciência e para a epistemologia. Com efeito, a razão última da existência de versões históricas discordantes parece conduzir a dois preconceitos assaz difundidos. Um concerne a todas as ciências e consiste em pensar que um conceito não pode inicialmente aparecer a não ser no contexto de uma teoria, ou pelo menos numa inspiração heurística homogênea àquela nos quais os fatos de observação correspondentes serão mais tarde interpretados. O outro concerne mais especialmente à biologia e consiste em pensar que nessa ciência só as teorias de estilo mecanicista conduziram a aplicações fecundas e a aquisições positivas.

Sabe-se que, na segunda metade do século XIX, o reflexo era universalmente examinado pelos fisiologistas como um elemento de composição de todo movimento animal, segundo leis de complicação que uma concepção mecanicista da vida despojou de todo valor teleológico. A esse pretensão fato adquirido, os trabalhos de Sherrington (1906), sem no entanto constituírem um retorno à teleologia biológica, provocaram, não obstante, um corte decisivo. O reflexo não é, segundo ele, um fenômeno elementar, de simplicidade linear e geométrica, porém a (P.4) manifestação mais simples, isso é, menos complexa, do próprio poder integrativo do sistema nervoso, pelo qual o organismo animal existe como um todo. O reflexo não é mais uma unidade de conversão de excitação elementar em um movimento elementar. Ele já é uma unificação ou sistematização pela qual uma convergência de influxos nervosos, excitadores ou inibidores, provoca uma sinergia muscular. Os trabalhos de Bethe, de Von Weizsäcker, de Goldstein em cujas conclusões M. Merleau-Ponty propiciou uma grande audiência no público francês de filosofia, [1] reforçaram ainda mais a desconfiança perante o dogma da realidade biológica do arco-reflexo elementar. [2] Ele quase não subsiste mais hoje em dia, a não ser nos manuais de ensino secundário. Porém, no século XIX, a teoria mecanicista, fundada sobre a generalização de um conceito cujos elementos de compreensão haviam parado em torno de 1850, ressoou retroativamente sobre a concepção comum que se fazia de suas origens. Um fenômeno que fundava, entre vários outros, porém dentre eles de forma eminente, uma explicação mecânica da vida animal, parecia logicamente não ter podido ser descoberto e estudado a não ser por um biólogo mecanicista. Se a lógica da história das teorias indicava um mecanicista, a história da filosofia o nomeava, Descartes. Esse acordo parecia fechar a discussão, sem que se pudesse saber e inclusive sem que se quisesse saber se a lógica confirmava a história ou então se ela lhe havia inspirado. De um fato incontestável, que Descartes propõe uma teoria mecânica do movimento involuntário, do qual certos exemplos, muito bem descritos por ele, são efetivamente isso que se deveria chamar no século XIX de reflexos, se tirou a conclusão, por uma antecipação sub-reptícia do porvir, que Descartes havia descrito, nomeado e concebido o reflexo, pois é para explicar (P.5) todos os fenômenos dessa ordem - que ele explicou da sua maneira -, que a teoria geral do reflexo veio à luz.

Parece-nos que resta pouco de tal quadro histórico, ao fim da leitura rigorosa da obra biológica de Descartes, quando essa leitura é mais atenta à verdade do que à glória de Descartes - capaz outrossim de suportar sem grande dano essa redução - no grau de parentesco com a nobreza com o qual a teoria mecanicista do reflexo gostaria de se orgulhar. Ao se deter apenas no conceito de reflexo, tal como se podia enunciá-lo em 1853, quando Pflünger formulou o que ainda chamamos as "leis", é certo que todos os elementos de sua compreensão lógica permaneceriam imutáveis suprimindo-se do pensamento as hipóteses e observações do Descartes anatomista e fisiologista.

Nós pensamos, pessoalmente, que em matéria de história das ciências os direitos da lógica não devem se apagar diante do direito da lógica da história. De sorte que, antes de ordenar a sucessão das teorias segundo a lógica de suas conveniências e de sua homogeneidade de inspiração, é necessário inicialmente se assegurar, em presença de uma dada teoria onde se procura descobrir tal ou qual conceito implícito ou explícito, que se faça uma idéia da qual todo cuidado de coerência interna não esteja ausente. Sem isso, chegaríamos ao

paradoxo que a lógica é em todos os lugares salvo no pensamento dos eruditos, e que pode haver uma lógica da sucessão das doutrinas nelas mesmas indiferentes à lógica. Mesmo se a lógica da não contradição é tida como ultrapassada, mesmo se nós substituirmos o termo de lógica por um termo atualmente mais prestigioso, isso não mudaria em nada o assunto. Mesmo se as doutrinas são supostas se engendrar dialeticamente, resta que a norma de uma teoria científica não é a norma de uma fabulação, sonho, ou conto de fadas. A teoria em questão, uma vez que dela não subsiste quase nada hoje em dia da ordem de seus princípios, não pode, no entanto ser dita falsa a não ser em razão de um julgamento suportado sobre os princípios, segundo as ligações desses com as consequências julgadas, o que implica que as peças da doutrina sejam supostas de se ajustarem de outra forma que pela inconseqüência, e os conceitos se comporem de outra maneira que pela justaposição.

Agora somos conduzidos a procurar as filiações conceituais numa direção diferente. Ao invés de se perguntar qual o autor cuja teoria do movimento involuntário prefigura a teoria do reflexo em curso no século XIX, somos de preferência levados a nos perguntar o que uma teoria do (P.6) movimento muscular e da ação dos nervos deve circunscrever para que uma noção, como aquela do movimento reflexo, recobrando a assimilação de um fenômeno biológico a um fenômeno ótico, encontre nesse lugar um sentido de verdade, isto é, primeiramente um sentido de coerência lógica com um conjunto de outros conceitos. Se esse conceito logicamente esboçado, ou formado em um contexto tal, se encontra ulteriormente captado por qualquer teoria que o utiliza num contexto e num sentido diferente dos primeiros, isso não faz com que o dito conceito seja condenado, a não ser mais na teoria inicial, do que uma palavra vazia de sentido. Pois há certos conceitos teoricamente polivalentes, como a reflexão e a refração da luz em relação à teoria corpuscular e à teoria ondulatória. Exclui-se, em todo caso, que o vigor de um conceito num terreno teórico dado possa constituir uma presunção suficiente para limitar aos terrenos teóricos de mesma composição a pesquisa dos lugares do seu nascimento.

E assim que temos, não certamente descoberto Willis, às vezes já nomeado no século XIX pelos fisiologistas que dispensaram alguma atenção à história do reflexo, porém buscado confirmá-lo numa posição, posição essa que concordamos apenas em conferir a ele até o momento, sem argumentos de direito suficientes para colocar fim a toda contestação ou rivalidade. Para demonstrar a solidez, a duração, não nos referimos à invariabilidade, do conceito formado por Willis, para estabelecer a filiação entre Willis e os primeiros fisiologistas aos quais seus sucessores do século XIX reconheceram os meios e os méritos realmente científicos, Marshall Hall e Johannes Muller, tivemos que liberar o conteúdo e o sentido de certos trabalhos e retrazar a história de certos problemas que ocorreram ao longo de um século e meio. Devíamos igualmente fazer o balanço dos conhecimentos concernentes ao músculo e ao nervo no tempo de Descartes, o que nos obrigaria a partir dos primeiros autores cujos textos estavam a nossa disposição, Aristóteles e Galileu, nos quais podíamos nos fiar sem passar pelos doxógrafos.

Encontrar-se-á, então, no nosso estudo um sumário da evolução dos conhecimentos biológicos concernentes à fisiologia do nervo e do músculo, de Aristóteles até o fim do século XVIII. A dissociação dos estudos concernentes a um e outro órgão é impossível até esse período. O nervo foi inicialmente estudado em função de suas relações com o músculo. Não é que, por sua vez, os problemas das vias de sensibilidade não sejam tão velhos quanto a dor do homem. Porém, o interesse concedido ao movimento é, ao mesmo tempo, muito imperioso e maior. (P.7)O movimento é, para o homem, o único sinal no qual ele reconhece, para todo outro ser vivo, que não seja ele mesmo, a presença de uma sensibilidade. Impassibilidade é, à primeira vista, imobilidade. Viver de modo animal é se mover. Por essa razão Bichat notou que, enquanto a locomoção e o movimento em geral se reduzem progressivamente ao longo da velhice, o organismo retorna à condição vegetal “que não vive senão no interior e para o qual toda natureza está em silêncio”. [3] É então, por uma razão que toca a especificidade essencial da vida animal que a história do reflexo e a história da contração dos músculos estão tão intimamente ligadas.

A essa razão se acrescenta uma outra que extraiu não somente a especificidade essencial, mas à dignidade eminente que com ou sem motivo o homem atribui à vida humana. Ora, a consciência da dignidade não é somente a consciência de um fato de sucessão, mas, sobretudo um direito de dominação. A essência da dignidade é o poder de comandar, é o querer. De onde a atenção dedicada a delimitar dentre os movimentos aqueles que são somente de animais, e os que são expressamente humanos, voluntários ou racionais. A distinção do movimento voluntário e do movimento involuntário ainda não desapareceu das obras de fisiologia. O movimento voluntário oferece não obstante alguma resistência à tarefa do fisiologista se ele quer conservar a significação originária no quadro de uma explicação puramente objetiva. Na definição que ele dá se dissimulam algumas armadilhas de subjetividade. É mais confortável deslocá-las do que as destruir. De todo modo, os fisiologistas ficam mais à vontade quando falam dos reflexos. O número de páginas que eles lhes consagraram testemunha deveras que a fisiologia do automatismo é mais fácil de fazer que a fisiologia da autonomia.

[1] La structure du comportement, Paris, P.U.F., 1942.

[2] “O reflexo mais uniforme em aparência, comporta na realidade as inflexões que o acomodam às circunstâncias. O ângulo da reflexão não se iguala jamais ao da incidência. É suficiente evocar os trabalhos de Goldstein e o proveito notável que M. Merleau-Ponti e M. Ruyer acabaram de tirar em benefício da tese que defendemos. Também só subsiste um pouco das teorias radicalmente mecanicistas do reflexo. Todo reflexo testemunha uma adaptação ao menos limitada. Nenhum justifica plenamente seu nome, de ressonância óptica: nenhum é inteiramente reflexo.” M. PRADINES, Douleur et finalité, in Revue de métaphysique et de morale, avril 1947, p.159-160.

Ver também um bom resumo das críticas modernas da noção de reflexo, do ponto de vista da neurologia e da psiquiatria, nos artigos de Henry Ey: *Système nerveux et troubles nerveux*, in *L'évolution psychiatrique*, 1947, p.74-75; *Les theories reflexologiques de Pavlov et la psychiatrie*, *ibid.*, p.206-209.

Ver, finalmente, sobre os limites da explicação pelo reflexo em psicologia animal, F.J.J.BUYTENDIJK, *Traité de psychologie animale*, chap.IX: "Les reflexes", Paris, P.U.F., 1952.

[3] *Recherches physiologiques sur la vie et la mort*, primeira parte, art. X, parágrafo 1: La vie animal cesse la première dans la mort naturelle.